ALDIR SANTOS DE PAULA

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS YAWANAWÁ DO ACRE

UNICAMP
2004

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRC ITF

ALDIR SANTOS DE PAULA

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS YAWANAWÁ DO ACRE

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

Instituto de Estudos da Linguagem
UNICAMP
2004

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
P281L
V ____ EX ____
TOMBO BC/58569
PROC 16 - 117 - 04
C ____ D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 24-06-04
Nº CPD ____

CM00198119-4
Bib id: 317253

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Paula, Aldir Santos de
P281L A língua dos Índios Yawãnawá do Acre / Aldir Santos de Paula. - - Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lingüística. 2. Língua indígena. 3. Língua pano. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Aldir Santos de Paula

e aprovada pela Comissão Julgadora em 14/04/04.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lucy Seki – Orientadora

Profa. Dra. Adair Pimentel Palacio

Prof. Dr. Angel Corbera Mori

Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti

Campinas, 27 de fevereiro de 2004.

Ao Povo Yawanawá

Para AnaMaria e Hanna

Por quem e para quem tudo ganha novo significado.

AGRADECIMENTOS

A Ana Maria, pelo apoio imprescindível nos momentos de questionamentos e pânico, pelo incentivo, por Hanna e, acima de tudo, por seu amor e cumplicidade.

Ao povo Yawanawá, pela hospitalidade, em especial Biraci Brasil, Juca Brasil, Fernando, Joaquim Tashkã, Raimundo Luís, Sales, Misi e aos professores Leda, Raimundinha, Aldelícia, Inácio, Alderina , Aldaíso, Júlia, João pela amizade dispensada.

A Maria de Fátima Souza Yawanawá, Francisco Luiz Yawanawá, Cristovão Barroso, Yawarani Yawanawá, pela dedicação e presteza na informação dos dados e pelo que me ensinaram.

A Professora Lucy Seki, orientadora desta tese, pela paciência, conselhos, confiança e pela amizade.

A Professora Adair Pimentel Palácio pelo incentivo e alegria e por todos aqueles pequenos gestos de grande significado.

Aos meus professores do IEL, pelo muito que me ensinaram e aos colegas da área de Lingüística Antropológica: Carla Cunha, Cristina Borella, Cilene Campetela, Flávia Alves, Rogério Ferreira, Frantomé Pacheco, Nekul Painemal, Luciana Dourado, pelo companheirismo.

Aos meus pais, Creuza e Severino, e minhas irmãs, que vêm ao longo deste tempo compreendendo as minhas ausências e incentivando o meu trabalho.

Aos amigos Inez e Luiz Geraldo Silveira, Stella e Marcos Lima, Maria e Sérgio Araújo, Selma e Walfredo Araújo, Odileiz Souza e Januacele Costa, pelo incentivo e amizade.

Aos professores Lucy Seki, Adair Pimentel Palácio, Angel Corbera Mori, Cristina Martins Fargetti e Marilda do Couto Cavalcanti, examinadores da banca de defesa, pela valiosa leitura e comentários que fizeram a esta tese.

A Universidade Federal de Alagoas e aos colegas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas pela licença para realizar o doutorado.

A CAPES / PICDT, pela bolsa de estudos concedida durante o curso de Doutorado.

A CPI-AC, nas pessoas de Nietta Monte, Renato Gavazzi, Vera Olinda, Malu Uchoa, Jairo Lima, Gleyson Teixeira, pela amizade, acolhida e discussões.

A SEC-AC, nas pessoas de Maria do Socorro Oliveira e Manoel Estébio, pela amizade e longas conversas.

E a todos aqueles que mesmo não citados nunca serão esquecidos.

SUMÁRIO

Introdução 21

I. Yawanawá: o povo e sua língua 23

1.1 Informações etnográficas 32

1.1.1 A questão dos etnônimos 25

1.2 Classificação lingüística 35

1.2.1 A língua Yawanawá 42

1.3 Metodologia de Pesquisa e Base Teórica 44

1.4 Estrutura do trabalho 47

2. Os sons da língua Yawanawá 51

2.1 Inventário dos fonemas 53

2.1.1 Consoantes 54

2.1.2 Vogais 59

2.2 A fonologia Auto-segmental 62

2.3 Sílaba 69

2.3.1 Estrutura silábica em Yawanawá 72

2.3.1.1 Inventário silábico 72

2.3.1.1.1 Onset 76

2.3.1.1.2 Núcleo silábico 81

2.3.1.1.3 Coda silábica 83

2.4 Silabificação 84

2.4.1 Vogais adjacentes 88

2.5 Tipos de segmentos 92

2.5.1 Consoantes 92

2.5.2 Vocóides 97

2.6 Processos fonológicos 100

2.6.1 Nasalização vocálica 101

2.7 Acento 106

3. Classes de palavras 109
3.1 Classes Abertas 113
3.1.1 Nome 113
3.1.2 Verbo 118
3.1.2.1 Tempo 119
3.1.2.1.1 Passado 120
3.1.2.1.2 Não-Passado 123
3.1.2.1 Aspecto 124
3.1.2.3 Modo 128
3.1.3 Adjetivo 138
3.1.4 Advérbios 140
3.2 Classes Fechadas 147
3.2.1 Pronomes 147
3.2.2 Numeral 159
3.3 Constituição morfológica das palavras 162
3.3.1 Processos de formação de palavras 163
3.3.1.1 Sufixação 164
3.3.1.1.1 Nominalização 164
3.3.1.1.2 Denominalização 166
3.3.1.2 Reduplicação 167
3.3.1.3 Composição 168
4. Sistema de marcação de caso 173
4.1 Ordem dos constituintes frasais 175
4.2 A questão da transitividade 181
4.3 Sistema de marcação de caso 185
4.3.1 Marcação de caso no sistema nominal 187
4.3.2 Marcação de caso no sistema pronominal 189

4.3.3 Cisão no sistema de marcação de caso 196
4.4 Distribuição da marca do caso ergativo no sintagma nominal 200
4.5 A oração em Yawanawá 205
4.5.1 Classificação das orações complexas 211
4.5.1.1 Orações subordinadas 212
4.5.1.2 Orações coordenadas 214
5. Conclusão 217
Referências Bibliográficas 225
Apêndices 239
I – Vocabulário Básico 241
II – História da criação 289
III – Informações sobre a fase pré-contato 295

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS YAWANAWÁ DO ACRE

RESUMO

Este trabalho apresenta uma descrição da fonologia e da morfossintaxe da língua Yawanawá, filiada à família lingüística Pano. Os Yawanawá habitam em aldeias às margem do rio Gregório, na região sul da Área Indígena do Rio Gregório, localizada no Município de Tarauacá, Estado do Acre.

O trabalho é composto por quatro capítulos, conclusão, bibliografia e três apêndices. O capítulo 1 apresenta informações etnográficas sobre o povo Yawanawá, apresentando sua localização geográfica, população e alguns dados históricos, bem como alguns aspectos relacionados à sua cultura. Trataremos ainda, neste capítulo, da classificação da família lingüística pano e da metodologia de pesquisa adotada no levantamento do material lingüístico utilizado neste trabalho. O capítulo 2 é dedicado à fonologia da língua e trata da descrição dos fonemas consonantais e vocálicos, da estrutura da sílaba, do acento e dos principais processos fonológicos detectados na língua, especialmente os relacionados com o processo de nasalização. O capítulo 3 é destinado ao estudo da morfologia e descreve a estrutura morfológica das palavras, dando destaque para os critérios para distinção das classes de palavras e os principais processos morfológicos. O sistema de marcação de caso da língua é o foco do capítulo 4. Serão discutidos os aspectos relacionados à ordem dos constituintes na estrutura frasal da língua e a relação destes processos com a questão da transitividade verbal. O material apresentado nos anexos está assim distribuído: 1) lista vocabular básica da língua Yawanawá; 2) textos narrativos sobre a história da origem do povo e sobre aspectos culturais relacionados à fase pré-contato.

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Línguas Pano; Língua Yawanawá; Marcação de Caso

A LÍNGUA DOS ÍNDIOS YAWANAWÁ DO ACRE

ABSTRACT

This work presents a phonological and morphossyntatic description of the Yawanawá language, an indigenous language of Pano family. The Yawanawá people lives in the villages alongside the Gregório river, in the South region of the Gregório River Indigenous Territory, at the municipal district of Tarauacá, State of Acre, Brazil.

The work consists of four chapters, a conclusion, the bibliography and three appendixes. The first chapter shows a general information about the people, including ethnography, history, physical setting and some aspects of the culture. This chapter also provides information about the methodology and the linguistic classification of the languages belonging to the Pano Family. The second chapter describes Yawanawá phonology, including an inventory of distinctive segments, syllable structure, stress and the main phonological processes detected in the language, especially the nasalization process. The third chapter deals with morphology and describes the criteria used to identify the lexical classes and the main morphological processes. Chapter four focuses on the case marking system. The author discusses the aspects related to the constituent order in the phrasal structure and the relation between these processes and the transitivity question. The appendix contains: 1) a basic vocabulary list; 2) narrative texts about the people's origin and facts about the precontact period.

Key-words:

Indian Languages - Pano Languages - Yawanawá Language - Case marking system

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

ø	forma foneticamente não-realizada
ˈ	acento primário
ˌ	acento secundário
[ ]	transcrição fonética
/ /	transcrição fonológica
.	fronteira silábica
?	item com significado não identificado
‘ ’	tradução livre
1s	1ª pessoa singular
1p	1ª pessoa plural
2s	2ª pessoa singular
2p	2ª pessoa plural
3s	3ª pessoa singular
3p	3ª pessoa plural
A	agente
Abs	absolutivo
AnF	ação não-finalizada
ADif	agentes diferentes
Adj	adjetivo
AF	ação Finalizada
AP	ação passada
Asp	aspecto
Ben	benefactivo
C	consoante
Caus	causativo
Con	conectivo
Com	comitativo

Decl	declarativo
Dem	demonstrativo
Des	desiderativo
Dir	direcional
Enf	ênfase / enfático
Erg	ergativo
Foc	foco
Hab	habitual
Hum	humano
Imp	imperativo
Instr	instrumental
Int	interrogação / interrogativo
Loc	locativo
Mod	modo
N	nome
Neg	negação / negativo
Nex	nexo
NP	nome próprio
Pas	passado imediato
Pas1	passado próximo
Pas2	passado distante
Pas3	passado remoto
Pl	plural
Pos	possessivo
S	sujeito
SId	sujeito idêntico
SN	sintagma nominal
SV	sintagma verbal
Temp	tempo
Trans	transitivizador
V	vogal

INTRODUÇÃO

O estudo das línguas indígenas brasileiras tem se colocado como uma prioridade para os estudos lingüísticos no Brasil, não só pela carência de estudos na área, como também pelas contribuições para o estudo da linguagem humana. Além disso, uma pesquisa sobre uma língua da família lingüística Pano proporcionaria um maior conhecimento desta família lingüística, que, no Brasil, se distribui entre os Estados do Acre, Rondônia e Amazonas. No Acre, a família pano está representada por dez línguas, entre as quais a Yawanawá, foco de estudo deste trabalho, que tem por objetivo realizar uma análise fonológica e morfossintática da língua, usando como eixo o sistema de marcação de caso.

O nosso contato com a língua e, por conseqüência, com o povo, deu-se através dos professores indígenas Yawanawá que estudavam nos cursos de formação de professores indígenas patrocinados pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC) e a escolha pela língua pode ser justificada pelo fato de que, das línguas pano participantes do Projeto de Formação, a mesma era uma das que ainda não possuía descrição lingüística. Esperamos, portanto, que os resultados da pesquisa possam contribuir de alguma forma para a implementação do ensino da língua no processo escolar requerido pelo grupo, como uma forma de retorno aos falantes da mesma.

Durante todo o período de levantamento de dados, o povo Yawanawá sempre se mostrou hospitaleiro e receptivo ao trabalho, o que representou uma motivação

extra durante a viagem entre a sede do município de Tarauacá e a Aldeia Nova Esperança, nas margens do rio Gregório, que dura, em média e em condições 'ideais', uma semana, apenas uma das etapas de ida ou de volta. Por estas e outras razões, procuramos desenvolver um trabalho que possa colaborar de alguma forma com o esforço de valorização lingüística e cultural empreendido pelo povo Yawanawá.

1. YAWANAWÁ: O POVO E SUA LÍNGUA

1.1. INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Desde os tempos imemoriais, os Yawanawá[1] [2], grupo étnico pano, habitam às margens do rio Gregório, afluente do Juruá e, certamente, dividiam este território com outros povos indígenas. Embora o rio Gregório fosse de fácil acesso, tendo sua exploração se iniciado por volta de meados do século XIX, as informações sobre os povos indígenas da área, notadamente sobre os Yawanawá, são bastante esparsas. É difícil estabelecer, portanto, uma cronologia precisa dos fatos referentes à fase pré-contato, bem como em relação ao contato entre os povos indígenas e a sociedade não-índia. Toda essa carência de informações etnográficas sobre os Yawanawá justifica a nossa tentativa de estabelecer o maior número possível de dados, coletados junto ao povo ou em fontes externas ao mesmo, com o fim de garantir um acervo de informações que proporcione um maior conhecimento sobre o povo.

Dos trabalhos de missionários e viajantes deste período, podemos citar os de Tastevin (1919 / 1924 / 1925 / 1926 / 1928), Castelo Branco (1947 / 1950) Carvalho (1931 / 1955), etc. De acordo com estas referências, em 1775, R. Sampaio já explorava o vale do rio Juruá, registrando "77 tribus silvecolas" como habitantes da região (Mendonça, 1989: 80). A exploração do rio Gregório, que tem esse nome em homenagem ao cozinheiro da equipe de exploradores chefiada pelo inglês William Chandless, teve início

---

[1] Yawa = Queixada Nawá = povo , o povo da queixada.

[2] No anexo 02, apresentamos uma versão em português de um texto que explica a origem do nome Yawanawá.

efetivamente em 1867, mas foi apenas em 1883, que "homens a procura do látex" chegaram à foz do rio Gregório (Tastevin, 1928: 213).

Mesmo sem a confirmação de registros históricos, é possível hipotetizar que os povos indígenas habitantes do rio Gregório já haviam mantido contato com não-índios, brasileiros ou peruanos, e, este processo se deu, segundo as narrativas do povo, de forma belicosa e, por conseqüência, quanto maior era a ocupação maiores eram os contatos belicosos, ocasionando, por conta disso, a migração dos povos para as cabeceiras dos rios. "Todos os índios do grupo Pano tinham então uma reputação, talvez exagerada, de ferocidade selvagem e cruel. Centenas deles foram massacrados sem piedade pelos civilizados e, sobretudo, pelos semi-civilizados do Peru" (Tastevin, 1924: 67). Segundo a literatura consultada, os Yawanawá foram 'amansados' por Ângelo Ferreira da Silva, no ano de 1905 (Tastevin, 1926: 47). A partir daí os costumes foram gradativamente se alterando, o que implicou numa completa reorganização sócio-cultural e religiosa.

A moradia foi um dos aspectos que mais sofreu transformações, passando de uma construção, chamada kupixaw, onde todos habitavam coletivamente, para construções individuais ou familiares. Atualmente, os Yawanawá moram em casas construídas com madeira, quase sempre paxiubinha ou paxiubão, sendo a coberta feita com uma palmeira chamada jarina. Devido à dificuldade na obtenção da palha, algumas famílias estão preferindo cobrir suas casas com telhas de alumínio (zinco) , que além de gerar dependência de recursos externos à aldeia, são muito barulhentas no período das chuvas e retém o calor solar no verão. As casas são construídas em estilo amazônico, à maneira das construções não-índias regionais, com divisórias internas para sala(s), quarto(s) e cozinha

ou ainda sem nenhuma divisória senão o quarto. Em algumas construções, a cozinha fica fora da casa.

Segundo a tradição Yawanawá, um homem deve morar junto ao sogro e trabalhar para ele a partir do momento que deseja casar com sua filha. Com o nascimento dos primeiros filhos, entretanto, é possível que o casal construa uma casa próxima a dos sogros, mantendo a mesma relação anterior. Embora seja a prática ideal segundo a cultura, esta não tem sido a mais comum, não só por conta dos valores recém-incorporados, bem como pelo número de casamentos interétnicos, com membros de outros povos indígenas e também com não-índios. As 'leis do casamento' consideram que o par ideal deve ser formado por 'primos legítimos', filhos de irmãos de sexo diferente, ao mesmo tempo em que existe uma proibição de casamentos entre 'primos carnais', filhos de irmão de mesmo sexo.

Apesar dos quase cem anos de contato, os meios de subsistência foram fracamente alterados ao longo do último século, com exceção de produtos como sal e açúcar que passaram a ser indispensáveis na dieta deste povo. A subsistência é baseada no trinômio: agricultura, caça e pesca. Na primeira, o principal produto é a macaxeira, para os mais variados fins e utilidades. Feijão, milho, amendoim, batata-doce, mamão e banana também são plantados. Na limpeza do terreno para o plantio, conhecida como broca, são período que antecede a estação das chuvas que vai de novembro a maio.

As demais atividades são amplamente executadas durante todo o ano. A caça é feita individualmente com espingarda e ajuda de cães. Os animais preferidos para a caça são a queixada, o caititu, o veado, a anta e a paca. A pesca é feita com anzol, tarrafa, arpão ou com o tingui, uma planta da mata que pode ser cultivada nos roçados e serve para

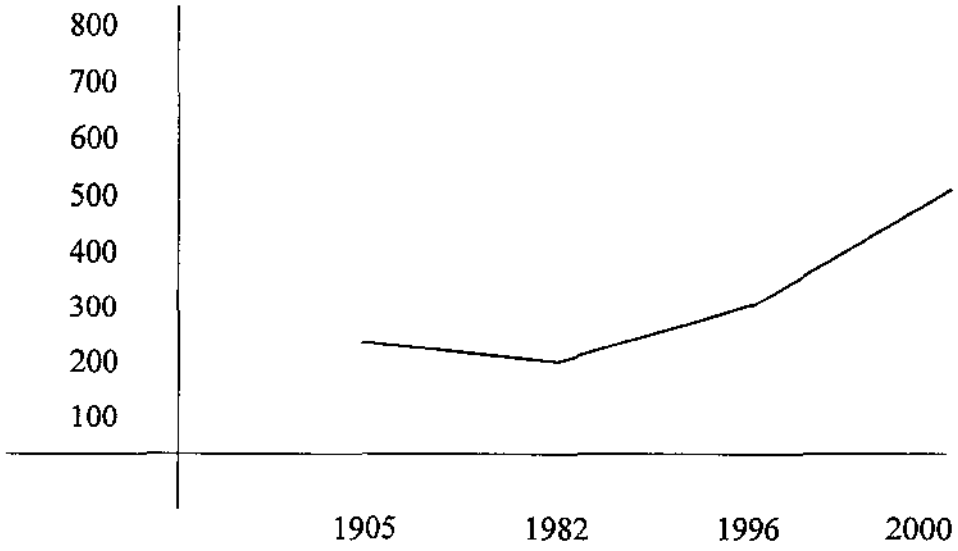
retirar o oxigênio da água e atordoar os peixes para que possam ser capturados mais facilmente com as mãos. Este tipo de pesca, geralmente, é feito em pequenos igarapés, poços ou curvas do rio no período da estiagem. De acordo com as observações realizadas, as espécies de peixes mais freqüentes são: pacu, mandim, surubim, traíra, bodó, mocinha, cachorra e curimatã. Até onde pudemos observar, não existe nenhum tabu alimentar, salvo em relação a alguma situação cerimonial ou dieta decorrente da ingestão de plantas medicinais da mata.

As informações sobre a adoção de nomes pessoais são bastante complexas. Atualmente, quando a criança nasce, existe o costume de adoção de um nome por parte do pai e outro por parte da mãe, quase sempre o nome de seus respectivos pais, mas isto terá, certamente, pouca influência quanto ao nome final escolhido pela pessoa ou pela comunidade. O uso de apelidos é muito freqüente e quase sempre se relaciona ao tipo físico da criança ou a algum animal. A multiplicidade de apelidos é tal que encontramos uma criança que atendia / aceitava seis apelidos simultaneamente. O nome definitivo da criança é quase sempre um nome, indígena ou não, que tenha 'pegado', de forma que, embora muitos índios tenham registro civil ou ainda tenham sido batizados, quase sempre o nome pelo qual a pessoa é conhecida não é, na maioria das vezes, exatamente nenhum dos presentes nos documentos.

A população Yawanawá habita atualmente em quatro aldeias: Nova Esperança, Escondido, Mutum e Tibúrcio, todas à margem do rio Gregório, e em várias colocações, que são lugares em que podem morar uma ou várias famílias. Estes núcleos tiveram início na década de 1992, quando, por questões de melhor acesso durante a estação

seca, o povo migrou do Seringal Caxinauá, que fica nas cabeceiras do rio Gregório e é citado nas primeiras referências sobre o povo. Todas as aldeias ficam circunscritas à região sul da Área Indígena do rio Gregório, que possui uma extensão de 92.859.749 hectares, foi delimitada em 1984, homologada em 1991 e está localizada no Município de Tarauacá, Estado do Acre. A parte norte dessa área é ocupada pelo povo Katukina. Algumas famílias Yawanawá, pelos mais variados motivos, fixaram residência em Tarauacá e outras passam parte do ano ou alguns meses nesta mesma cidade.

Os dados sobre população são bastante controversos. Segundo as narrativas, o número de índios à época do contato era de cerca de duzentos. Em 1982, na Síntese Antropológica para delimitação da Área Indígena do rio Gregório, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) registrou uma população de 161 pessoas. Em 1996, a população Yawanawá era estimada em 270 pessoas (CPI-AC, 1996) e atualmente, a Organização dos Agricultores Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYERG) calcula uma população de 480 indivíduos. Este aumento populacional pode ser creditado à melhoria nas condições sanitárias ou ainda pelo acesso mais fácil e rápido aos serviços de saúde, conseqüência da implantação de um posto de saúde na década de noventa e do deslocamento do seringal Caxinauá para a Aldeia de Nova Esperança. Embora dados sobre população devam ser encarados de maneira relativizada, os dados apresentados acima são melhor visualizados no quadro abaixo:



Quadro I – População Yawanawá

Desde 1992, o povo Yawanawá vem se organizando, de forma a garantir alternativas de sobrevivência, com a exploração de produtos ecologicamente viáveis, como a exploração de urucum e o beneficiamento da borracha. Os dois projetos se viabilizaram através de contratos de fornecimento de produtos de base agro-extrativista com a Empresa Aveda, de origem americana, para a fabricação de produtos cosméticos, e com a empresa brasileira Couro Vegetal da Amazônia. Estes projetos têm garantido um suporte extra na manutenção econômica do povo, além de possibilitar uma alternativa para a exploração econômica de produtos não derivados da madeira. Estes contratos são negociados pela OAEYRG, que possui um escritório na cidade de Tarauacá.

A partir da década de sessenta, o povo passou a receber educação formal através da Missão Evangélica Novas Tribos do Brasil. Sem entrar no mérito da questão de

forma mais específica, este modelo educacional[3] baseava-se na presença de professores não-índios na aldeia e em um trabalho centralizado inicialmente na alfabetização em língua indígena, utilizando cartilhas de alfabetização e livros de leitura escritas na língua do povo, passando gradativamente para o ensino da língua portuguesa à medida que se esgotavam os conteúdos didáticos dos materiais escolares usados, além, é claro, do proselitismo religioso a que o povo era submetido. (Monte, 1987). No final de 1985, esses missionários foram expulsos da aldeia, o que ocasionou a interrupção do trabalho que vinha sendo desenvolvido, embora muitos índios já estivessem convertidos à igreja batista. Desde 1983, no entanto, alguns professores indígenas, indicados pela comunidade, vêm participando de cursos de formação, desenvolvidos pela CPI-AC. Tais cursos são guiados por princípios e objetivos em que o direcionamento pedagógico é implementado no sentido de garantir um processo diferenciado, específico e autônomo, quando possível, na construção de um modelo escolar indígena.[4]

Esta construção se dá através de cursos de formação, quando refletem, de maneira sistemática, sobre o fenômeno da linguagem de maneira geral e sobre suas respectivas línguas indígenas, em particular; sobre as capacidades relacionadas à aquisição de conhecimento das disciplinas relacionadas à formação enquanto professor; sobre os tipos de materiais didáticos (cartilhas e / ou livros) a serem produzidos com fins escolares. Os cursos de formação possibilitaram a discussão e a conseqüente emergência das convenções ortográficas para as línguas indígenas. Como decorrência desse processo,

[3] Para uma discussão mais ampla sobre as características e as conseqüências destes modelos educacionais para os povos indígenas acreanos, consulte Cavalcante & Maher, 1993.

atualmente, todas as línguas indígenas envolvidas com o projeto de formação já possuem convenções ortográficas em pleno uso.

A reflexão sobre a recente aquisição da escrita por parte desses povos indígenas acreanos vem gerando, quando necessário, um contínuo processo de ordenamento desses sistemas, resultante da prática pedagógica dos professores índios e de um maior conhecimento sobre suas línguas, que vem paralelamente se desenvolvendo ao longo das sucessivas etapas do curso de formação.

Aconteceu, em 2000, a primeira formatura para o magistério indígena do Estado do Acre e do total de doze professores indígenas formados dois eram Yawanawá.

Atualmente, quando os alunos indígenas Yawanawá concluem o ensino fundamental, normalmente, procuram a cidade de Tarauacá para continuar seus estudos. O número destes, entretanto, é muito reduzido devido às dificuldades de ordem econômico-sociais que enfrentarão na cidade, o que limita o número de pessoas com escolarização média ou superior.

1.1.1 A Questão dos Etnônimos

Desde o início do século XVIII, os peruanos mantêm contato com os povos indígenas de língua Pano (Castelo Branco, 1950: 4). O mesmo não pode ser dito em relação aos povos que habitavam o atual Estado do Acre, que começou a ter uma

[4] Monte (1996) apresenta e discute a proposta da escola indígena acreana desenvolvida pela Comissão Pró-Índio do Acre

exploração sistemática por volta de meados do século XIX. Os povos contatados a esta época eram os 'Jaminâwa, Conibo, Tuchinauas, Catuquinas e Nauas' (Castelo Branco, op.cit: 6). Sobre esta última denominação não sabemos dizer se se trata de um grupo específico ou de um nome genérico atribuído a qualquer povo Pano. Embora as terras onde os Yawanawá tradicionalmente habitavam, segundo informações colhidas junto ao povo e confirmadas por informações bibliográficas, as cabeceiras do rio Gregório tenham sido fartamente descritas desde 1867, quando o inglês Chandless explorava a região, apenas em 1905, quando o cearense Ângelo Ferreira 'catequizou' diversos povos, 'encontrando-se aí, sobretudo, Yawanaua, Iskunaua, e Rununaua, e mais alguns Eskinaua, Vamunaua, Viúnaua e os Chande ou Chandenawa, assim como vários escravos da tribo Jaminauá' (Castelo Branco, 1950: 26 / Tastevin, 1926: 47) é que se tem notícias sobre o povo Yawanawá.

Esta referência, entretanto, apenas complica ainda mais a resolução sobre a questão da delimitação do ser / pertencer ao povo Yawanawá, tendo em vista que apenas uma pequena parcela do povo é considerada 'Yawanawá legítimo'. Pelos dados levantados, além dos não-índios que eventualmente estão morando na aldeia, existem pessoas que se denominam ou são consideradas como Kamanáwa, Shawãnáwa, Iskunáwa, Sainawá, Ushunáwa, Shanenáwa. Quais os aspectos relevantes na diferenciação entre os povos ?

Procurando responder a questão, poderemos seguir algumas pistas propostas pelo material bibliográfico consultado. Uma delas nos leva para o fato de que alguns povos eram conhecidos de maneira diversa de sua auto-denominação e que os nomes atribuídos pelos exploradores ou seringueiros, quase sempre, especificava um sinal ou uma marca característica de cada povo. Sobre este aspecto, Castelo Branco (op. cit.: 29)

associa os seguintes nomes: '*os Arara chamavam-se tachinauás, os catuquinas – Iskinauas ou Eskinauas, os Amauacas – Jaminauás*' e, considerando o que diz Tastevin (1925: 415):

> '*os Yawa-naua (javalis da América); os Bitinaua (biti, couro) dos escudos de pele de anta; os Isku-naua (isku, japiim, cássico, ostinops cristatus); os Sáwa-naua (sáwa, arara vermelha de cabeça grande) das margens do rio Gregório, que adotaram o nome enganador de katukina*'

e mais:

> *'ora, a tia do falecido Ângelo Ferreira, que viveu muito tempo entre eles, e que encontrei mais tarde, em fevereiro último, na capital do Tarauacá, me contou que um dia uma Tachi-nawa lhe disse, encolerizada: "Essas pessoas aí se dizem Katukina, mas é mentira! São Yawa-nawa (queixadas)!". Os Wani-nawa são portanto falsos Katukina que só adotaram este nome para escapar à inimizade dos brancos contra os Nawas' (Tastevin, 1924: 5).*

Embora o fato citado não seja nenhuma novidade, tendo sido a mesma estratégia adotada por outros povos em situação parecida, tais como os Kamanáwa, Naináwa, Warinawa, Numanawa e Satanawa, a opção pelo nome 'Katukina' , um povo considerado amigo dos civilizados (Tastevin, op,cit), representava uma proteção contra o massacre vivido na época do contato.

Outros fatos apontados por Tastevin (1924: 5), além dos já citados, chamam a nossa atenção, como por exemplo o agrupamento de remanescentes de vários grupos em

torno de um chefe Katukina (Mame) após uma epidemia de gripe e de varíola e a reunião de grupos como Yawanáwa, Rununáwa, Iskunáwa, entre outros sob o nome de Katukina feita por Ângelo Ferreira em 1905. (Tastevin, 1926: 47). A lista desses fatos serve apenas para ilustrar o processo histórico vivenciado pelos Yawanawá e sobre a necessidade de encontrar traços comuns que tornassem o povo coeso e estável ao longo dos últimos quase cem anos.

Pelo exposto, podemos afirmar que o povo Yawanawá é formado por remanescentes de vários povos, alguns destes já extintos e outros tendo apenas descendência, e embora estas divisões possam ser consideradas 'linhagens' segundo os próprios Yawanawá, isso não implica, salvo melhor juízo, em um sistema de metades ou clãs encontrados em outros povos Pano. Preferimos considerar que a coesão grupal se estabelece em torno de um modo de vida tradicional que vem sendo repassado pelos mais velhos, e, além dos traços de parentesco, a solidariedade grupal se estabelece de uma maneira bastante acentuada pela língua, que ao nosso ver, vem sendo um elemento de unidade entre os vários grupos étnicos em que se foi amalgamando no que conhecemos atualmente como o povo Yawanawá.

1.2. Classificação Lingüística

As línguas da família lingüística Pano são faladas por povos indígenas que estão distribuídos em três países: Bolívia, Brasil e Peru. O nome da família foi dado por Rauol de la Grasserie em 1890, quando ao estudar um grupo de seis línguas: Caripuna, Conibo, Cilino(?), Maxuruna (Mayoruna), Pakagwara e Wariapano ou Pano descobriu as

semelhanças entre as mesmas atribuindo o nome da última a todo o agrupamento lingüístico.

Em 1891, Brinton amplia o número de línguas para dezoito, propondo assim uma revisão na classificação proposta por De la Grasserie. Trinta e seis anos mais tarde, Rivet e Tastevin (1927) dividem a família Pano em três sub-grupos geográficos. O grupo I compreendia às línguas faladas nos rios Amazonas e Ucayali. O grupo II correspondia as línguas do rio Inambary e o grupo III ocupava as margens do rio Mamoré, Beni e Madre de Dios.

Além dessa, algumas classificações são consideradas importantes para a área: Nimuendaju (1932), Loukotka (1939), Mason (1950), Rivet e Loukotka (1952). A classificação proposta por Mason, embora tenha apresentado alguns problemas em relação aos nomes de alguns grupos (Kesinger, 1985: 226), caracterizou-se por sumarizar todas as classificações anteriormente propostas. O autor divide as línguas em três grupos, a sistemática adotada possibilitou uma nova organização das línguas em Pano Central, Pano Sul-Ocidental e Pano Sul-Oriental, como pode ser visto abaixo:

Pano Central

A. Chama (Ucayali)

1. Conibo
   a . Conibo
   b.Shipibo
   a. Caliseca, Sinabo (?)
   b. Manamabobo, Manava
   c.Setebo
   a.Sensi: Casca, Runubu, Ynubu, Barbudo, Tenti, Mananawa (?)
   b. Panobo: Pano, Pelado, Manoa , Cashiboyano.

2. Cashibo (Comabo)
   a . Cacataibo
   b. Cashiño
   c. Ruño
   d. Buninawa
   e. Carapacho (?)
   f Puchanawa
   g. Shirinó

B. Curina (Kulino)

C. Capanawa

1. Capanawa
   a. Buskipani
2. Remo
   a. Sacuya
3. Maspo
   a. Epetineri (Impenitari)
4. Nucuini
   a . Cuyanawa
5. Niarawa
6. Puyananawa (?)

D. Amawaca (amenguaca ?)

1. *Amawa*
   a .Cashinawa
   b. Sheminawa
   c. Inuvakeu
   d. Viwivakeu
   2. *Pichobo*
   a. Pichobo (Pisobo)'
   b. Soboibo
   a. Ruanawa
   c. Machobo
   a. Comobo

E. Catukina

1. Arara
   a. Shawanawa
2. Ararapina
3. Ararawa

4. Saninawa
   a. Saninawacana

F. Juruá – Purus
1. Poyanawa
2. Shipinawa
3. Ararawa
4. Yauavo
5. Yaminawa
6. Runinawa
7. Contanawa
8. Yawanawa
9. Pacanawa
10. Yumbanawa
11. Yura
12. Tushinawa
13. Marinawa
14. Espinó
15. Manawa
16. Canamari

Pano Sul-Ocidental

A. Arasaire
B. Aisawaca
   1. Aisawaca
   2. Yamiaca

C. Arauá (?)

Pano Sul-Oriental

A. Pacawará
1. Chacobo
2. Caripuná (Jau-navo)
   a. Jacariá
   b. Paniá (Pamaná)
3. Capuibo
4. Sinabo

B. Zurina (?)

Como cita McQuown (1955: 511), a sua classificação representa uma síntese do trabalho de Mason, o que implica em dizer que não houve modificações no agrupamento das línguas. O diferencial desta classificação em relação à de Mason é que as línguas aparecem listadas alfabeticamente e sua localização geográfica é feita a partir de meridianos. A título de ilustração, a língua Yawanawá está localizada na latitude 9°S e na longitude 72°30'O (McQuown, 1955: 528).

Em 1973, d'Ans propõe uma reclassificação das línguas Pano, desmontando a classificação tradicionalmente aceita de Pano Central, Pano Sul-Oriental e Pano Sul-Ocidental feita por Mason. Esta última sub-divisão é considerada por d'Ans como inexistente, tendo em vista que Mason se baseou em dados incorretos. A classificação proposta por d'Ans estabelece uma divisão das línguas em cinco blocos: a) Pano Ucayalino; b) Pano Pré-Andino; c) Pano das Cabeceiras; d) Pano Beniano; e) Pano do Norte, como pode ser visto abaixo:

PANO UCAYALINO	PANO PRÉ-ANDINO	PANO DAS CABECEIRAS	PANO BENIANO	PANO DO NORTE ?
Ucayalino A:	Cashibo	Isconahua	Chácobo	Mayoruna ??
Shipibo	Cacataibo?	Amahuaca	Pacaguara?	
Conibo		Cashinahua		
Capanahua		Pano-Purus:		
		Yaminahua		
Ucayalino B:		Sharanahua		
Panavarro		Marinahua?		
Shetebo?		Chaninahua?		
Wariapano		Mastanahua?		
		Yahuanahua		

Ainda na década de 1970, houve um avanço considerável na classificação das línguas Pano, tendo as pesquisas realizadas no Peru como referência. As contribuições mais destacadas foram as de Shell (1975) e Loos (1975). Shell apresentou a primeira reconstrução dos proto-fonemas pano, ao mesmo tempo em que descreveu alguns aspectos morfológicos como o marcador de transitividade, enquanto Loos apresentou trabalhos relacionados à morfologia destas línguas.

Outra vertente da pesquisa foi a possibilidade de relacionar as línguas Pano a outras famílias lingüísticas. Nesta perspectiva, Key (1968) tratou as correspondências fonológicas das línguas da família Tacana e apresentou algumas evidências para a relação genealógica entre as duas famílias, que chamou de Proto-Pano-

Tacana. Outros autores, trilhando o mesmo caminho, postularam a relação entre as duas famílias a partir de evidências fonológicas e gramaticais (Suarez, 1969 / 1973 / 1988). Além dessa filiação, Suarez amplia esta classificação e sugere que o Proto-Pano-Tacana esteja geneticamente relacionado à família Mosetén, considerada independente nas classificações das línguas sul-americanas.

Como destaca Rodrigues (1986:77), o conhecimento sobre as línguas da família Pano *"se desenvolveu consideravelmente nos últimos trinta anos, mas exclusivamente no Peru e na Bolívia"*. Nos últimos anos, entretanto, a partir da década de oitenta, pesquisas sobre línguas Pano vêm sendo ampliadas, especialmente através de trabalhos acadêmicos como dissertações ou teses, o que vem proporcionando uma mudança no quadro anteriormente descrito, como pode ser visto pelos trabalhos abaixo:

Autor	Língua
Barros, 1987	Katukina
Aguiar, 1988, 1994	Katukina
Camargo, 1991	Kaxinawá
Carvalho, 1992	Matsés
Costa, 1992, 2000	Marubo
Cunha, 1993	Shawadáwa (Arara)
Cândido, 1998	Shanenáwa
Freitas, 1995	Shawadáwa (Arara)
Ferreira, 2000	Matís

Lanes, 2000	Trabalho comparativo
Ferreira, 2001	Matís

Além dos trabalhos na área de lingüística, houve um aumento considerável de trabalhos na área da antropologia.[5]

Como pode ser visto, os trabalhos cobrem uma maioria considerável de línguas, outras, entretanto, ainda necessitam urgentemente de pesquisas. Segundo Rodrigues (1986:77), as línguas Pano e suas respectivas localizações no território brasileiro são as seguintes: Amawaka (AM), Karipuna (RO), Katukina (AC), Kaxarari (RO), Kaxinawá (AC /AM), Marubo (AM), Matís (AM), Mayoruna (AM), Nukini (AC), Poyanáwa (AC), Yamináwa (AC) e Yawanawá (AC). Esta lista pode ser acrescida de outras línguas como: Shawadáwa (Arara), Shanenáwa (AC), Korubo (AM), Kulina-Pano (AC(?)), Matsés (AM), Maia (AM), bem como por outras línguas de povos ainda não-contatados ou que escolheram o afastamento da sociedade não-índia, o que os caracteriza como isolados, perfazendo um total de 7.700 índios, segundo as estimativas de Erikson (1994: 5).

1.2.1. A língua Yawanawá

A língua Yawanawá não possui estudos prévios, não existe sequer uma lista de palavras da língua, entretanto é classificada como pertencendo geneticamente à

[5] Sobre os Yawanawá foram defendidas duas dissertações de mestrado na área de Antropologia: Perez, 1999 e Naveira, 1999.

família lingüística Pano (Rodrigues, 1986: 77). De acordo com a classificação proposta por Mason (1950), a língua pertence ao sub-grupo Juruá-Purus do Pano Central. Numa proposta de classificação mais recente feita por d'Ans (1973), o Yawanawá é classificado como Pano das Cabeceiras e no subgrupo Pano-Purus.

A análise fonológica da língua apresentou catorze fonemas consonantais e quatro fonemas vocálicos. O acento ocorre de maneira previsível, recai sempre sobre a última sílaba das palavras e não possui função distintiva. Nas palavras compostas, embora o acento permaneça fixo na sílaba final da palavra, este pode ser considerado como acento primário, tendo em vista que o acento da primeira palavra formadora do composto é reduzido foneticamente caracterizando-se, portanto, como acento secundário.

A língua Yawanawá possui um sistema de marcação de caso do tipo ergativo-absolutivo. O caso ergativo é formalmente marcado, enquanto o caso absolutivo não possui uma marca formal foneticamente realizada. O caso ergativo realiza-se através de um morfema sufixal {-n } e seus alomorfes , que se junta ao nome que ocupa o núcleo do SN com função de agente numa construção sintática com verbo transitivo. O caso absolutivo representado por { -ø}, tendo em vista que não se realiza foneticamente, ocorre quando um nome em posição nuclear de SN tem a função de sujeito de verbo intransitivo ou de paciente de verbo transitivo.

O povo Yawanawá vive uma situação sociolingüística bastante delicada. Por um lado, entre as pessoas com mais de vinte anos, a língua parece ocupar uma posição privilegiada; entre as crianças , ao contrário, salvo pouquíssimas exceções, a tendência é o completo desconhecimento da língua ou apenas um conhecimento passivo, isto é, entende

mas não fala a mesma. Ou existe alguma regulação interna sobre o uso da língua que não pude compreender ou a mesma, dentro de poucas gerações, entrará em franco processo de obsolescência. Certamente, a escola e um sério engajamento da comunidade indígena podem influenciar este processo, no sentido de retardá-lo ou ainda, de forma mais otimista, de torná-lo inoperante. O que aponta para a urgência deste tipo de trabalho em curso e para a necessidade de uma crescente conscientização por parte da comunidade indígena e dos agentes externos envolvidos com a mesma para a necessidade de valorização da língua Yawanawá, possibilitando o uso funcional da língua nos mais variados contextos.

1.3. Metodologia de Pesquisa e Base Teórica

Como dito anteriormente, a língua Yawanawá não possui descrição prévia. Desta forma, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise fonológica e morfossintática da língua Yawanawá, usando como eixo o sistema de marcação de caso. O trabalho, portanto, fará o levantamento do quadro de fonemas e , ainda que de modo inicial, registrará os principais processos fonológicos presentes na língua, especialmente os relacionados com o processo de nasalização. Trataremos ainda do sistema de marcação de caso da língua, dentro de uma perspectiva tipológico-funcional, através de uma investigação morfossintática das categorias nominal, pronominal e verbal da língua, determinando as relações entre estas e as demais categorias existentes. Pretendemos ainda sistematizar / explicar os fenômenos envolvidos com o sistema de marcação de caso, tais

como: orações dependentes e independentes, Tempo, Aspecto e Modo (TAM), etc. tendo em vista as possíveis repercussões destes no sistema de marcação de caso.

A pesquisa de campo baseou-se em princípios descritos por Kibrik (1977) e Samarin (1967) e na experiência adquirida nas viagens de campo durante a preparação para a dissertação de mestrado. Antes de iniciarmos os trabalhos, contatamos as principais lideranças e apresentamos um roteiro prévio sobre como o que seria desenvolvido, quais os principais aspectos envolvidos, os objetivos a serem alcançados e os resultados esperados. Este contato mostrou-se bastante favorável, tendo em vista a necessidade recíproca de conhecimento das pessoas, de como deveria ser o procedimento de aproximação com a comunidade e quais as relações políticas internas ao povo, bem como as expectativas em relação ao trabalho. Antes de iniciarmos o trabalho de levantamento lingüístico propriamente dito, fizemos uma reunião com a comunidade, em que apresentamos, em linhas gerais, os aspectos anteriormente citados. Alguns dos presentes fizeram questionamentos sobre os objetivos do trabalho e puderam compreender melhor a natureza e os objetivos da minha presença na aldeia.

A coleta de dados realizou-se em três etapas e foi feita através de questionários previamente elaborados, constituídos de itens lexicais, orações e períodos, enfocando aspectos relacionados à pesquisa. Além dos questionários elicitados, gravamos músicas e narrativas grupais. Os dados utilizados para este trabalho foram levantados com os índios: Chicó (Francisco Luiz Yawanawá, 46 anos), Σeketexke (Maria de Fátima de Souza Yawanawá, 30 anos), Yawainuani (Cristovão Barroso, 37 anos). A escolha deveu-se ao fato de que muitas pessoas da comunidade os apontavam como os 'melhores' falantes

da língua. O primeiro mora na Aldeia Escondido e os dois últimos na Aldeia Nova Esperança.

Os dados coletados foram gravados e transcritos simultaneamente. Solicitamos que o informante variasse a velocidade da fala (normal, lenta e silabando). Pudemos ao longo do levantamento fazer testes que buscavam investigar formas alternativas (aceitáveis ou não) das realizações e a gramaticalidade, de forma que pudessem ampliar a compreensão sobre os fenômenos investigados e confirmar ou não as hipóteses que iam sendo levantadas ao longo do trabalho.

Nas duas primeiras etapas, as gravações foram feitas em gravador estéreo Aiwa modelo HS-J165, com fitas cassete TDK A-60 e, na última etapa, as gravações foram realizadas em MD Sony, modelo MZ-R37SP, com microfone digital, o que garantiu uma melhor qualidade acústica do material levantado. O total de gravações realizadas perfaz 16 horas.

A base teórica adotada neste trabalho dividiu-se em duas perspectivas. Adotamos a teoria auto-segmental, que conseguiu avanços importantes na explicação dos processos fonológicos das línguas, para o estudo da fonologia. Os autores mais representativos foram Goldsmith (1990, 1995), Kenstowics (1994) e Clements e Hume (1995). Para o estudo da gramática, adotamos a perspectiva funcional-tipológica encontrada em autores como Givón (1984), Shopen (1996), Comrie (1978) e Dixon (1979, 1994).

1.4. Estrutura do trabalho

A pesquisa com a língua Yawanawá tem como principal objetivo descrever e registrar uma língua indígena brasileira, buscando colaborar com o desenvolvimento da pesquisa científica sobre as línguas indígenas brasileiras, no geral, e de uma língua da família Pano, em particular, bem como contribuir para um maior conhecimento da mesma.

Este trabalho é composto por quatro capítulos, bibliografia e 03 apêndices. Tendo em vista que as poucas informações etnográficas sobre o grupo estão bastante dispersas, procuramos, na medida do possível, reuni-las numa forma acessível, enfocando o histórico do povo Yawanawá, sua localização geográfica e população, bem como alguns aspectos relacionados à sua cultura. Trataremos ainda, neste capítulo, da classificação da família lingüística pano e da metodologia de pesquisa adotada no levantamento do material lingüístico utilizado neste trabalho.

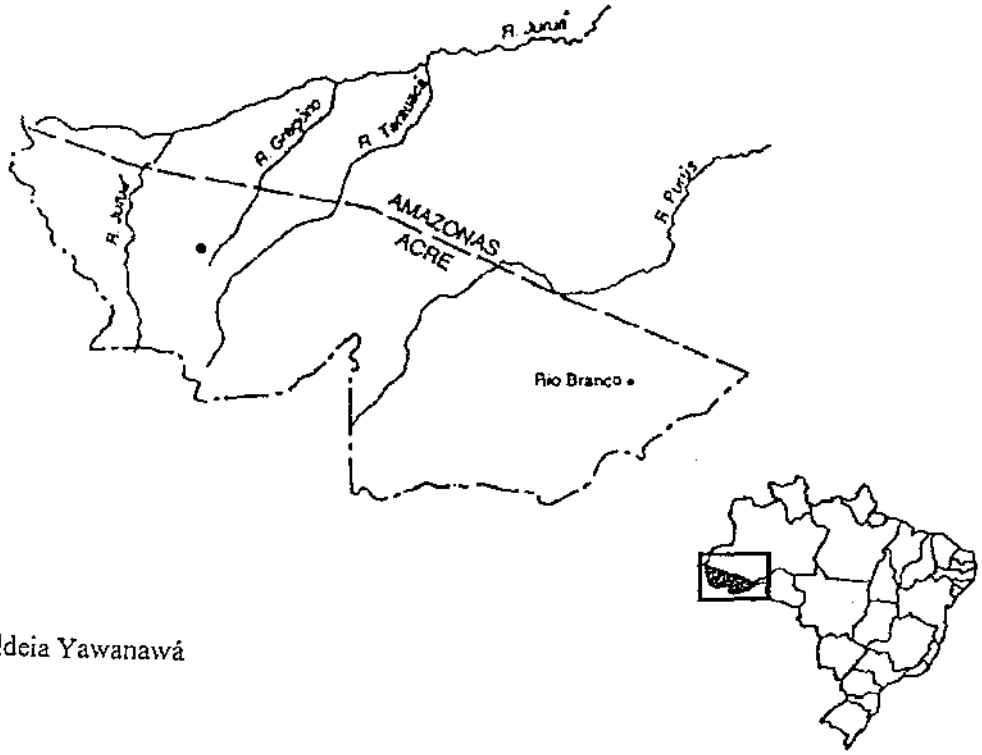
O capítulo 2 é dedicado à fonologia da língua e trata da descrição dos fonemas consonantais e vocálicos, da estrutura da sílaba e do acento, bem como dos principais processos fonológicos detectados na língua.

O capítulo 3 é destinado ao estudo da morfologia e descreve a estrutura morfológica das palavras, dando destaque para os critérios para distinção das classes de palavras e os principais processos morfológicos.

O sistema de marcação de caso da língua é o foco do capítulo 4. Serão discutidos os aspectos relacionados à ordem dos constituintes na estrutura frasal da língua e a relação destes processos com a questão da transitividade verbal.

O material apresentado nos anexos está assim distribuído: o Anexo 01 traz uma lista vocabular básica da língua Yawanawá; no Anexo 02, apresentamos um texto que narra a história da origem do povo Yawanawá. No Anexo 03, apresentamos uma seleção de textos narrativos referentes à fase pré-contato. Todas as narrativas utilizadas nestes anexos são de autoria de Yawarani Yawanawá, 88 anos, e foram transcritas sem nenhuma adaptação. Achamos necessário incluir estas narrativas tendo em vista que, além de suprir a eventual carência de informações sobre o povo, esta é uma tentativa de apresentar / articular a voz do índio que fala sobre si e sobre seu povo.

Mapa 1 – Localização da Terra Indígena do Rio Gregório



• Aldeia Yawanawá

2. OS SONS DA LÍNGUA YAWANAWÁ

2. OS SONS DA LÍNGUA YAWANAWÁ

Iniciaremos este capítulo apresentando o inventário dos fonemas da língua Yawanawá. Em seguida, discutiremos os principais desenvolvimentos da teoria fonológica, destacando a Fonologia de Geometria de Traços, doravante FGT, que tem o poder de explicação mais adequado para os aspectos discutidos neste capítulo, tais como: o acento, a estrutura silábica e os processos fonológicos mais importantes e produtivos da língua.

2.1 Inventário dos fonemas

Como um esforço inicial de sistematização dos dados lingüísticos, a análise fonológica, de um ponto de vista linear, baseou-se em critérios de contraste e/ou distribuição complementar (Pike, 1947). Tais procedimentos de descoberta seguem as orientações metodológicas da fonêmica tradicional, que tem se apresentado uma *'técnica de análise e depreensão de fonemas'* eficaz (Abaurre, 1993: 253) para a abordagem inicial e organização de um corpus a ser posteriormente analisado. Os segmentos consonantais e vocálicos estão apresentados nos quadros 2.1 e 2.2, respectivamente. Em cada um dos quadros, os alofones estão representados entre parênteses. Os símbolos utilizados seguem o IPA (Alfabeto Fonético Internacional), que serão utilizados nos demais capítulos deste trabalho.

O sistema dos sons da língua Yawanawá é constituído por 15 fonemas consonantais e 04 fonemas vocálicos, como pode ser visto em seguida:

2.1.1 Consoantes

Quadro 2.1 – Fonemas consonantais

	Labial	Lábio-dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p		t			k	
Fricativa	β	(f)	s	ʂ	ʃ		h
Africada			ts		tʃ		
Tepe			ɾ				
Nasal	m		n			(ŋ)	
Aproximante	w				j		

O inventário fonético do Yawanawá contém as seguintes consoantes: três oclusivas desvozeadas, seis fricativas desvozeadas, duas africadas desvozeadas, um tepe, três nasais e duas aproximantes.

Tomando como ponto de partida os procedimentos citados, apresentaremos, em seguida, os pares de segmentos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos ou análogos:

/ p/ : / m/

(01)

a.	pia	'flecha'	b.	iupa	'panema'
	mia	'2p.'		iuma	'peixe'

/ m/ : / n/

(02)

a.	mapu	'cabeça'	b.	aman	capivara'
	napu	'mosca'		anan	'vomitar'

/ p/ : / β/

(03)

a.	ʃapa	'objeto chato'	b.	pi	'comer'
	ʃaβa	'dia'		βi	'carapanã'

/ t/ : / n/

(04)

a.	tai	'pé'	b.	tʃuta	'transar'
	nai	'céu'		tʃuna	'macaco preto'

/ ts/ : / tʃ/

(05)

a.	tsai	'falar'	b.	matsi	'frio'
	tʃai	'longe'		matʃi	'terra'

/ s / : / ʃ/

(06)

a.	sui	'soprar'	b.	uasi	'capim'
	ʃui	'assar'		uaʃi	'nome próprio'

/ ʃ/ : / ʂ/

(07)

a	kɨʃa	'rachado(a)'	b.	ʃɨkɨʃɨ	'bacuri'
	kɨʂa	'lábios'		ʂɨki	'milho'

As fricativas também podem ocupar a coda silábica, como será demonstrado em 2.3.1.1.

Além dos contrastes apresentados acima, a língua possui alguns casos de distribuição complementar e variação livre, como pode ser visto em seguida:

A consoante a fricativa labial /β/ alterna livremente com a consoante fricativa lábio-dental [f].

(08)

a	/aʂβa/	[aʂβa]	~	[aʂfa]	'boca'
b.	/ɾɪsβin/	[ɾɪsβin]	~	[ɾɪsfin]	'corda'

Escolhemos a fricativa labial para representar o fonema justificado por sua distribuição mais ampla no corpus, bem como assegurar a simetria do inventário fonológico, tendo em vista a existência dos fonemas bilabiais /p/, /m/ e /w/.

Os fones nasal alveolar [n] e nasal velar [ŋ] se encontram em distribuição complementar e ocorrem nos seguintes ambientes: (a) [ŋ] ocorre antes da consoante oclusiva velar [k]; e, (b) [n] ocorre nos demais ambientes, como pode ser visto em seguida:

/n/ → [ŋ] / __ [k]

→ [n] / __ nos demais ambientes

(09)

a	/ ɾantunku/	[ɾantuŋku]	'joelho'
b	/pahinki/	[pahiŋki]	'orelha'

(10)

a	/βatanti/	[βatanti]	'sal'
b	/ɾɨkin/	[ɾɨkin]	'nariz'

Estamos considerando, portanto, que [ŋ] e [n] são variantes do fonema /n/.

Em termos distribucionais, as aproximantes lábio-velar [w] e palatal [j] podem ocupar as margens silábicas, precedendo ou sucedendo o núcleo silábico, ou em outras palavras, ocupando as posições de Onset e Coda. Tal interpretação é dada a partir dos tipos silábicos presentes na língua[1], que será discutida mais adiante em 2.3.

[1] Como será visto mais adiante, as teorias fonológicas não-lineares propõem que estes segmentos estejam especificados com os mesmos traços que as vogais altas / i / e / u / e que a diferença entre os mesmos será estabelecida a partir de sua posição na sílaba. Ver discussão em 2.4.

2.1.2 Vogais

O quadro das vogais é formado por cinco vogais orais, três vogais altas, uma média e uma baixa.

Quadro 2.2 – Fones vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média			(o)
Baixa		a	

Postulamos que não há vogais nasais, do ponto de vista fonológico, sendo a nasalidade, como veremos mais adiante, decorrente do contato da vogal oral com a consoante nasal que se encontra em posição de coda na mesma sílaba. Em nível fonético, ocorrem vogais longas que não contrastam com vogais curtas. Interpretamos as vogais longas como seqüências de duas vogais, como nos exemplos:

(11) /anaa/ [ana:] 'aracoã'

(12) /aatu/ [a:tu] '3s'

Apresentaremos, em seguida, os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos, o que ocasiona a distinção de significado.

/ i/ : / ɨ/

(13)

a.	tɨʃki	'torto'	b.	miʃkiti	'anzol'
	tɨʃkɨ	'trouxa'		mɨʃkiti	'pedra'

/ u/ : /ɨ/

(14)

a.	ua	'flor'	b.	makɨ	'piranha'
	ɨa	'1s'		maku	'careca'

/ a/ : /ɨ/

(15)

a.	nauɨ	'fumo'	b.	ana	'língua'
	nɨuɨ	'vento'		anɨ	'nome'

Além dos contrastes apresentados acima, alguns segmentos vocálicos encontram-se em distribuição complementar. A vogal posterior alta /u/ apresenta duas

realizações [u] e [o], que alternam livremente. Para a representação dessas realizações escolhemos /u/ por ser mais natural e possuir uma distribuição mais ampla no corpus levantado.

(16)

a	/pustu/	[pustu]	~	[posto]	'barriga'
b.	/ʃɨtu/	[ʃɨtu]	~	[ʃɨto]	'reboto'

Em conclusão, considerando os critérios de análise fonológica aplicados à análise dos dados lingüísticos da língua Yawanawá, pudemos estabelecer quinze fonemas consonantais, que são / p /, / t/ , / k /, / β/, / s /, /ʂ/, /ʃ/, / h/, / ts /, / tʃ/, / ɾ/, / m /, / n /, / w / , / j / e quatro fonemas vocálicos: / a /, /i /, /ɨ/, / u /. Mais adiante, serão discutidos o acento (Cf. 2.7) , e os processos de silabificação (Cf . 2. 3.1.1)

Exceto pela ausência da oclusiva glotal, o quadro dos fonemas consonantais da língua Yawanawá é semelhante ao quadro consonantal do proto-pano proposto por Loos (1999: 230).

2.2 A fonologia Auto-segmental

Os estudos fonológicos, atualmente, rotulados como 'modelos lineares', tanto os estruturalistas quanto os da fonologia gerativa clássica, privilegiavam os fenômenos fonológicos do plano segmental da frase e, embora eventualmente fizessem referência aos aspectos supra-segmentais como acento, duração e tom, estes apresentavam um caráter marginal nas pesquisas fonológicas. A partir de meados da década de setenta do século passado, baseado nas contribuições de Noam Chomsky e Morris Halle (1968), *The Sound Pattern of English*, doravante SPE, surgiu um novo quadro teórico que ampliou a formalização da teoria dos traços fonológicos. O modelo SPE ensejou grandes avanços na formalização das regras fonológicas e operava com uma concepção de fonema baseada numa definição fonética de traços de base articulatória, diferentemente do que propunham Jakobson, Fant e Halle (1952) e Jakobson e Halle (1956), da Escola de Praga, que postulavam traços fonológicos de base acústica.

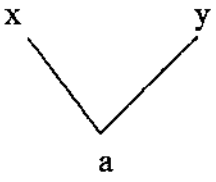
Este novo quadro teórico desenvolveu-se articulando uma série de sub-teorias, que, embora integradas enquanto articulação conceitual, passaram a investigar aspectos específicos da organização fonológica das línguas naturais, a partir de uma perspectiva que encarava o componente fonológico das mesmas como um conjunto de subsistemas em interação, cada um dos quais governado por princípios e organização particulares. Os focos de investigação, portanto, embora diferenciados, eram

complementares, já que os recortes de análise buscavam sistematizar diferentes questões teóricas.

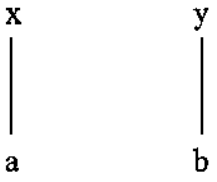
Dentre as várias teorias pós-SPE, que passaram a ser genericamente conhecidas como modelos fonológicos não-lineares, destacamos a auto-segmental, a métrica e a lexical. A fonologia auto-segmental desenvolveu-se a partir dos trabalhos de J. Goldsmith (1976) e postula a "solidariedade dos traços em termos da estrutura fonológica e permite que as regras fonológicas manipulem diretamente essa estrutura". (Wetzels, 1995: 5). A fonologia métrica propõe que o acento, diferentemente da proposição do SPE, deve ser entendido "como uma propriedade relativa da rima silábica (núcleo e coda)". (op. cit.). A preocupação fundamental da fonologia lexical é explicitar a interação entre os processos fonológicos e o modo de constituição morfológica das palavras.

A fonologia auto-segmental, na qual basearemos as análises deste capítulo, afirma que "diferentes traços podem ser colocados em níveis distintos, sendo os níveis organizados por linhas de associação e por uma condição de boa formação" (Goldsmith, 1979: 297). Uma dessas condições afirma que as linhas de associação não podem cruzar-se, sendo assim somente os exemplos (17) e (18) são permitidos, enquanto (19) é proibido:

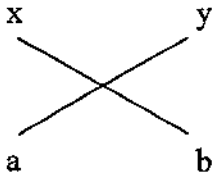
(17)



(18)



(19)



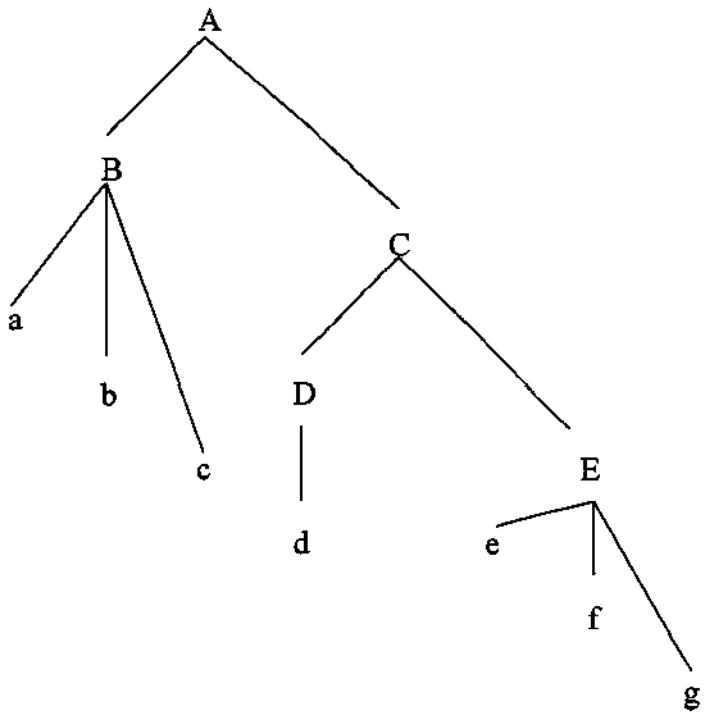
Os traços estão distribuídos em diferentes níveis, de forma que nenhum deles aparece em mais de um nível. Esta segmentalização, entretanto, não obriga que o número de fonemas seja exatamente igual ao número de auto-segmentos, ao contrário de Poser (1982: 122) que, em seu pressuposto teórico conhecido como restrição de Bijetividade, afirmava que cada segmento corresponde exatamente a uma especificação em termos de traços, ao mesmo tempo em que cada especificação em termos de traços corresponde a um segmento. Esta restrição impossibilitava, por exemplo, ao contrário do que acontece na fonologia auto-segmental, o apagamento parcial de um elemento ou representações em que o mesmo traço fosse compartilhado por dois ou mais segmentos ou ainda que um mesmo segmento estivesse associado a dois traços.

De suas preocupações iniciais com o comportamento auto-segmental dos traços individuais, como o tom e em traços envolvidos em processos fonológicos como a harmonia vocálica, a atenção dos fonólogos foi deslocada para a pesquisa em diferentes processos como a assimilação, dissimilação, neutralização e epêntese, o que os levou ao questionamento de uma abordagem baseada numa matriz de traços e na concepção (de) que os traços não apresentavam estrutura interna. Para solucionar estes problemas, foi proposto um modelo de organização de traços enquanto unidade funcional. Surge assim um modelo de representação arbórea para o segmento proposto por Clements (1985), nomeado de Geometria dos traços, que estuda a maneira pela qual os traços se organizam em unidades funcionais.

Dez anos depois, Clements e Hume (1995: 249-251) apresentam uma nova formulação da teoria que, baseada na idéia de que a fala é produzida usando vários

articuladores funcionando independentemente, afirma que os segmentos são representados em termos de configurações nodulares, organizadas hierarquicamente, tendo o seguinte diagrama:

(20)



Como destacam os autores (op.cit. p. 250), todos os ramos derivam de A, Nó Raiz, que corresponde ao som da fala propriamente dito. Os nós intermediários, nós de Classe, representados por B, C, D, E designam unidades funcionais de traços, incluindo os nós laríngeo, ponto de articulação, cavidade oral, entre outros. Os nós B e C / D e E são irmãos e dependentes do constituinte mais alto. Os traços fonológicos, representados por a, b, c, d, e, f, g são desordenados e estão dispostos em diferentes camadas, onde podem estabelecer uma relação não-linear (não-bijetiva) com outro e são, ao mesmo tempo, organizados hierarquicamente de forma que cada constituinte pode funcionar como uma unidade nas regras fonológicas, tais como assimilação, apagamento e epêntese.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Neste modelo, as linhas de associação têm dupla função: por um lado servem para codificar os padrões de alinhamento temporal e a coordenação entre os elementos nas representações fonológicas, e por outro lado, agrupam constituintes que funcionam como unidades nas regras fonológicas. Além disso, esta abordagem permite a imposição de fortes restrições sobre a forma e o funcionamento das regras fonológicas, através dos seguintes princípios:

(a) Regras fonológicas desempenham apenas uma única operação.

Por este princípio, uma regra fonológica pode afetar o conjunto de traços d, e, f e g executando apenas uma única operação no constituinte C. Ainda assim, nenhuma regra pode afetar c, d e e, numa operação única, tendo em vista que os mesmos não formam um constituinte. A implicação deste princípio é que somente os conjuntos de traços que compartilhem o mesmo nó de classe podem funcionar conjuntamente (ou serem afetados) por regras fonológicas.

(b) A organização dos traços é universalmente determinada.

Sendo assim, o modo como os valores de traços são atribuídos às camadas e agrupados em constituintes maiores é o mesmo em todas as línguas. Este princípio projeta a mesma organização de traços em todos os níveis da derivação, da estrutura subjacente à superficial. O que significa dizer que as regras fonológicas não podem ter o efeito de criar novos tipos de organização de traços, garantindo a boa formação das representações durante todo o curso das derivações.

Como dito anteriormente, a geometria de traços postula que a fala é produzida usando vários articuladores, funcionando independentemente e possui como tarefa empírica determinar que nós devem ser reconhecidos e como eles podem ser

organizados. Portanto, além da idéia de que as propriedades distintivas que estão dispostas em camadas hierárquicas, a FGT incorporou outros aspectos fonéticos especificados nos nós como os de ponto de articulação, de abertura, etc. Sendo assim, os articuladores: lábios, língua, palato e laringe, também chamados de traços de lugar, por estarem ligados ao constituinte de lugar na hierarquia dos traços, jogam um papel fundamental na teoria, podendo definir uma constrição primária única no trato vocal ou se combinar para produzir várias constrições ao mesmo tempo.

Os traços de lugar, definidos em termos da articulação no trato oral, são os nós labial, coronal e dorsal. Estes são tratados como privativos ou monovalentes, já que, como especificam os autores (op.cit. p. 252), as regras fonológicas não operam com os valores negativos dessas categorias. Outros traços são limitados ao articulador ou livres do mesmo. No primeiro caso são limitados ao articulador, no sentido de que não dependem de um articulador específico para a sua execução. Estes traços determinam a natureza da constrição formada por um dado articulador. Por exemplo, os traços [anterior] e [distribuído] estão ligados ao nó coronal, então podem distinguir os coronais anteriores dos posteriores e os coronais apicais dos laminais. Isto implica em dizer que a presença do traço [coronal] obriga a presença dos traços [anterior] e [distribuído] e, também, que se um segmento assimila o traço [coronal], necessariamente assimila [anterior] e [distribuído], simultaneamente.

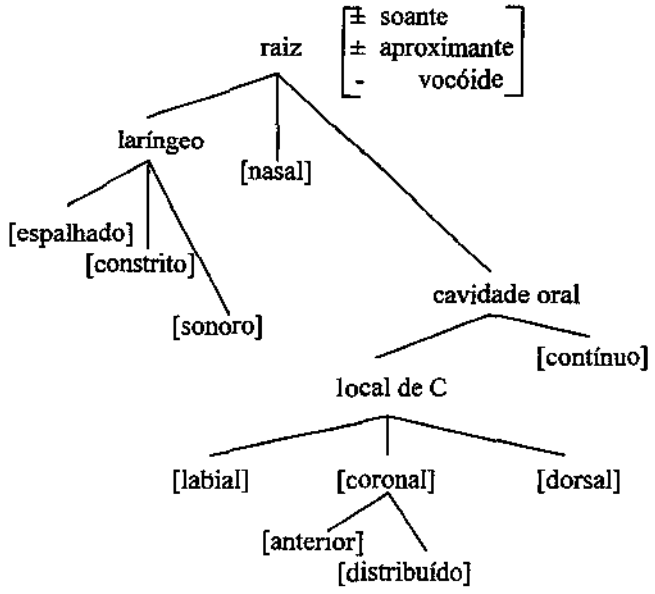
No segundo caso, os traços são limitados ao articulador, no sentido de que não estão restritos a um articulador específico, embora determinem o grau de estritura de

um som. Por exemplo, [+ contínuo] são aqueles que permitem um fluxo de ar contínuo através do centro do trato oral, independentemente de onde a maior estritura está localizada. Os traços [± soante], [± aproximante], [± consonantal] [2]
também carecem de um articulador (p. 253) e são colocados acima dos traços de articulação, o que os caracterizam como nó Raiz.

Os nós de classe bem estabelecidos e sua forma de organização em consoantes e vogais estão apresentados abaixo, exceto as consoantes com articulação secundária que inclui um nó vocálico abaixo do ponto de consoante (lugar/local de):

(21)

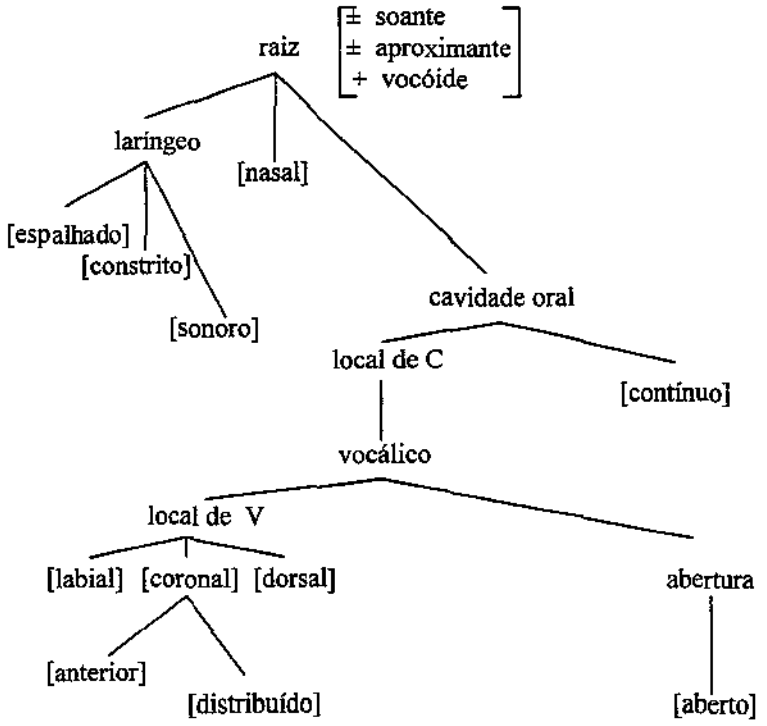
Consoantes



[2] Embora os autores especifiquem (± consonantal), seria mais producente indicar (± vocóide), tendo em vista que este forma uma unidade com os traços (soante) e (aproximante) quando da definição das classes maiores de sonoridade: obstruinte, nasal, líquida e vocóide. (Cf. Clements e Hume, 1995: 269).

(22)

Vogais



2.3 Sílaba

A sílaba é uma unidade fundamental na representação fonológica, tendo em vista que constitui um domínio natural para o estabelecimento de restrições fonotáticas, além, é claro, de estar, em alguns casos, diretamente relacionada a uma ampla variedade de processos fonológicos.

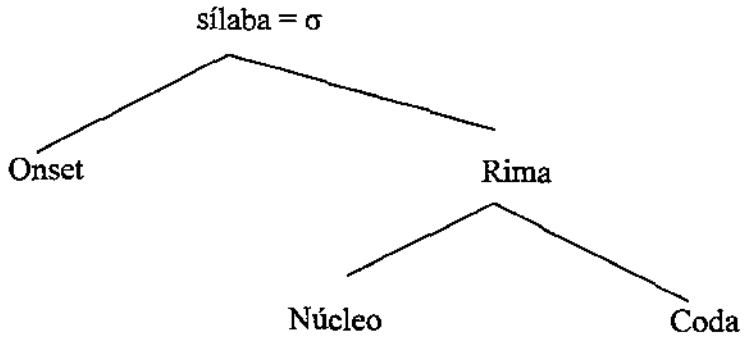
Segundo Goldsmith (1995: 103), a sílaba é uma unidade fonológica que nunca deixou de ser discutida na literatura fonológica. Discussões sobre a natureza da sílaba e como pode ser estruturada em segmentos já podem ser encontradas em Bloomfield

(1933) e em outros autores posteriores. Mais adiante, no período SPE, o conceito de sílaba não era reconhecido como necessário para as descrições lingüísticas, isto, entretanto, pode ser relativizado, como bem observa Blevins (1995: 239), tendo em vista que o uso do símbolo V [+ vogal], mais tarde substituído por [+ silábico], pode ser visto como o reconhecimento de que a sílaba desempenhava um papel importante na teoria fonológica.

Com o surgimento da fonologia auto-segmental (Goldsmith, 1976), que se baseia principalmente na organização dos segmentos em camadas independentes, vários serão os trabalhos sobre a sílaba que a consideram uma unidade separada e também representada hierarquicamente. Duas teorias de análise da sílaba serão discutidas, uma delas postula que a sílaba não tem estrutura interna, que o relacionamento entre os constituintes no interior da sílaba é igual e que somente a sílaba como um todo é afetada pelas regas fonológicas (Kahn, 1976 / Clements e Keyser, 1983). A segunda corrente faz predições diferentes da primeira ao prever um relacionamento muito mais estreito entre o núcleo e o onset silábico e, baseada em aspectos como escala de sonoridade e/ou posicionamento dos segmentos no interior da sílaba, defende a posição de que esta mesma tem estrutura interna e é organizada hierarquicamente. (Selkirk. 1982 / Goldsmith, 1990 / Kenstowicz, 1994).

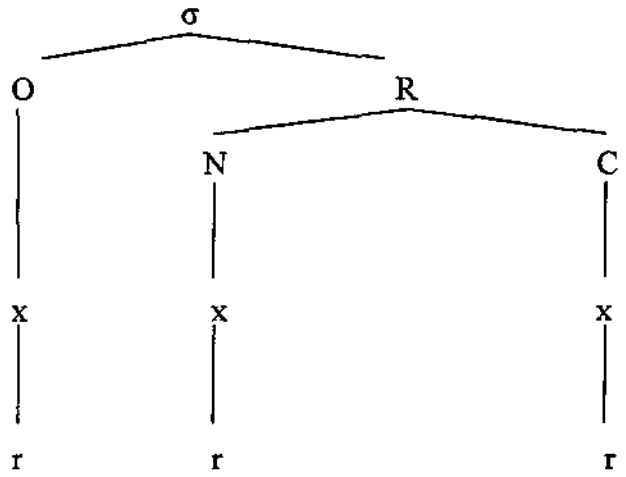
De alguma forma, esta última corrente recupera visões tradicionais sobre o estudo da sílaba, que descrevem a estrutura interna como um constituinte fonológico formado por zero ou mais consoantes, seguida por uma vogal e sendo finalizado por zero ou mais consoantes. Estas subpartes que compõem a sílaba são chamadas de onset, núcleo e coda, respectivamente; todas podem ser vazias, exceto o núcleo e estão representadas em seguida:

(23)



Para Goldsmith (1990: 109), que considera a sílaba como uma estrutura que se organiza sobre uma camada esqueletal , isto quer dizer que uma consoante que está no onset está associada a uma posição esqueletal na posição de onset e uma vogal nuclear está associada a uma posição esqueletal nuclear. Estes constituintes, entretanto, não estão ligados diretamente à melodia segmental, existindo entre eles uma camada formada por posições de X' s ou unidades temporais. Esta unidade temporal, à qual está ligada diretamente o nó raiz, possibilita a definição dos segmentos independentemente de sua complexidade. A partir dessas considerações baseadas em Clements e Hume (1995), podemos apresentar a estrutura silábica de acordo com o diagrama abaixo, onde X é a unidade de tempo, r representa o nó raiz, que corresponde ao segmento propriamente dito, O representa o onset e R, N e C representam a rima, o núcleo e a coda, respectivamente.

(24)



2.3.1 Estrutura silábica em Yawanawá

2.3.1.1 Inventário silábico

Kentowicz (1994: 253) acredita que há fortes razões para acreditar que o núcleo silábico possui um status especial por ser um constituinte obrigatório e afirma que os padrões silábicos CV, VC, V e CVC constituem os padrões silábicos mais primitivos.

Na língua Yawanawá, como pode ser visto em seguida, existem quatro tipos silábicos CV, V, VC e CVC, sendo o primeiro deles o mais recorrente. O padrão V ocorre em início e final de palavras e pode constituir palavra mínima. Estes tipos podem ser resumidos na fórmula (C)V(C), que representa o molde silábico da língua.

(25)

/V/	a.	/a/	'3s'
	b.	/u.a/	'flor'
	c.	/i.a/	'piolho'
	d.	/u.ʂɨ/	'lua'
	e.	/pi.a/	'comeu'

(26)

/CV/	a.	/hu/	'cabelo'
	b.	/ma.pu/	'cabeça'
	c.	/ʃa.ɾa/	'bom'
	d.	/ʂɨ.tʃi/	'sorrir'
	e.	/ma.na.ka.ti/	'dente'

(27)

/VC/

	a.	/is.ku/	'japó'
	b.	/i.an/	'lagoa'
	c.	/iʃ.tin/	'estrela'

d. /aʂ.βa/ 'boca'

(28)

/ CVC/ a. tɨs.ki 'jandaia'

b. ɾaʂ.nu.a 'desembrulhou'

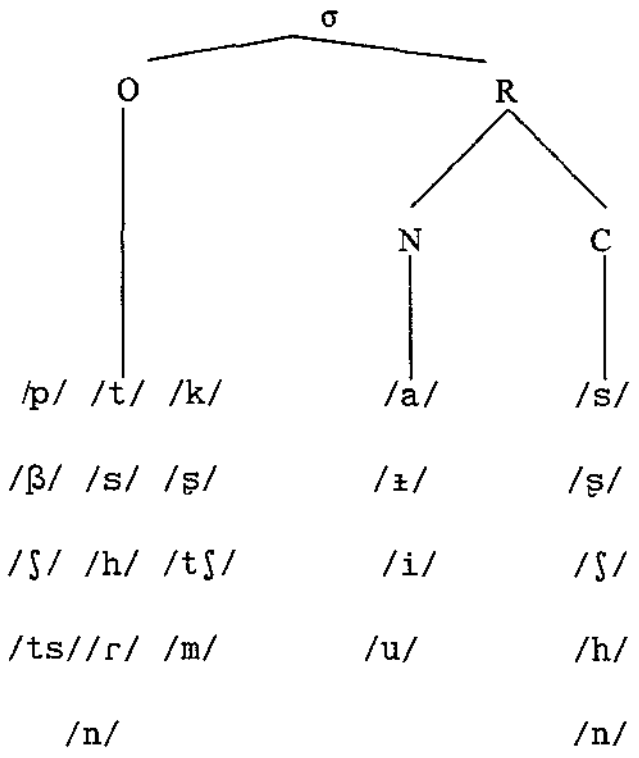
c. /ʂu.ɾɨʃ.pi 'osso externo'

d. /tʃɨh.ʃɨ.pa/ 'preto'

e. /ɾɨ.kin/ 'nariz'

Todos os padrões acima listados ocorrem em posição tônica e pré-tônica e não existem restrições de ocorrência em início, meio e final de palavra. Todas as consoantes podem ocupar a posição O, todas as vogais podem ocupar a posição N, as fricativas /s, ʂ, ʃ, h/ e a nasal /n/ podem ocupar a coda silábica interna e apenas, pelos dados levantados, as fricativas / s/ e / ʃ/, e a nasal /n/ podem ocupar a posição de coda final, como apresentado em seguida:

(29)



Em seguida, apresentaremos exemplos dos fonemas listados de acordo com sua ocorrência nas palavras:

2.3.1.1.1 Onset

(a) Obstruintes

/p/

(30)

/pia/	'flecha'
/puku/	'tripas'
/kapa/	'quatipuru'
/ʃipi/	'macaco soim'

/t/

(31)

/tɨʃu/	'pescoço'
/taku/	'saracura'
/karata/	'rim'
/atu/	'intestino'

/k/

(32)

/kuma/	'nambu'
/pahinki/	'orelha'
/tukuɾuʃpi/	'umbigo'
/kɨʃni/	'bigode, barba'

/β/

(33)

/βitʃi/	'pele'
/βaɾi/	'sol'
/βi/	'pernilongo'
/ʃaβa/	'dia'

/s/

(34)

/sɨnɨ/	'nambu pedrês'
/suika/	'inchado'

/isu/ 'macaco preto'

/uasi/ 'capim'

/ʂ /

(35)

/ʂɨna/ 'lagarta'

/ʂata/ 'tingui da mata'

/ʂumuʂɨ/ 'agulha'

/ʂaʂin/ 'mucura da água'

/ʃ/

(36)

/ʃɨta/ 'dente'

/ʃara/ 'bom'

/tɨʃu/ 'pescoço'

/h/

(37)

/hu/ 'cabelo'

/bakɨhu/	'menino'
/mɨhi/	'mão'
/hunihu/	'queixada'

/ts/

(38)

/tsanas/	'cotiara'
/uaka tsuna/	'joão de barro'
/pitsu/	'periquito'
/natsa/	'baço'

/tʃ/

(39)

/tʃɨrɨ/	'periquito bico de ferro'
/tʃai/	'longe'
/tʃutʃun/	'rouxinol'
/matʃi/	'terra'

(b) Tepe

/ɾ/

(40)

/ɾɨkin/	'nariz'
/ɾu/	'capelão'
/ɾiɾu/	'macaco da noite'
/kaɾata/	'rim'

(c) Nasais

/m/

(41)

/mapu/	'cabeça'
/kɨmu/	'saliva'
/iuma/	'peixe (genérico)'
/matsi/	'frio, gelo'

/n/

(42)

/ni/	'árvore'
/βena/	'novo(a)'
/ana/	'língua'
/unu/	'bicho de caça'

2.3.1.1.2 Núcleo silábico

/a/

(43)

/ana/	'língua'
/uaka/	'rio'
/aʂβa/	'boca'
/panu/	'tatu canastra'

/ɨ/

(44)

/ɨʃɨ/	'semente'
/raβɨ/	'dois'
/kɨhu/	'jacu'
/kapɨ/	'jacaré'

/i/

(45)

/isurua/	'macaco barrigudo'
/ni/	'mato'
/nami/	'carne'
/miʃkiti/	'anzol'

/u/

(46)

/ua/	'flor'
/unu/	'bicho de caça'

/pinu/ 'beija-flor'

/kuʃu/ 'cujubim'

2.3.1.1.3 Coda silábica

/s/

(47)

/tsanas/ 'cotiara'

/ɾisβin/ 'corda'

/mistan/ 'reto(a)'

/niskan/ 'suar'

/ʃ/

(48)

/iʃtin/ 'estrela'

/βuʃta/ 'nuvem'

/miʃku/ 'traíra'

/ɾamaʃtama/ 'antigamente'

/ʂ/

(49)

/aʂ.βa/	'boca'
/ɾaʂ.nu.a/	'desembrulhou'
/huʂ.ka/	'dor de cabeça'

/h/

(50)

/tʃɪhʃɪpa/	'preto'
/kakahma/	'não quer ir'

2.4 Silabificação

Até aqui tratamos da estrutura da sílaba, mas não das regras de construção da estrutura silábica. A silabificação pode ser feita por meio de regras de criação da estrutura silábica através de regras de formação de núcleo, regras de formação de onset e coda. Estas regras são ordenadas entre si, seguem a seqüência citada e se baseiam na idéia de que o núcleo é a base da sílaba, sendo a estrutura silábica construída a partir dele, como apresentado em seguida:

(51)

a) $V \rightarrow$ V
N
N'
N''

b) C V
N
N'
N''

Estas representações dizem respeito àquelas línguas que possuem um inventário silábico restrito a V e CV. Entretanto, algumas línguas, além destes, podem acrescentar os padrões VC e CVC, o que implica em incorporar uma regra para a formação da coda, como apresentado em seguida:

(52)

c) V C
N
N'

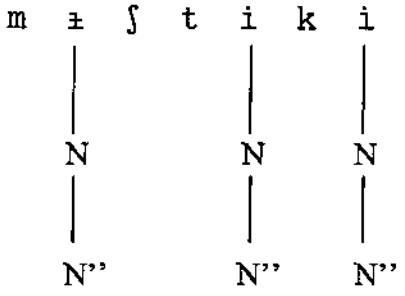
Segundo Kenstowicz (1994: 254), uma conseqüência deste ordenamento é que uma seqüência do tipo VCV silabificará como [V.CV], com uma consoante intervocálica funcionando como onset da sílaba seguinte e não como [VC. V] que seria incomum e exigiria regras de silabificação especificas, o que corrobora a hipótese de que as línguas tendem a evitar sílabas sem onset. Línguas que aplicam as regras (51) a. , b. e (52) evitam palavras iniciadas ou terminadas por grupos consonantais. Por isso, seqüências do

tipo # CC, CCC e CC # evocam regras de epêntese ou simplificação de grupos consonantais.

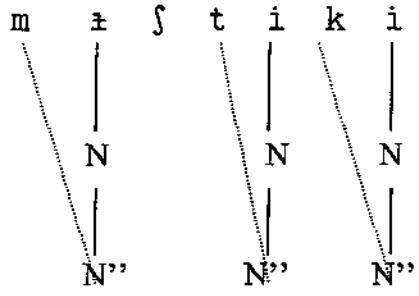
Podemos postular regras para a silabificação em Yawanawá como as apresentadas em (53) a. , b. e c. A silabificação da palavra mɨʃtiki 'pedra' pode ser representada como em (49) abaixo:

(53)

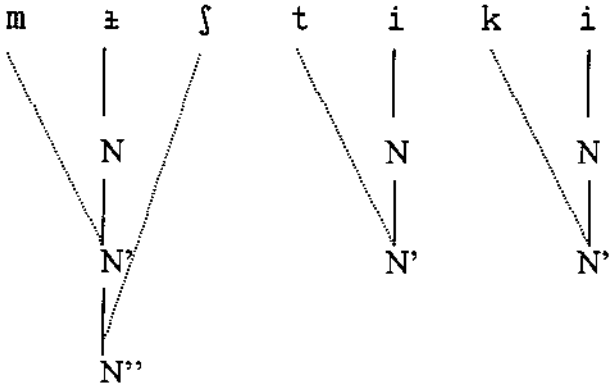
a.



b.



c.



Como pode ser visto, a silabificação se dá através da seguinte ordem: 1. atribuição de N; 2. atribuição de O e 3. atribuição de C, o que pode ser confirmada ainda pela seqüência CVC, como em ɨpa 'pai' que silabifica como [V.CV] e não como [VC.V],

o que, no caso, faria com que a regra (53).c viesse antes de (53).b, além do fato, como propõe o autor, de ser uma regra rara, o que ocasionaria o estabelecimento de regras específicas para a língua (Kenstowicz, 1994: 254). Isto pode ser visto como uma tendência da língua Yawanawá em evitar sílabas sem onset. Além disso, podemos considerar, como pode ser visto em 2.3.1.1, que não existem palavras iniciadas ou finalizadas por grupos consonantais e que de acordo com os tipos silábicos encontrados na língua a coda silábica não pode ser preenchida pelos segmentos / p, t, k, β, ɾ, m /.

As línguas que possuem um inventário silábico mais complexo precisam selecionar a opção de incorporar consoantes adicionais no onset ou na coda. Como isto é severamente restrito, a construção de onset e codas complexos é guiada por uma escala de sonoridade, que Kenstowicz nomeia como Princípio de Sequenciamento de Sonoridade (PSS). Esta escala de sonoridade relaciona a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa na sílaba, de forma que o elemento [+ sonoro] ocupará o núcleo silábico, enquanto os elementos [- sonoro] ocuparão o onset e a coda. Quando ocorrem seqüências de segmentos dentro do onset ou da coda, estas apresentarão sonoridade crescente em direção ao núcleo silábico.

A sonoridade de um segmento é definida em termos da saliência perceptual ou 'loudness' sonoro (Blevins, 1995: 211). Embora a noção de sonoridade seja controvertida, os fonólogos concordam que os sons da fala podem ser escalonados em termos de sonoridade, de acordo com a seguinte hierarquia que estabelece as vogais como as mais sonoras e as obstruintes como tendo sonoridade mínima:

(54) Vogais > Glides > Líquidas > Nasais > Obstruintes

Estes segmentos podem ser rearranjados, de forma a agrupar glides e líquidas através do traço [aproximante], nos termos de Clements (1990), de modo que a hierarquia entre os segmentos não-nucleares possa ser definida em termos de valores positivos, onde G = glide, L = líquida, N = nasal e O = obstruinte:

(55)

G	L	N	O	
+	-	-	-	Vocóide
+	+	-	-	Aproximante
+	+	+	-	Soante
3	2	1	0	

2.4.1 Vogais adjacentes

Os aproximantes labial [w] e palatal [j] foram estabelecidos como fonemas quando da análise fonêmica do Yawanawá. De acordo com a FGT, entretanto, estes segmentos aparecem na estrutura superficial como realizações fonéticas das vogais altas / u / e / i /, tendo como pressuposto de que os glides e as vogais cognatas apresentam a mesma estrutura de traços e são definidos em termos da posição nuclear ou não que ocupam na sílaba. Deste modo, portanto, os glides não são reconhecidos como fonemas e de acordo com Clements e Hume (1995) podem ser agrupados com as vogais, formando uma única classe de vocóides, pois apresentam a mesma estrutura interna , em oposição à classe das consoantes.

Partindo desses pressupostos, consideramos que, em Yawanawá, não há ditongos do ponto de vista fonológico e que seqüências de vocóides podem constituir uma única sílaba ou duas sílabas separadas, dependendo exclusivamente da posição, nuclear ou marginal, que os segmentos ocupam na sílaba. Deste modo, se um segmento ocupar uma posição de Núcleo será interpretado como vogal e se ocupar a posição de Onset ou Coda será interpretado como aproximante.

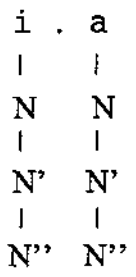
Em Yawanawá, encontramos palavras com seqüência de dois vocóides, como pode ser visto em seguida:

(56)

a.	/i.a/	[ia]	'piolho'
	/u.a/	[ua]	'flor'
	/u.a.ka/	[uaka]	'rio'
b.	/ɨ.ua/	[ɨwa]	'mãe'
	/na.uɨ/	[nawɨ]	'fumo'
	/ia.ua/	[ja.wa]	'queixada'
c.	/mai/	[maj]	'terra'
	/mui/	[muj]	'boi'
	/ʃau/	[ʃaw]	'osso'

As seqüências de vocóides acima podem ser distribuídas em três grupos. No grupo (56)a, cada um dos vocóides representa um núcleo silábico, ocorrendo duas sílabas separadas. Este tipo de seqüência constitui sílabas do tipo V.V e pode ser representada da seguinte forma:

(57)



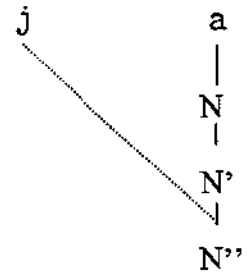
A seqüência acima é tratada como hiato, justificado pelo fato de que os falantes, em pronúncia silabada, produzirem os mesmos como núcleos independentes. Outro aspecto a ser considerado para determinar a existência do hiato é o fato de que palavras com seqüência V.Vn não têm a primeira vogal da seqüência nasalizada, tendo em vista que a nasalidade em Yawanawá ocorre apenas em posição tautossílábica, o que caracterizaria a fronteira silábica, como pode ser visto em seguida:

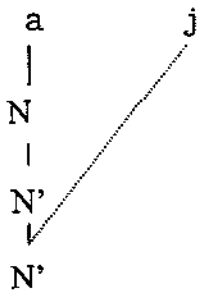
(58)

a.	/i.an/	[iãn]	'lagoa'
b.	/ha.un/	[haũn]	'morfema ergativo'

Nas seqüências (59)a e (59)b, observamos a ocorrência de segmentos em posição não-nucleares. Estes tipos de seqüências constituem sílabas CV e VC, podendo ser representadas das seguintes formas, respectivamente:

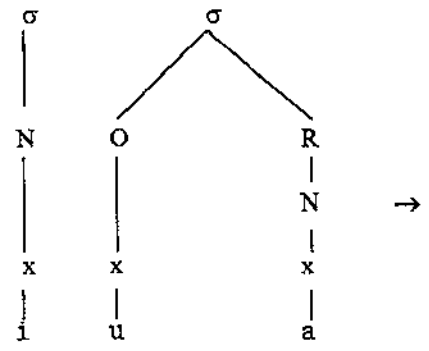
(59)

a) 

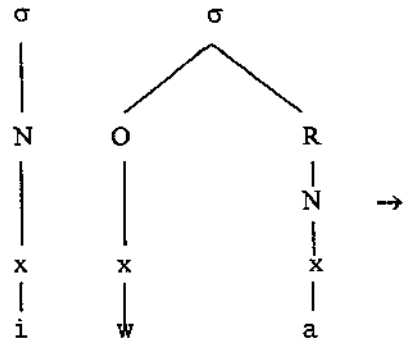
b) 

Em (59)a, as vogais altas ocupam a posição de Onset silábico e para que acompanhe o padrão CV, mais comum na estrutura silábica da língua, sofrem um processo de consonantização, de forma que possa se realizar como glide na estrutura de superfície. Uma possível representação para tal processo é:

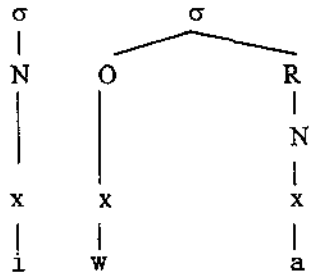
(60)



representação fonológica



consonantização



representação fonética

[i 'wa]

A não-associação do segmento [w] como coda silábica da primeira sílaba pode ser explicada, inicialmente, pela tendência da língua em privilegiar o preenchimento da posição de onset e ainda porque tal associação violaria a restrição silábica da língua, tendo em vista que aproximantes não ocorrem em posição de coda.

O mesmo processo de consonantização, certamente, está associado à representação (59)b e também ao que propõe Clements (1990) em relação à escala de sonoridade dos segmentos que podem ocupar posições não-nucleares, como apresentado em (54). Observamos, portanto, a presença de [w] e [j] em posições não nucleares de sílaba. Estes segmentos seriam, então, manifestações fonéticas dos fonemas vocálicos /u/ e /i/.

2.5 Tipos de segmentos

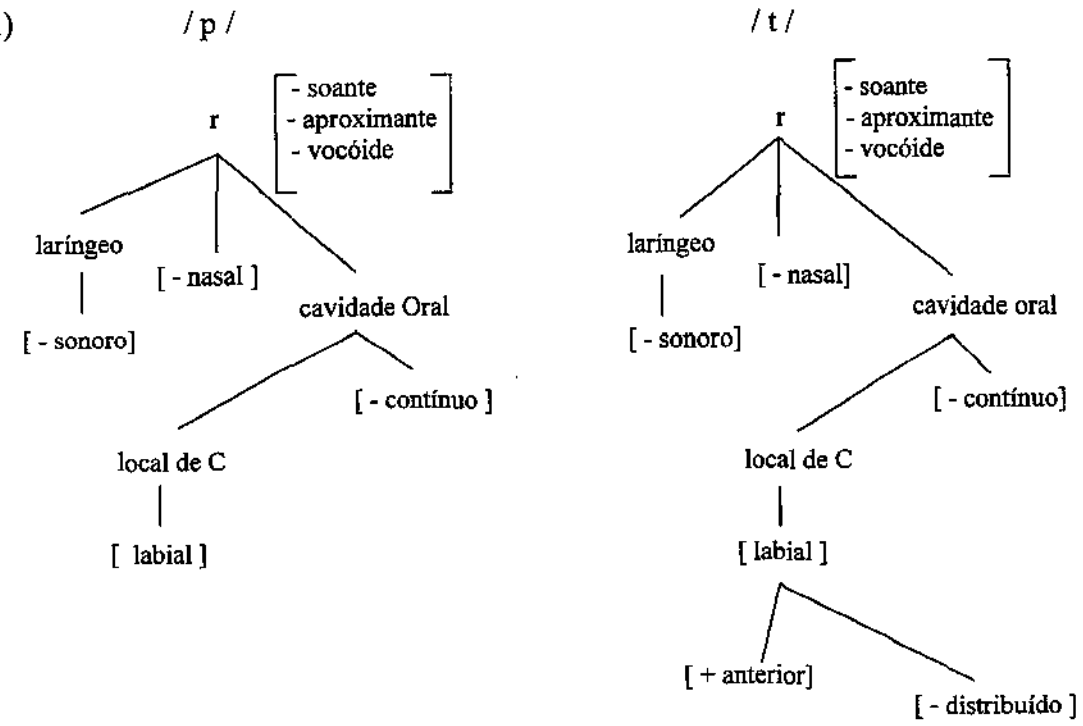
2.5.1 Consoantes

No modelo proposto por Clements e Hume (1995), os segmentos deixaram de ser entendidos como conjuntos desordenados de traços e passaram a ser representados por uma estrutura hierarquizada, constituída por traços dispostos em diferentes camadas ligadas por linhas de associação. A partir dessa formalização e levando em conta que o modelo observa que qualquer segmento pode ser definido em termos de lugar e grau de constrição e que os mesmos são representados pelo nó [+ contínuo] e pelo nó de lugar, que

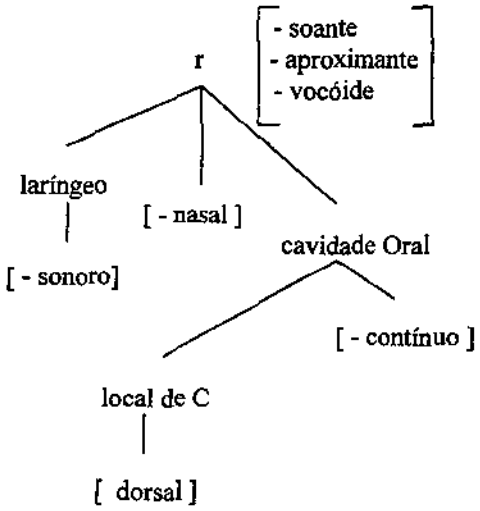
estão ligados ao nó da cavidade oral, nas consoantes, é possível distinguir três tipos de segmentos: (a) os simples; (b) os complexos e (c) os de contorno.

Os segmentos simples apresentam somente um nó raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral. Este tipo de segmento é encontrado em Yawanawá e suas estruturas são apresentadas em seguida, em sua forma plenamente especificada.

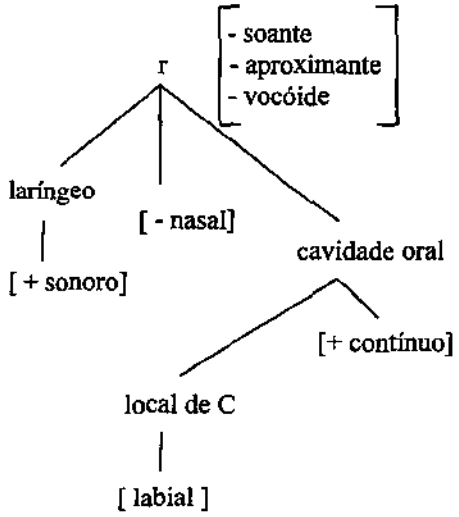
(61)



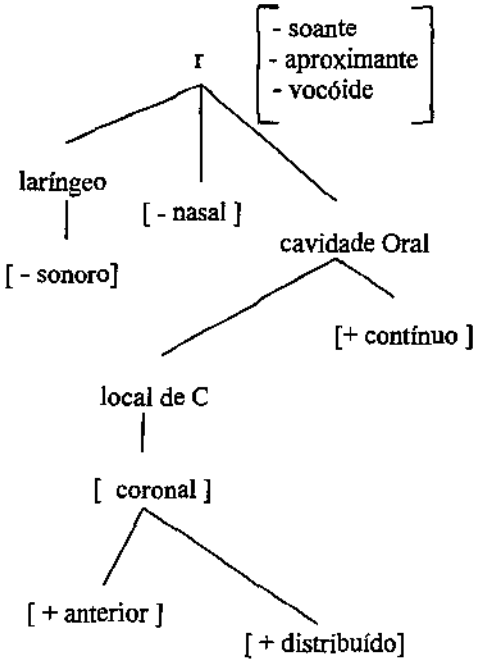
/ k /


- soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade Oral
[- sonoro]
[- contínuo]
local de C
[dorsal]

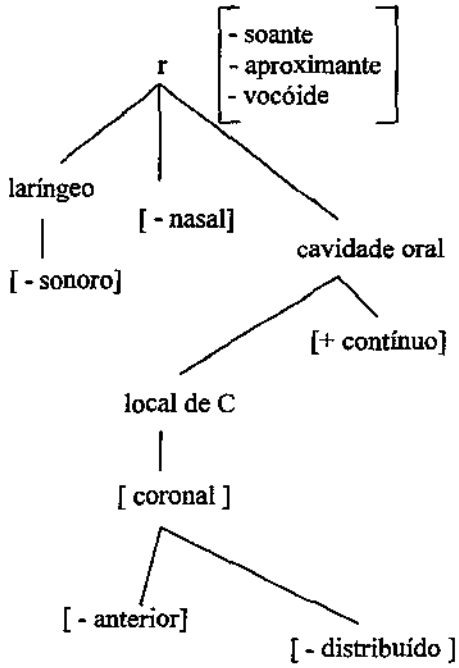
/ β /


- soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade oral
[+ sonoro]
[+ contínuo]
local de C
[labial]

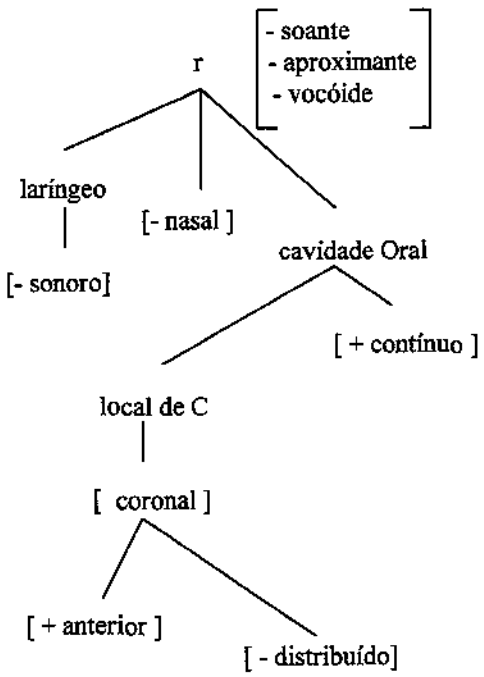
/ s /


- soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade Oral
[- sonoro]
[+ contínuo]
local de C
[coronal]
[+ anterior]
[+ distribuído]

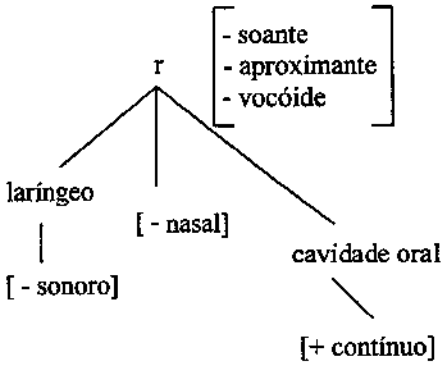
/ ʂ/


- soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade oral
[- sonoro]
[+ contínuo]
local de C
[coronal]
[- anterior]
[- distribuído]

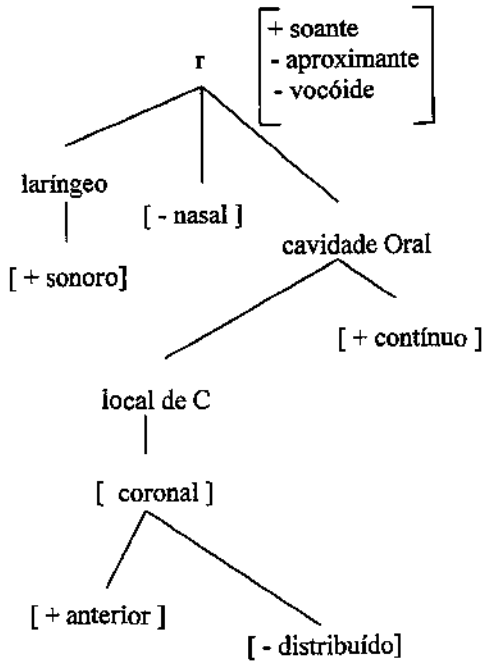
/ ʃ /

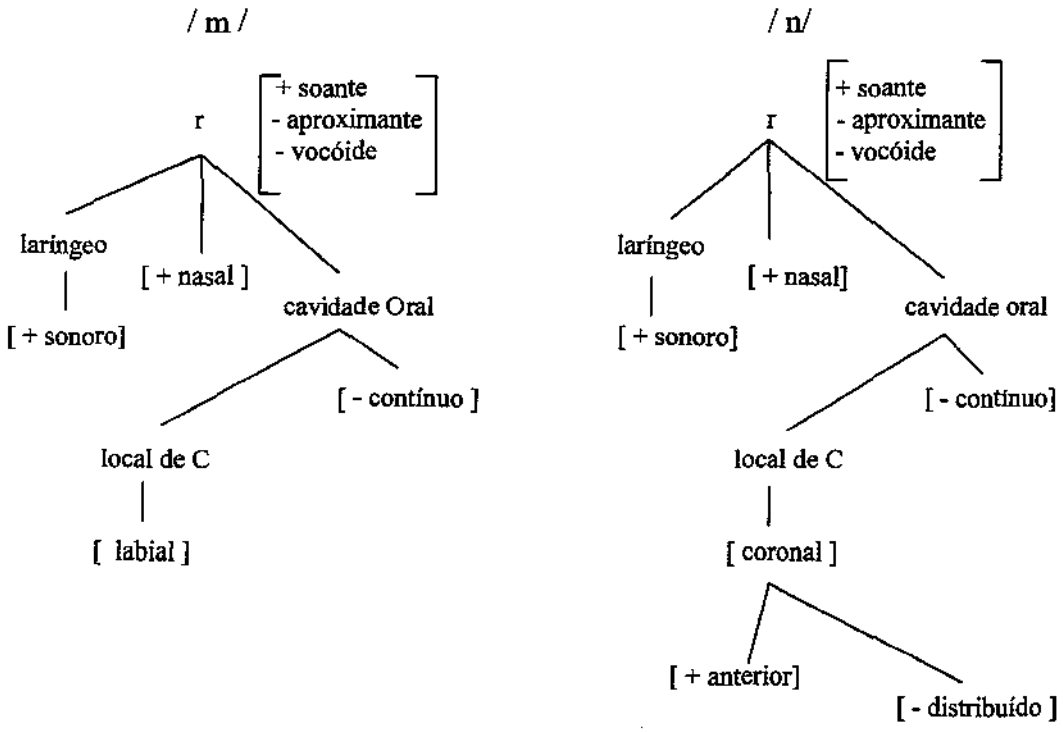

- soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade Oral
[- sonoro]
[+ contínuo]
local de C
[coronal]
[+ anterior]
[- distribuído]

/ h/


- soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade oral
[- sonoro]
[+ contínuo]

/ ɾ /


+ soante
- aproximante
- vocóide
r
laríngeo
[- nasal]
cavidade Oral
[+ sonoro]
[+ contínuo]
local de C
[coronal]
[+ anterior]
[- distribuído]

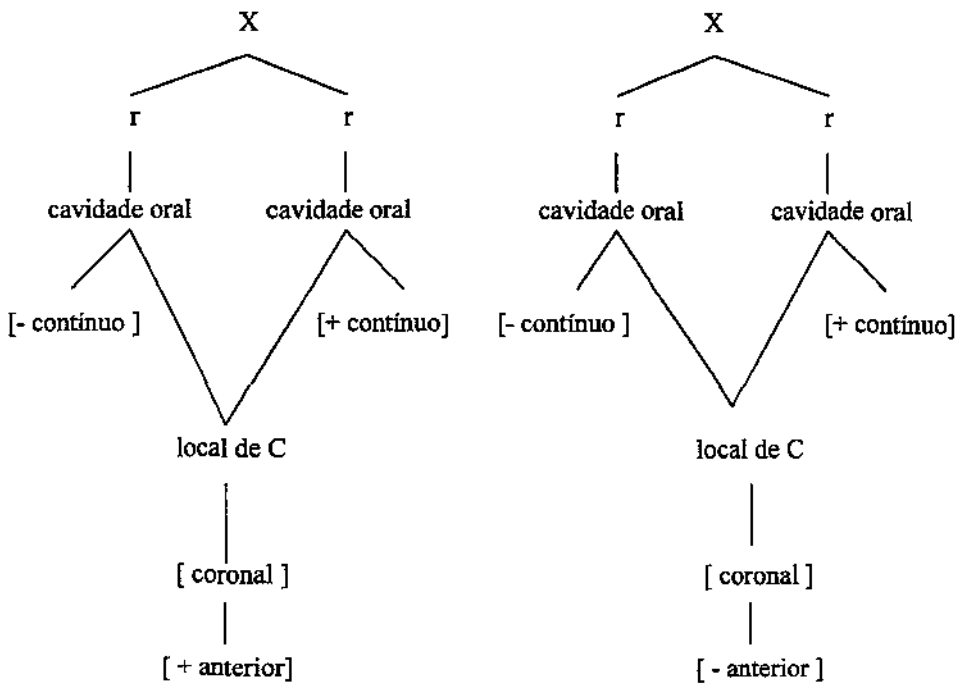


Os segmentos complexos se caracterizam por um nó raiz representado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral, o que implica em dizer que é um segmento que apresenta duas ou mais constrições simultâneas no trato oral. Este tipo de segmento não ocorre na língua Yawanawá.

Os segmentos de contorno são aqueles que contêm seqüências de diferentes traços, isto é, podem comportar-se, em relação aos segmentos vizinhos como se portassem o valor (+) relacionado ao segmento de um lado e o valor (-) relacionado ao segmento do outro lado. A representação deste tipo de segmento é feita através de dois nós raiz com uma única posição esqueletal. O exemplo (62) ilustra a estrutura dos segmentos de contorno presentes na língua:

(62)

a) /ts/ b) /tʃ/



2.5.2 Vocóides

Clements e Hume (1995) propõem para as vogais uma organização de traços paralela à das consoantes. Os parâmetros de grau de constrição e lugar são representados por nós separados. Se, para as consoantes, a constrição é representada pelo nó de Cavidade Oral, o grau de constrição pelo nó [± contínuo] e o local da constrição pelo nó de lugar; para as vogais, a estrutura obedecerá aos seguintes critérios: o grau de constrição é representado pelo nó de abertura, o local de contrição pelo nó de lugar, que será chamado de lugar de vogal (vocóide). Sendo assim, os traços [labial], [coronal] e

[dorsal] devem ser redefinidos em termos da constrição e do movimento do articulador, como a seguir:

Labial: envolve uma constrição formada pelo lábio inferior;

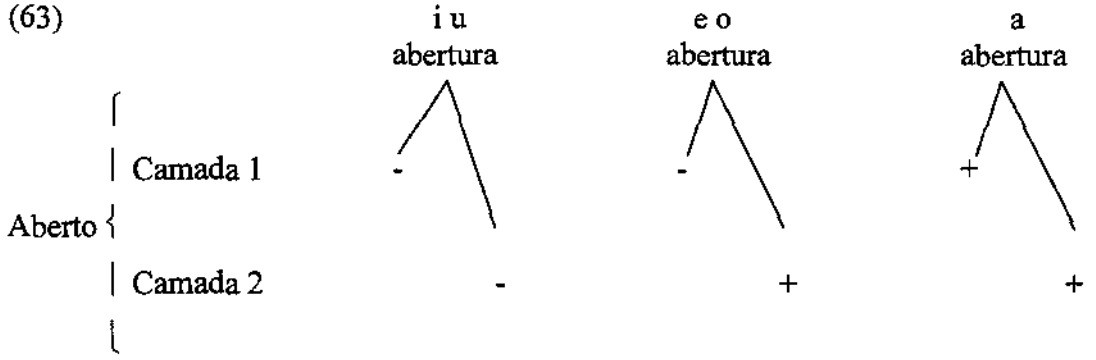
Coronal: envolve uma constrição formada pela parte frontal da língua;

Dorsal: envolve uma constrição formada pela parte posterior da língua ou do dorso da língua nos termos de Ladefoged (1982: 281).

Como todos os segmentos que envolvem uma constrição no trato vocal são formados pelos lábios ou pelo corpo da língua, todos são caracterizados por pelo menos um desses traços: as vogais (vocóides) arredondadas são [labiais], as vogais frontais são [coronais] e as vogais posteriores são [dorsais]. As vogais centrais, entretanto, não satisfazem a nenhuma das definições apresentadas acima, sendo tratadas como fonologicamente sem lugar.

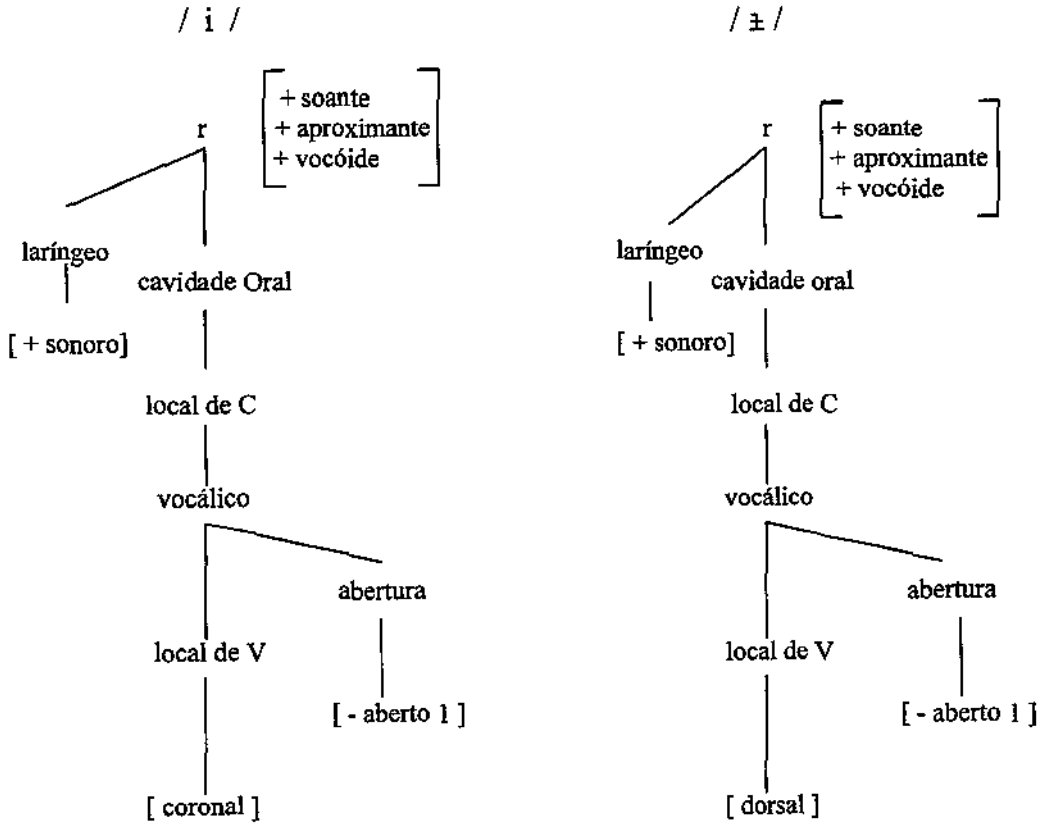
Com relação à altura vocálica, Clementes (1991) propõe um único traço binário [± aberto], cujo valor pode espalhar-se. O traço [aberto] é organizado em várias camadas ordenadas. Na camada mais alta, [aberto] atribui a vogais um dos dois registros de altura primária, [- aberto] (relativamente alto) e [+ aberto] (relativamente baixo]. Qualquer registro de altura pode ser subdividido em outras atribuições de [aberto] na próxima camada mais baixa na escala. As classes naturais são definidas em termos de valor de traços em cada camada. Um sistema de três alturas, / i u e o a/, por exemplo, pode ser representado da seguinte maneira:

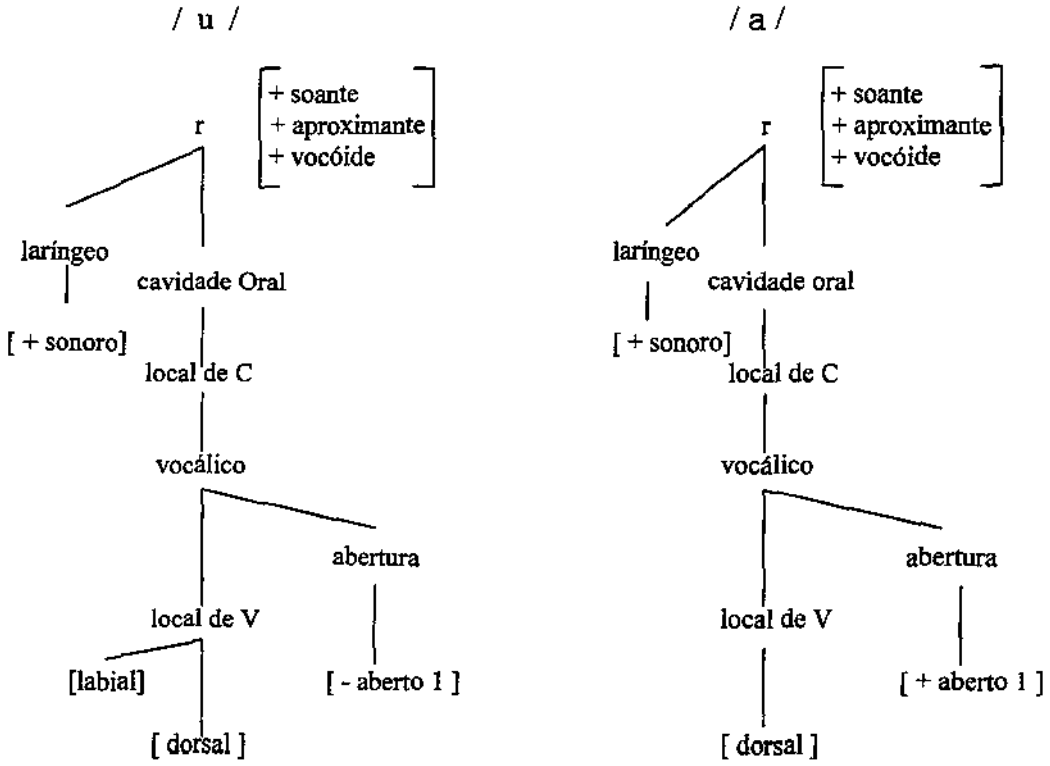
(63)



O sistema vocálico da língua Yawanawá apresenta duas alturas vocálicas e pode ser definido, em termos de altura, com apenas um traço na camada 1, como pode ser observado em seguida:

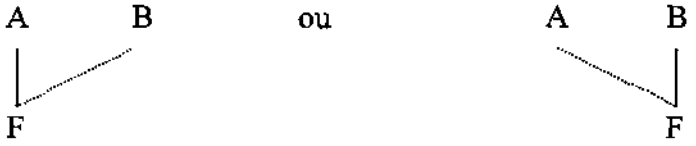
(64)





2.6 Processos fonológicos

Clementes e Hume (1995) consideram a assimilação como o processo fonológico mais recorrente, sendo caracterizado pelo espraiamento de um traço ou de nó F de um segmento A para um segmento B adjacente, como em (65), onde as linhas tracejadas indicam linhas de associação acrescentadas por regra.

(65) 

Dentre os tipos de assimilação propostos pelos autores podemos estabelecer as seguintes distinções:

a) assimilação que depende da natureza do segmento afetado;

b) assimilação que opera de acordo com a identidade do nó espalhador.

No primeiro tipo, se a regra espalha apenas traços que não são especificados no alvo, ela se aplica de modo *preenchedor de traço*[3]. Este tipo de assimilação pode ser considerado como não-marcado ou default. Se a regra, por outro lado, se aplica a segmentos já especificados para os traços espalhados, substituindo seus valores originais, a regra se aplica de modo *modificador de traço*.

No segundo tipo, se o nó (da) raiz se espalha, o segmento afetado pode adquirir todos os traços do gatilho. No modo preenchedor de traço, o resultado tem como efeito o apagamento com alongamento compensatório, denominado assimilação total ou completa. Se apenas um nó de nível mais baixo se espalha, o alvo adquire vários, mas não todos os traços do gatilho, o que ocasiona uma assimilação parcial ou incompleta. E, por último, quando apenas um traço terminal se espalha, o que acontece em processos como harmonia vocálica, assimilação de vozeamento e assimilação nasal, também chamada de assimilação de *traço único*.

2.6.1 Nasalização vocálica

A nasalização vocálica é o processo mais produtivo na língua Yawanawá. Como já dito anteriormente (Cf. 2.1.2), postulamos que não são vogais nasais do ponto de

vista fonológico, sendo a nasalidade vocálica decorrente do contato da vogal com a consoante que se encontra na coda da mesma sílaba, o que pode ser observado nos exemplos abaixo:

(66)

/ɾɨkɨn/	[ɾɨ'kɨ̃]	'nariz'
/tapun/	[ta'pũ]	'raiz'
/uʃin/	[u'ʃĩ]	'vermelho'
/pahinki/	[pahĩ'ki]	'orelha'
/ɾatunku/	[ɾatõ'ku]	'joelho'
/βatanti/	[βatã'ti]	'sal'
/manʃun/	[mã'ʃõ]	'chifre'
/iunʃan/	[iũ'ʃã]	'nome próprio'

Como se pode observar em (66), a consoante nasal /n/ está na coda silábica e passa a sua nasalidade para o elemento nuclear da sílaba de que faz parte. A representação da nasal é resultante, portanto, da hipótese de que o segmento não possui especificação de ponto, tendo em vista que a mesma não se ressilabifica, não constituindo o onset da sílaba seguinte. O que pode ser comprovado a partir dos exemplos abaixo:

(67)

---

[3] Grifo dos autores.

a) /u.a.kun. ɨ.ua/ [ua ˈkũ ɨwˈa] 'abelha'

favo mãe

b) /u.ʃin.u.ʃin/ [uʃĩuʃĩ] 'vermelhão'

vermelho vermelho

A nasalização em Yawanawá ocorre apenas em posição tautossilábica e sem qualquer relação aparente com a acentuação, tendo em vista que as vogais que participam do processo podem se encontrar em sílabas acentuadas ou não. Ao contrário do que acontece em outras línguas da família Pano (Cf. Costa, 2000), a nasalidade não se espalha quando a consoante nasal ocupa a posição de onset na mesma sílaba ou da sílaba seguinte, como pode ser demonstrado abaixo:

(68)

/imi/ 'sangue'

/unu/ 'bicho de caça'

/βimi/ 'fruta'

/iuma/ 'peixe'

/iamɨ/ 'noite'

/runu/ 'cobra'

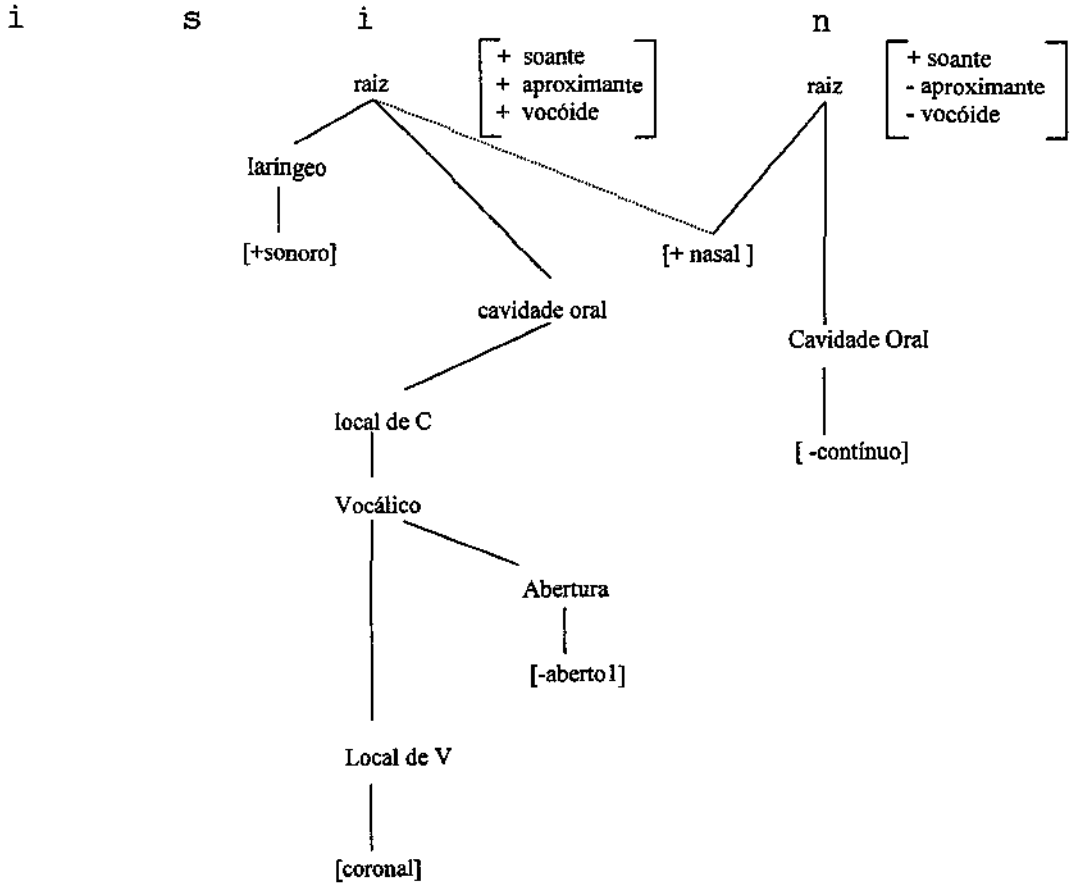
A nasalização também pode determinar aspectos gramaticais, quando funciona como marcador de ergatividade na língua. Mesmo neste contexto, em que a nasalização marca o sujeito de um verbo transitivo e sua fonte encontra-se em posição de coda silábica, a nasalidade não se espalha para além do núcleo silábico precedente.

(69)

/ʃɨkitɨʃki/	'nome próprio'	/ʃɨkitɨʃki-n/	'nome próprio - ERG'
/mɨiu/	'nome próprio'	/mɨiu-n/	'nome próprio - ERG'
/iskuhu/	'nome próprio'	/iskuhu-n/	'nome próprio - ERG'

De acordo com Clements e Hume (1995), podemos dizer que, na língua Yawanawá, a regra de assimilação nasal se dá através do espalhamento de um único traço [+ nasal] de uma consoante a uma vogal precedente. Neste caso, a regra se aplica no modo preenchedor de traço, como uma regra única que espalha o segmento [+ nasal] à raiz do segmento vocálico precedente, como pode ser visto em seguida:

(70)



A partir disso, podemos dizer que a nasalidade está restrita ao domínio da sílaba, não podendo ir além de seus limites. Os princípios que norteiam o processo estão relacionados à localidade e à direcionalidade. Em relação à localidade, o limite, como dito acima, é a sílaba e quanto à direcionalidade, a assimilação sempre ocorre da direita para a esquerda.

2.7 Acento

Em Yawanawá, o acento ocorre sempre na última sílaba da palavra. Deste modo, o acento tem manifestação previsível e por não ter função distintiva não precisa ser fonologicamente representado.

Nas palavras simples, formadas exclusivamente por uma raiz e constituídas por uma ou mais sílabas, como mostram os exemplos em seguida, o acento recai, à exceção dos monossílabos, na última sílaba da palavra e, quando qualquer material morfológico é acrescido à mesma, o acento desloca-se para a última sílaba da palavra.

(71)

['ni]	'árvore'
['hu]	'cabelo'
[ʂa'ɾa]	'bom'
[ka'man]	'cachorro'
[iuapa'ma]	'pequeno(a)'
[mɨhi'hu]	'as mãos'

Nas palavras compostas, o comportamento acentual é o mesmo. O acento permanece fixo na última sílaba mais à direita da palavra, embora exista a presença do acento secundário, tendo em vista que o acento da primeira palavra formadora da

composição é reduzido foneticamente caracterizando-se, portanto, como acento secundário, como apresentado em seguida:

(72)

a) [taka'ɾa] # [βa'kɨ]$_N$ → [taka$_{ˌ}$ɾaβa'kɨ]

galinha filho 'pinto'

b) [ʃuta'ku] # [βa'kɨ] → [ʃuta$_{ˌ}$kuβa'kɨ]

moça criança 'menina'

Em outras línguas da família pano, o acento ocorre de maneira previsível ou não. Em línguas como Matis (Ferreira, 2000) Shanenawá (Cândido, 1998), Poyanáwa (Paula, 1992) e Katukina (Barros, 1987), o acento ocorre fixo na última sílaba. As três últimas pertencem ao mesmo bloco Juruá-Purus do Pano Central, de acordo com Mason (1950), que a língua Yawanawá.

3. CLASSES DE PALAVRAS

3. CLASSES DE PALAVRAS

Neste capítulo, discutiremos as classes de palavras da língua Yawanawá e os critérios empregados para estabelecê-las.

A classificação do léxico de uma língua em classes de palavras tem sido uma preocupação desde os tempos antigos. Os critérios envolvidos na determinação das mesmas são os mais variados. Os critérios morfológicos, sintáticos e semânticos, entretanto, têm sido os mais recorrentes nas descrições lingüísticas. Como bem afirma Seki (2000: 53), 'a determinação das classes não constitui um fim em si, mas um meio de operar a descrição' e 'as classes não são estabelecidas *a priori*, ou separadamente da gramática da língua, mas através de um processo de idas e vindas do todo para as partes e destas para o todo'.

A língua Yawanawá, geneticamente classificada como pertencendo à família Pano (Rodrigues, 1986: 81), possui uma ordem básica do tipo AOV/SV e tipologicamente pode ser caracterizada como predominantemente aglutinante[1], como pode ser demonstrado através dos exemplos em seguida em que, no nome, após a raiz, ocorrem sufixos marcadores de número e/ou de caso; no verbo, após a raiz, os sufixos marcadores de aspecto, tempo e modo, o que nos leva a considerar que a raiz é invariável e os elementos a ela apostos estão associados a significados específicos, na maioria das vezes, facilmente identificáveis.

[1] Baseado em Whaley (1997:133), consideramos aglutinante uma língua em que os morfemas que ocorrem em uma palavra são facilmente segmentáveis, de forma que se estabeleça claramente onde cada um começa e termina.

(73)

Nomes

a. kama-hu-nɨn

cachorro-Pl-Erg

'os cachorros'[2]

b) nukɨβɨnɨ-hu-ø

homem-Pl-Abs

'os homens'

Verbos

c) patsa-ʃinna-ki

bater-Asp-Mod

'(eu) bati'

d) aia-pai

beber-Mod

'(eles) querem beber'

A língua Yawanawá possui as seguintes classes de palavras: nome, pronome, verbo, advérbio, adjetivo e numeral. Fundamentado em Schachter (1996: 04), estas podem ser classificadas em classes abertas e fechadas. As classes de nomes, verbos, adjetivos e advérbios são definidas como um conjunto formado por elementos em número

indefinido e ilimitado, podendo ter o seu inventário ampliado; enquanto as classes fechadas, os pronomes e numeral, são definidas como um conjunto formado por um número fixo ou limitado de palavras, que são essencialmente as mesmas para todos os falantes da língua. Neste trabalho, as classes de palavras serão definidas tomando por base critérios morfológicos e sintáticos, mais apropriados na descrição de uma língua sem estudos lingüísticos prévios.

3.1 Classes abertas

3.1.1 Nome

O nome identifica-se morfologicamente pela propriedade de receber marcas casuais, que delimitarão o caso ergativo, o caso absolutivo e o caso comitativo.

A língua Yawanawá possui um sistema de marcação de caso do tipo ergativo-absolutivo (Cf. Cap. 4). O caso ergativo é formalmente marcado, enquanto o caso absolutivo não possui uma marca formal foneticamente realizada. Tendo em vista que estes aspectos serão discutidos mais adiante, apresentaremos os marcadores de caso que se agregam aos SN, indicando, com isso, os papéis sintático-semânticos dos mesmos.

Em Yawanawá, o caso ergativo é realizado através de um morfema sufixal {-n} ou um de seus alomorfes, que se junta ao nome que ocupa o núcleo do SN com função de agente numa construção sintática com verbo transitivo.

---

[2] O exemplo foi retirado de uma sentença com verbo transitivo.

(74)

a) ʃɨkɨtɨʃkɨ-n niua-ø ʃɨtɨ-a

NP-Erg flor-Abs cheirar-Pas

'ʃɨkɨtɨʃkɨ cheirou a flor'

b) takaɾa-nɨn βatʃi-ø βaki-a

galinha-Erg ovo-Abs pôr-Pas

'a galinha botou ovo'

c) kama-nɨn nukɨβɨnɨ-ø naka–ø

cachorro-Erg homem-Abs morder-N.Pass

'o cachorro está mordendo o homem'

O caso absolutivo representado por {-ø}, tendo em vista que não se realiza foneticamente, ocorre quando um SN (nominal ou pronominal) tem a função de sujeito de verbo intransitivo ou de objeto de verbo transitivo. Como nos exemplos abaixo:

(75)

a) βakɨ–hu-ø rama pakɨ-a

menino-Hum-Abs agora cair-Pas

'o menino caiu neste instante'

b) pani-ø uasɨnɨ-a-ma

rede-Abs rasgar-Pas-Neg

'a rede não rasgou'

c) nu-n atsa-ø pi-ø

1p-Erg macaxeira -Abs comer-N.Pas

'nós comemos macaxeira'

d) mi-n kari-ø βana-ʃinna

2s-Erg batata-Abs plantar-Pas1

você plantou batata

O caso comitativo expressa a idéia de eventos vividos por duas ou mais pessoas, concomitantemente ou não. A realização deste morfema é condicionada pela transitividade verbal, de forma que, quando ocorre em orações transitivas, é expresso pelo morfema {-bɨtan} e quando ocorre em orações intransitivas é expresso por {-βɨ}. No primeiro caso, o morfema ocorre intercalado entre os participantes e no segundo, aparece sufixado ao último participante do evento.

(76)

a)	nani	βɨtan	kuni-n	atsa-ø	pi-a
	NP	Com	NP-Erg	macaxeira-Abs	comer-Pas
	'Nane e Kuni comeram macaxeira'				

b)	pɨku	βɨtan	βɨɾa-n	pɨʃɨ-ø	ua-hu
	NP	Com	NP-Erg	casa-Abs	fazer-Pl
	'Peku e Vera construíram a casa juntos'				

c)	mi-n	βɨtan	βɨɾa-n	aman-ø	pi-a
	2s-Erg	Com	NP-Erg	capivara-Abs	comer-Pas
	'você e o Vera comeram capivara juntos'				

(77)

a)	a-ø-hin	aua-βɨ	kauan-sa-tiɾu
	3s-Abs-Foc	mãe-Com	andar-apenas-AF
	'era ela que só andava somente com a mãe'		

b) audi-ø-hin auin-βakɨ-βɨ ʃuʃu-pai-tiɾu

NP-Abs-Foc mulher-criança-Com brincar-Des-AF

'O Aldir só quer brincar com sua filha'

c.) ɾasu-ø-hin βɨɾa-βɨ atʃin-ai

NP-Abs-Foc NP-Com brigar-AnF

'É Rasu que está brigando com o Vera'

Em Yawanawá, sintaticamente, o nome identifica-se por sua ocorrência como núcleo de Sintagma Nominal (SN), esteja este ocupando uma posição de Sujeito/Agente ou de Objeto.

(78)

a) ɾasu-n ʃana-ø pakɨ- a

NP-Erg NP-Abs derrubar-Pas

S O V

'Rasu derrubou Txana'

b) utʃiti-nɨn ɨraβu-ø naka-ø

cachorro-Erg homem-Abs morder

S O V

'o cachorro morde o homem'

c) hutuku-nɨn bahu-ø tsua-ka

moça-Erg rapaz-Abs beijar-Decl

S O V

'a moça beija o rapaz'

3.1.2 Verbo

De modo geral, o verbo sempre está associado a palavras que expressam ações e/ou processos. Este critério semântico, entretanto, pode não ser suficiente para delimitar com clareza a palavra verbal, sendo necessário, portanto, recorrer a critérios morfológicos e sintáticos, que, por sua vez, operam de maneira interdependente. Categorias associadas tipicamente ao verbo como tempo, aspecto ou modo, tomadas como critérios morfológicos, estão estreitamente ligadas ao processo de predicação, tendo em vista que os itens considerados como verbos operam como núcleo do predicado, devendo ser considerado como critério sintático.

As categorias tempo, aspecto e modo podem ser assim definidas: a categoria de tempo localiza o evento na linha temporal, e este tem por referência o momento da enunciação. Embora a linha temporal possa ser considerada abstrata, pois o falante cria divisões temporais em relação a si mesmo, podemos estabelecer o presente como tempo neutro ou zero e a partir dele traçar divisões no eixo temporal como passado e futuro, que por sua vez admitem especificações como recente (próximo), distante (conhecido ou não) e remoto. A categoria aspecto caracteriza a estrutura temporal interna do evento, enquanto o modo descreve a existência do evento em termos de possibilidade, necessidade ou desirabilidade (vontade) (Chung & Timberlake, 1995: 201).

Em Yawanawá, o verbo pode ser definido, morfologicamente, como uma classe lexical a que estão associadas categorias como tempo, aspecto e/ou modo, que se realizam através de sufixos. Sintaticamente, o verbo opera como núcleo do predicado. Os verbos também podem ser formados derivacionalmente a partir de bases nominais.

Apresentaremos em seguida as realizações dos morfemas de tempo, aspecto e modo. Queremos destacar que no estágio atual da análise da língua não foi possível determinar com precisão os morfemas de tempo e aspecto e que as divisões propostas para a categoria tempo estão baseadas nas proposições dos informantes.

3.1.2.1. Tempo

Em Yawanawá, a linha temporal pode ser dividida em dois tempos: o passado e o não-passado. Tal distinção temporal pode ser justificada pela ausência de

marcas específicas para o presente e para o futuro. O passado comporta subdivisões como imediato, próximo, distante e remoto.

3.1.2.1.1 Passado

O passado imediato, doravante Pas, refere-se a fatos ocorridos há poucos minutos ou a até uma hora antes do momento da enunciação, é marcado pelo sufixo {- a}.

(79)

a) iβastiβu-n βisku-ø ʃɨtɨ-a

NP-Erg NP-Abs beijar- Pas

'Ivaistivu beijou Visku'

b) atu-n kapɨ -ø inun aua -ø ɾɨtɨ-a

3s-Erg jacaré-Abs Con anta-Abs matar-Pas

'ele matou um jacaré e uma anta'

c) βaki-hu-ø pakɨ-a

menino-Hum-Abs cair-Pas

'o menino caiu'

O passado próximo, doravante Passado 1 (Pas1), indica um tempo conhecido pelo falante, que, entretanto, segundo os informantes, não deve ultrapassar os doze meses. O Passado 1 é marcado pelo sufixo {-ʃinna} ou pelo seu alomorfe {-ʃian}. Provavelmente, esta alomorfia pode ser explicada pelo número de sílabas da raiz verbal a que se agrega o sufixo. Caso o verbo possua um número ímpar de sílabas, ocorre {-ʃian}; se o número de sílabas do verbo for par, ocorre {-ʃinna}, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

(80)

a) na-ʃaβata-hin mi-n nami-ø pi-ʃian

Dem- dia-Foc 2s-Erg carne-Abs comer-Pas1

'ontem mesmo você comeu carne'

b) atu-n kaɾi-ø βana-ʃinna

3s-Erg batata-Abs plantar –Pas1

'Ele plantou batata'

c) βaki-hu-nɨn tuiku-ø ɾɨtɨ-ʃinna

Criança-Hum-Erg macaco-Abs matar-Pas1

'O menino matou o macaco'

O passado distante marca uma ação ocorrida há meses ou anos mas sem definição cronológica precisa, é marcado pelo sufixo {-pauni} e será chamado de Passado 2.

(81)

a) ɨ-n mɨʃku-ø pi-pauni

1s-Erg traíra-Abs comer-Pas2

'eu comia traíra (antigamente)'

b) apa-n βaki-ø kuʃa-pauni

pai-Erg filho-Abs bater-Pas2

'o pai batia no filho'

c) atun-nɨn kaɾi-ø βana-pauni

3p-Erg batata-Abs plantar –Pas2

'(antigamente) eles plantavam batata'

A imprecisão temporal parece ser marcada pelo sufixo {-pau-}, que sempre ocorre junto ao {-ni}. Quando é necessário especificar o período temporal entre dois e quatro anos no passado, o último sufixo ocorre isolado, sem a presença do primeiro. Este passado remoto, marcado pelo sufixo {-ni}, será definido como Passado 3 e pode ser visto nos exemplos em seguida:

(82)

a) ɨ-n mɨʃku-ø pi-ni

1s-Erg traíra-Abs comer-Pas3

'eu comia traíra'

b) βakɨ-hu-nɨn mɨʃkiti-ø puta-ni

menino-Hum-Erg pedra-Abs jogar-Pas3

'o menino jogava pedra'

Em outras línguas pano, como por exemplo em Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003: 289) e em Kaxinawá (Montag, 1981: 565) , o morfema {-ni} recebe o mesmo tratamento de passado remoto.

3.1.2.1.2 Não-Passado

O tempo não-passado não é marcado morfologicamente, ficando o verbo em sua forma básica.

(83)

a) nu-n atsa-ø pitʃan pi-ø

1p-Erg macaxeira-Abs cozida comer-N.pas

'nós estamos comendo macaxeira cozida'

b) atu-n ɨa-ø kuʃa-ø

3s-Erg 1s-Abs bater-N.pas

'ele bate em mim'

c) tʃiriman-nɨn uaʃi-ø nika-ø

NP – Erg NP-Abs ouvir-N.pas

'Txirimã ouve Waxi'

3.1.2.2. Aspecto

O marcador aspectual { - kai} delimita ações iniciadas antes do momento da enunciação e que continuam após o mesmo, ou em outras palavras ações que começaram e não foram finalizadas.

(84)

a) ɨ-n ɨ-uan tari-ø tʃu-kai

1s-Erg 1s-Pos roupa-Abs lavar-AnF

'eu estou lavando minha roupa'

b) nu-n kari-ø pi-kai

1p-Erg batata-Abs comer-AnF

'nós estamos comendo batata'

Este marcador também se realiza como { - kani}, quando o sujeito da oração é preenchido por um pronome de terceira pessoa, como pode ser visto em seguida:

(85)

a) a--ø–hu-hin hu–kani

3s-Abs- Pl-Foc ir -AnF

'eles estão indo'

b) βakɪ–hu–haun atsa-ø pi-kani

criança-Pl-Erg macaxeira-Abs comer-AnF

'os crianças estão comendo macaxeira'

O marcador aspectual { -misi} é usado para indicar ações habituais ou feitas com certa freqüência.

(86)

a) ku∫u-n pisi-ø pi-misi

urubu-Erg carniça-Abs comer-Hab

'o urubu come carniça'

b) kɨtsi-n nami-ø pa∫a-ø pi-misi

gato-Erg carne-Abs crua-Abs comer-Hab

'o gato come carne crua'

c) nukɨβɨnɨ-n uasi βinun-ø mutsa-misi

homem-Erg sempre buriti-Abs amassar-Hab

'o homem sempre amassa buriti'

d) aatu-n uasi kapɨ-ø ɾɨtɨ-misi

3p-Erg sempre jacaré-Abs matar-Hab

'eles sempre matam jacaré'

O marcador aspectual {-tiru} é usado para indicar ações realizadas há pouco tempo ou até vinte e quatro horas antes do momento da fala.

(87)

a) iauanaua-hu-ø-hin itʃa-pa munu-tiɾu

yawanawá-Pl-Abs-Foc muito – Intens dançar – AF

'Os Yawanawá dançam muito'

b) nu-n-hin mui ʃuma aia-tiɾu

1p-Erg-Foc boi peito beber-AF

'nós acabamos de beber leite'

c) mi-n-mɨn naua-ø isma-tiɾu mi-n isin-ai-anu

2s-Erg-Int branco-Abs mostrar-AF 2s-Erg doer-AnF-onde

'você pode mostrar ao médico onde está doendo ?'

O marcador aspectual {-tamɨa} é usado para indicar ações ocorridas entre dois e quatro dias antes do momento da enunciação.

(88)

a) auihani-mɨn aʃan-ø iki-tamɨa

onde – Int pescaria-Abs acontecer-AP

'onde aconteceu a pescaria ?'

b) alreni-ø imi-tam±a

NP-Abs sangrar-AP

'Alreni menstruou'

3.1.2.3 Modo

Definimos o modo como a atitude do falante em relação ao evento, incluindo a crença do falante em sua realidade ou plausibilidade. Em Yawanawá, o modo é marcado por sufixos que se agregam à raiz verbal. Em geral, ocorre como o elemento mais a direita na palavra verbal, após o marcador aspectual ou temporal, quando da ocorrência dos mesmos. O modo imperativo é marcado por {-u±}; o desiderativo por {-pai}; o declarativo é marcado por {-ki} ~ {-ka} e o interrogativo por {-m±n}.

Modo imperativo

O imperativo afirmativo é marcado pelo sufixo {-u±} e ocorre após a raiz verbal ou em seguida ao marcador aspectual, enquanto no imperativo negativo, o sufixo de negação {-ma} antecede o sufixo afirmativo, como está apresentado nos exemplos abaixo:

Imperativo afirmativo

(89)

a) βinun mutsa-uɨ

buriti amassar-Imp

'Amasse o buriti'

b) piti ua-uɨ

comida fazer-Imp

'faça a comida'

Imperativo negativo

(90)

a) kaia-ma-uɨ

ir-Neg-Imp

'não vá embora'

b) aiaia-ma-uɨ

beber-Neg-Imp

'não beba'

Modo desiderativo

O modo desiderativo é marcado por {-pai} e pode ocorrer isolado logo após a raiz verbal ou antecedendo um sufixo aspectual.

(91)

a) audi-ø-hin auin-βakɪ-βɪ ʃuʃu-pai-tiɾu

NP-Abs-Foc mulher-criança-Com brincar-Des-AF

'É Aldir que só quer brincar com a filha'

b) ɾasu-n ʃaia-ø kãi-ma-pai-ma

NP-Erg NP-Abs sair-Neg-Des-Caus

'Rasu não quer que Shaya saia'

c) ɾasu-n pi-pai

NP-Erg comer-Des

'Rasu quer comer'

Modo declarativo

As línguas do mundo, de acordo com Lyons (1979: 322), podem marcar ou não o modo declarativo, tendo em vista que *"frases declarativas, estritamente falando, são não-modais, ou seja "não-marcadas" quanto ao modo"*. Na língua Yawanawá, ocorrem os dois processos. Na maioria das frases declarativas não existe nenhuma marca foneticamente realizada que possa ser caracterizada como modal, entretanto, certamente motivados por aspectos pragmáticos, em algumas frases, o modo é marcado, de forma que o status factual do que está sendo enunciado recebe uma marca gramatical, através do sufixo {–ki} ou {-ka}, empregados para marcar as frases declarativas na língua. Hipotetizamos que tal alomorfia seja condicionada pela vogal final do verbo a que o sufixo se agregará: verbos com vogal final [+ cor] são sufixados por {-ki} e verbos com vogal final com qualquer outra especificação são sufixados por {-ka}, como pode ser visto nos exemplos em seguida:

(92)

a) niuɨ-ø sui-ø-ki

vento-Abs soprar-N.Pas-Decl

'o vento está soprando'

b) a-ø-hin tina-i-ki

3s-Abs-Foc fome-AnF-Decl

'ele(a) está esfomeado(a)'

c) misi-nɨn-si katsu-ø a-ka

NP-Erg-Apenas veado-Abs matar-Decl

'Só o Misi matou veado'

d) ɨ-n ɾatɨ-ka

1s-Erg ajoelhar-Decl

'eu me ajoelhei'

O processo de marcação do modo declarativo encontrado em Yawanawá é semelhante ao Kaxinawá, língua da família pano (Montag, 1981: 553-4) e ao Poyanáwa (Paula, 1992: 84).

Modo Interrogativo

O modo interrogativo é marcado por {-mɨn}, que ocorre preferencialmente sufixado ao verbo ou após o marcador temporal ou aspectual, como pode ser visto nos exemplos em seguida:

(93)

a) nukɨβɨnɨ–n pɨʃɨ–ø ua–mɨn

homem-Erg casa-Abs fazer-Int

'O homem fez a casa?

b) auɨti rau ɨʃɨ-hu mi-n ʃɨ-a-mɨn

quantas remédio semente-Pl 2s-Erg engolir-Pas-Int

'você engoliu quantas pílulas?'

Como pode ser visto acima, a morfema interrogativo tem como escopo toda a oração, entretanto, o sufixo interrogativo pode ter como escopo um nome, ou um pronome interrogativo, como pode ser visto em seguida:

(94)

a) βɨra-n-mɨn-hin pi-ø

NP-Erg-Int-Foc comer-N.Pas

'Vera está comendo?'

b) mi-n-mɨn naua isma-tiɾu

2s-Erg-Int branco mostrar-AF

mi-n isin-ai anu

2s-Erg doer-AnF onde

'você pode mostrar ao médico onde dói?'

c) tsua-mɨn ɨ-uan uiʃa-ti uian-ø

quem-Int 1s-Pos escrever-Instr ver-N.Pas

'Quem está vendo minha caneta?'

Apresentamos, em seguida, um quadro resumido dos sufixos de tempo, aspecto e modo. A seqüência de apresentação obedece à ordem em que os mesmos aparecem na palavra verbal.

	Tempo		Aspecto		Modo	
Raiz Verbal	-ø	N.Pas	-kai ~ -kani	AnF	-uɨ	Imp
	-a	Pas	-misi	Hab	-pai	Des
	ʃinna ~ ʃian	Pas1	-tiɾu	AF	-ki ~ -ka	Decl
	-pauni	Pas2	-tamɨa	AP	-mɨn	Int
	-ni	Pas3				

Quadro 01 – Resumo dos sufixos de Tempo, Aspecto e Modos

Os sufixos apresentados acima realizam-se exclusivamente na palavra verbal, entretanto outros morfemas ocorrem exclusivamente anexados ao verbo como morfemas causativos e benefacticos. Além destes, apresentaremos, em seguida, o morfema de negação, que ocorrem também junto ao verbo.

O sufixo causativo {-ma} aparece em verbos transitivos logo após a raiz verbal, como nos exemplos:

(95)

a) aatu-n ɨa-ø ɾaia-ma-i

3s-Erg 1s-Abs trabalhar-Caus-AnF

'ele está me fazendo trabalhar'

c) ɨ-uan βɨnɨ-n ɾasu mɨʃti-ø pɨʃa-ma-ʃun

1s-Pos marido-Erg NP lenha partir-Caus-Ben

'meu marido fez com que Rasu cortasse lenha para mim'

O benefactivo indica uma ação feita em benefício de alguém e é marcado pelo sufixo {-ʃun}, que ocorre em seguida à raiz verbal ou após o sufixo aspectual.

(96)

a) ma-n-mɨn ɨa-ø iuma-ø βɨ-ʃun

2p-Erg-Int 1s-Abs peixe-Abs trazer-Bem

'vocês trouxeram peixe para mim?'

b) nukɨβɨnɨ-hu-haun auin-hu-haun ia usi-ʃun

homem-Pl-Erg mulher-Pl-Erg juntos misturar-Ben

pɨʃɨ uai-tamɨa-hu

casa fazer-AP-Pl

'os homens e as mulheres construíram a casa juntos'

O morfema de negação {-ma} sufixa-se ao verbo após o sufixo aspectual ou temporal e neste caso tem como escopo toda a oração, como pode ser visto nos exemplos em seguida:

(97)

a) atu-n katsu-ø ɾɨtɨ-a-ma

3p-Erg veado-Abs matar-Pas-Neg

'eles não mataram o veado'

b) auin-hu-nɨn a-uan pani-ø kɨi-ua-ma

mulher-Foc-Erg 3s-Pos rede-Abs acabar-fazer-Neg

'a mulher não acabou de fazer a rede dela'

c) ɨ-n tʃapiʃi-ø pi-tiɾu-ma ɨ-n anan-tiɾu

1s-Erg ostra-Abs comer-AF-Neg 1s-Erg vomitar-AF

'eu não como ostra porque (senão) vomito'

Como podemos observar através dos exemplos (96) e (98), os morfemas indicadores de causavitização e de negação são idênticos. A identificação dos mesmos, além do contexto, só é possível quando ambos ocorrem na mesma oração. Neste caso, a negação, que tem como escopo a oração, ocorrerá como o último elemento a ser sufixado ao verbo, depois dos marcadores de tempo e aspecto, como pode ser visto nos exemplos em seguida:

(98)

a) ɾasu-n ʃaia-ø kai-ma-pai

NP-Erg NP-Abs sair-Caus-Des

'Rasu quer que Saya saia'

b) ɾasu–n ʃaia–ø kai–ma–pai–ma

NP-Erg NP-Abs sair-Caus-Des-Neg

'Rasu quer que Saya não saia'

c) a–ø–hin i̇–n kiṅa–ma–ma

3s-Abs-Foc 1s-Erg convidar-Caus-Neg

'ele não foi convidado por mim'

3.1.3 Adjetivo

A distinção entre nomes e verbos parece se expressar na maioria das línguas do mundo. O mesmo não pode ser dito em relação aos adjetivos. A definição tradicional de que os adjetivos são uma classe de palavras que denotam qualidades ou atributos deve ser ampliada com outros critérios morfológicos ou sintáticos.

Os adjetivos, em Yawanawá, são reconhecidos morfologicamente pela característica de poder receber o sufixo {-tapa} ou seu alomorfe {–pa}, que tem como característica a intensificação do significado da base. Aparentemente, não existe um condicionamento para a realização de um ou de outro morfema.

(99)

a. [hui]$_{ADJ}$ → [[hui]$_{-TAPA}$]$_{ADJ}$

sujo

'sujo demais / muito sujo'

b) [tʃ±hʃ±]$_{ADJ}$ → [[tʃ±hʃ±]$_{-TAPA}$]$_{ADJ}$

preto

'bem preto'

c) [β±na]$_{ADJ}$ → [[β±na]$_{-TAPA}$]$_{ADJ}$

nova

'muito nova / bem nova'

Em termos sintáticos, o adjetivo é definido como uma palavra que pode ser usada numa frase nominal para especificar alguma propriedade do nome que se encontra no núcleo da frase (Payne, 1997: 63). Em Yawanawá, o adjetivo fica posposto ao nome que modifica, não podendo, portanto, ocupar a posição de A ou S, como nos exemplos, em seguida:

(100)

a) ʃɨki paʃin

milho amarelo

'o milho amarelo'

[N Adj] SN

b) mapu turu

cabeça redonda

'cabeça redonda'

[N Adj] SN

c) uʃɨ iua-pa

lua grande-Enf

'lua cheia'

[N Adj] SN

3.1.4 Advérbios

Os advérbios, em Yawanawá, são formados quase que exclusivamente por palavras simples, o que dificulta sua classificação em termos morfológicos. Em termos

sintáticos, o advérbio será definido como a palavra que modifica o verbo ou toda uma oração. Posicionalmente, o advérbio pode iniciar a oração, quando têm a mesma como escopo ou ainda preceder ou suceder o constituinte que modifica. Pelo número de realizações levantadas, esta última pode ser considerada a preferencial.

(101)

a) iskaɾa nu-ika mɨɾa iuɾa-hu itʃa-pa-ma

agora 1p-morada dentro gente-Pl muito- Enf- Neg

'tem pouca gente na aldeia agora'

b) atu-n itʃa-pa pi-a

3p-Erg muito-Enf comer-Pas

'eles comeram muito'

Apresentaremos, em seguida, os tipos de advérbios encontrados na língua Yawanawá.

Advérbios de tempo

O advérbio de tempo é empregado para estabelecer mais precisamente a cronologia da ocorrência. Como a noção temporal é marcada pelos sufixos temporais agregados ao verbo, o advérbio de tempo é necessário para garantir a precisão esperada pelo falante ou ainda quando não existe a presença do sufixo temporal. Este advérbio pode

ter como escopo a sentença ou apenas o sintagma verbal. No primeiro caso, ocorrerá no início da sentença e no segundo caso, sua posição será pré-verbal.

(102)

a) iamɨɾi ɨ-n nɨuɨ-i-ka-ʃɨ-i

amanhã 1s-Erg tarrafear-AnF-Decl-SId-AnF

ɾaiun atʃi-pai

mocinha pegar-Des

'amanhã, eu vou pescar mocinha'

b) mi-n na-ʃaβata kai-mɨn

2s-Erg Dem-dia ir-Int

'você vai hoje?'

Advérbios de lugar

Este advérbio faz referência ao lugar da ocorrência da ação, indicando deiticamente a posição que o falante ocupa em relação ao conteúdo da situação.

Os advérbios de lugar podem ocupar uma posição pré ou pós-verbal.

(103)

a) nu-n-hin atsa kiɾi katan-ʃinna

nós-Erg-Foc macaxeira lá ir-Pas1

'nós mesmo fomos lá na roça ontem'

b) nukɨβɨnɨ-ø ani-hu isin tɨnɨ-ai

homem-Abs velho-Hum doente sentir-AnF

tʃai ika-ʃɨ na-ɾama nuku-a

longe morar-SId Dem-momento chegar-Pas

'o homem velho e doente que mora longe chegou agora'

c) βaɾi-ø nai mɨɾa mia-ʃɨ kaian-ma

sol-Abs céu dentro aparecer-SId sair-Neg

'o sol não apareceu no céu hoje'

d) a-ø-hin tʃi tʃai-ma nuku-a

3s-Abs-Foc fogo longe-Neg chegar-Pas

'Foi ela que chegou perto do fogo'

A função locativa, além dos exemplos acima, também pode ser marcada na palavra que funcionará como advérbio de lugar, através do acréscimo do sufixo {-un} ou da nasalização da última vogal da palavra. O condicionamento para tal ocorrência parece estar relacionado ao número de sílabas da palavra com função adverbial.

(104)

a) ɾasu-n tuiku-ø ɾɨtɨ-a iui-ki-un

NP-Erg macaco-Abs matar-Pas árvore-Decl-Loc

tsau-a

sentar-Pas

'Rasu matou o macaco que estava na árvore'

b) tuiku iui-un ina-ø

macaco árvore-Loc subir-N.Pas

'o macaco sobe na árvore'

c) βakɨ-hu-hu pani-n uʃa-ø-hu

criança-Hum-Pl rede-Loc dormir-N.Pas-Pl

'os meninos dormem na rede'

Além dos ocorrências acima, foram encontrados exemplos em que o sufixo {-nɨ} exercia função locativa. Não encontramos explicação para o uso de um ou de outro sufixo, por isso consideramos que o uso dos mesmos encontra-se em variação livre.

(105)

a) tari-nɨ-ti

roupa-Loc-Instr

'mala'

b) ipu–nɨ putu

amargo-Loc pó

'café'

c) nuia-ti-nɨ-kai

voar-Instr-Loc-AnF

'voando'

Advérbios de intensidade

O advérbio de intensidade reforça ou intensifica a ação realizada positiva ou negativamente. Na língua Yawanawá, os advérbios de intensidade mais freqüentes são

itsapa 'muito' e o seu oposto itʃapama 'pouco', que têm como escopo o sintagma verbal e podem preceder ou suceder o mesmo.

(106)

a) a-ø-hu-hu itʃapa munu-a-hu

3s-Abs-Hum-Pl muito dançar-Pas-Pl

'eles dançaram muito'

b) iskaɾa nu-n-ika mɨɾa iuɾa-hu itʃapa-ma

agora 1p-Pos-morada dentro gente-Pl muito-Neg

'agora, tem pouca gente na aldeia'

c) a-ø-hin itʃapa tʃuatʃua-iki

3s-Abs-Foc muito tremer-Decl

'ele tremeu bastante'

Advérbios de modo

Os advérbios de modo modificam o significado do verbo, antecedendo o mesmo.

(107)

a)	ʃɨuai-tun	ʃɨ-ua-kin	ʃaɾa	ua-tiɾu
	costureira-Nom	costura-fazer-Trans	bem	fazer-AF
	'a costureira costura bem'			

3.2 Classes fechadas

3.2.1 Pronomes

O pronome pode ser delimitado como uma palavra que pode substituir um nome ou uma frase nominal (Schachter, 1996: 25). Em Yawanawá, embora possam receber os mesmos sufixos de caso ergativo e absolutivo quando desempenham as funções sintáticas semelhantes a dos nomes, os pronomes merecem um tratamento em separado tendo em vista que constituem uma classe fechada, diferentemente dos nomes, e por apresentarem subclasses como demonstrativos, (reflexivos), possessivos e interrogativos.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais podem ocorrer como formas livres ou presas. As formas livres, sintaticamente, estão associadas ao caso absolutivo, ocupando exclusivamente a posição de objeto. As formas presas relacionam-se ao caso ergativo e ocupam a posição argumental de Agente. Neste caso, como marcador do caso ergativo, a última vogal do pronome será nasalizada, exceto a terceira pessoa do singular que será marcada pelo alomorfe {-haun}. Em seguida, apresentaremos o quadro dos pronomes pessoais:

	Caso absolutivo	Caso ergativo
1s	±a	±-n
2s	mia	mi-n
3s	a	a-n±n
1p	nuk±	nu-n
2p	matu	matu-n
3p	atu	atu-n

Quadro 02 – Pronomes Pessoais

(108)

Posição de objeto

a)	mi-n	mɨtsi-nɨn	ɨa-ø	uiʃa-ø
	2s-Pos	unha-Erg	1s-Abs	arranhar-N.pas
	'tua unha me arranha'			

b)	tsaka	ɨa-ø	ɾaβanan-i-ka
	NP	1s-Abs	ajudar- AnF-Decl
	'Tsaka está me ajudando mesmo'		

c)	ɨ-n	mia-ø	iui-kin	katãu	mia-ua
	1s-Erg	2s-Abs	dizer-Trans	sair	2s-fazer
	'eu lhe disse que você saísse'				

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são usados para situar ou demonstrar deiticamente a posição dos objetos ou das pessoas em relação aos participantes do evento

comunicativo, sendo utilizado para expressar distâncias ou orientação em relação ao falante/ouvinte. Em Yawanawá, os demonstrativos ocupam posição pré-nominal.

(109)

a) na βakɨ-hu-nɨn kaɾi-ø pi-ø

Dem menino-Hum-Erg batata-Abs comer-N.Pas

'este menino está comendo batata'

b) na uiʃa-ti ɨuɨ-na

Dem escrever-INST 1s-Pos

'este caderno é meu'

Pronomes possessivos

A língua Yawanawá parece não fazer distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis. As construções possessivas na língua possuem três possibilidades de realização. A primeira realiza-se através do acréscimo do sufixo de posse {- wan} às formas livres ou básicas dos pronomes pessoais. Neste caso, o pronome possessivo ocorre em posição pré-nominal. No segundo tipo de realização, o sufixo {-na} é acrescido as formas dos pronomes pessoais e neste caso o possessivo ocupa a posição pós-nominal e final de frase. O terceiro tipo realiza-se através do sufixo marcador de posse {-n}, que é

acrescentado ao pronome pessoal. Abaixo seguem os exemplos com todas as ocorrências descritas.

	Pronome pessoal	Sufixo de posse
1s	ɨ	-uan
2s	mi	-uan
3s	a	-uan

Quadro 03 - Pronomes possessivos

ɨuan – pronome possessivo de primeira pessoa do singular:

(110)

a) ɨ-uan mapu

1s-Pos cabeça

'minha cabeça'

b) ɨ-uan kaman

1s-Pos cachorro

'meu cachorro'

miuan – pronome possessivo de segunda pessoa do singular:

(111)

a) mi-uan mapu

2s-Pos cabeça

'tua cabeça'

b) mi-uan uiʃa-ti

2s-Pos escrever-Instr

'tua caneta'

auan – pronome possessivo de terceira pessoa do singular:

(112)

a) a-uan manakati

3s-Pos dente

'seu dente / dente dele(a)'

b) a-uan βitʃinati

3s-Pos namorado

'seu namorado / namorado dela'

As realizações apresentadas acima referem-se apenas ao singular, as construções possessivas no plural com o sufixo {–uan} não aparecem no corpus levantado. É possível que a língua possua um quadro correspondente ao plural, entretanto, quando solicitados a apresentarem construções possessivas com as possíveis realizações no plural, os informantes preferiam as formas em que existe o acréscimo do sufixo possessivo {-n}, como será apresentado mais adiante. O que podemos deduzir é que existe alguma cisão no sistema de marcação de posse ou a realização apresentada no quando 03 está passando por um processo de desuso funcional que se iniciou com as formas no plural.

O segundo tipo de marcação de posse ocorre com o sufixo {-na}, que é acrescido aos pronomes pessoais. Este tipo ocorre sempre em posição pós-nominal e funciona como resposta do tipo de quem é X?.

(113)

a) na ui∫i-hu-hin ɨuɨ-na

Dem letra-Pl-Foc 1s-Pos

'estes livros são meus'

b) aa ui∫a-ti-hin mi-na

Dem escrever-Instr-Foc 2s-Pos

'esta caneta é tua'

c. aa ui∫a-ti-hin aui-na

Dem escrever-Instr-Foc 3s-Pos

'esta caneta é dela'

d) na ui∫a-hu-hin nukɨ-na

Dem escrever-Pl-Foc 1p-Pos

'estes livros são nossos'

e) na-ma matu-na

Dem-coisa 2p-Pos

'isto pertence a vocês'

f) aa ui∫a-ti-hin atu-na

Dem escrever-Instr-Foc 3p-Pos

'a caneta dele(a)s'

Como dito acima, a realização mais produtiva é aquela em que o marcador de posse {-n} é sufixado ao pronome pessoal. Neste caso, o possessivo antecede o nome possuído.

(114)

a) mi-n t∫ut∫i-ø uai-na-ki-kai puia-uma

2s-Pos avó-Abs roçado-Dir-Decl-AnF braço-sem

pɨa-ma-kɨa-na

pisar-Caus-quase-Dir

'tua avó que andava na roça pisou na cobra

b) nukɨ-n t∫ai-hin puta-ti atu

1p-Pos primo-Foc jogar-Instr 3s

uinun-ma-tan puta-pai

vencer-Caus-Dir jogar-Des

'O nosso primo sempre quer vencer'

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos ocorrem, preferencialmente, no início da oração, mas podem anteceder o verbo . São utilizados para formular perguntas diretas ou

indiretas e ocorrem simultaneamente ao sufixo interrogativo. A marca de interrogaçao pode ocorrer junto ao pronome interrogativo ou ao verbo.

Quem

(115)

a) tsua nuku-a-mɨn

quem chegar-Pas-Int

'chegou alguém?'

b) tsua-mɨn ɨ-uan uiʃa-ti uian-ø

quem-Int 1s-Pos escrever-Instr ver-N.Pas

'Quem está vendo minha caneta?'

O quê?

(116)

a) min auɨa pi-a-mɨn

2s o que comer-Pas-Int

'o que você comeu?'

Onde

(117)

a)	mi-n	hani	tsau-haia-mɨn
	2s-Erg	onde	sentar-Dir-Int

'0nde você sentou?'

Quando

(118)

a)	auɨtian	mi-n	uiʃa-ti	βɨnu-i-tamɨa
	Quando	2s-Erg	escrever-Instr	esquecer-AnF-AP

'quando você perdeu a caneta?'

b)	mia	tʃai-ma-ika-tun	βakɨ-mɨn	auɨtian
	2s	longe-Neg-morar-Nom	filho-INT	quando

βakɨ-i-tamɨa

nascer-AnF-AP

'quando o filho de sua vizinha nasceu?'

Quantos

(119)

a) auɨti iuina-hu ʃui-a-hu-mɨn

quantos animal-Pl assar-Pas-Pl-Int

'foram assados quantos animais?'

b) auɨti ɾau ɨʃɨ-hu mi-n ʃɨ-a-mɨn

quantos remédio semente-Pl 2s-Erg engolir-Pas-Int

'você engoliu quantas pílulas?'

Qual

(120)

a) auɨtiu-mɨn mi-n tuiku-nɨn a-uan mapu

qual-Int 2s-Pos macaco-Erg 3s-Pos cabeça

'qual o tamanho da cabeça do teu macaco?'

Como

(121)

a) auɨsa-ʃɨ mi-n taɾaia kiɾi mi-n-kai-iai

como-SId 2s-Erg Tarauacá lá 2s-Erg-ir-AnF

'como você está indo para Tarauacá?

b) au±sa-m±n ʃaʃu ua-misi-hu

como-Int canoa fazer-Hab-Pl

'como se faz uma canoa?'

3.2.2 Numeral

Na classe dos numerais, considerada como fechada, apenas os cardinais um e dois possuem palavras específicas. Os números três e quatro são formados com a mescla das palavras correspondentes aos números um e dois.

(122)

a) u±sti 'um'

b) ɾaβ± 'dois'

c) ɾaβ± inun u±sti 'três'

d) ɾaβ± inun ɾaβ± 'quatro'

A partir do número cinco são incorporados ao sistema as palavras m±hi 'mão' e m±tuti 'dedo'.

(123)

a) m±hi uisti 'cinco'

b)	mɨhi uisti inun mɨtuti uisti	'seis'
c)	mɨhi uisti inun mɨtuti ɾaβɨ	'sete'
d)	mɨhi uisti inun mɨtuti ɾaβɨ inun uisti	'oito'
e)	mɨhi uisti inun mɨtuti ɾaβɨ inun ɾaβɨ	'nove'
f)	mɨhi ɾaβɨ	'dez'
g)	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti uisti	'onze'
h)	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti ɾaβɨ	'doze'
i)	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti ɾaβɨ inun uisti	'treze'
j)	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti ɾaβɨ ɾaβɨ	'catorze'
l)	mɨhi ɾaβɨ inun uisti	'quinze'

O sistema de numeração da língua pode expressar grandes quantidades, mesmo que através de palavras muito extensas. Atualmente, os falantes preferem usar os números da língua portuguesa, especialmente depois que estabeleceram um comércio mais regular com os não-índios.

Os numerais modificam o SN e ocorrem posposicionalmente ao mesmo. Sintaticamente, os numerais funcionam como adjuntos do SN de que fazem parte, como nos exemplos:

(124)

a) ʃɨta mɨhi uɨsti

dente mão uma

'cinco dentes'

b) ʃuki ɾaβɨ inun ɾaβɨ

milho dois e dois

'quatro milhos'

c) ʃaβa ɾaβɨ inun uɨsti

dia dois e um

'três dias'

d) βaɾi uɨsti

sol um

'um ano'

e) ɨ-n aua -ø ɾaβɨ ɾɨtɨ-a

1s-Erg anta-Abs dois matar-Pas

'eu matei duas antas'

f)	ɾaβɨ	inun	uɨsti-si	atʃi-a
	dois	e	um – apenas	pegar-Pas
	'pegaram apenas três'			

3.3 Constituição morfológica das palavras

Em Yawanawá, as palavras são marcadas por um acento fixo na última sílaba e podem ser classificadas de acordo com sua constituição morfológica em simples, complexas e compostas.

As palavras simples podem ser depreendidas de forma isolada e em contexto, possuem acentuação na última sílaba e são formadas exclusivamente por uma raiz. Em sua maioria, as palavras simples são formados por dissílabos, e decrescentemente por monossílabos e trissílabos.

As palavras complexas são formadas por raiz + afixos. Nas palavras dissilábicas, a primeira sílaba sempre constitui a raiz e nos demais casos, em sua maioria, as duas primeiras sílabas correspondem à raiz e os demais são os afixos que se agregam à mesma. Como as palavras simples, as complexas possuem acentuação na última sílaba da palavra. Quando houver a presença de mais de um afixo, o acento sempre fica na sílaba mais à direita da palavra.

As palavras compostas são aquelas formadas por mais de uma raiz. Como nos dois tipos anteriores, o acento desloca-se para a última sílaba da palavra, embora, neste caso, exista a presença do acento secundário, tendo em vista que o acento primário da primeira palavra formadora do composto cai para uma posição secundária quando da composição, como apresentado em seguida:

(125)

a) [taka'ra]$_N$ [βa'kɨ]$_N$ → [taka$_{,}$raβa'kɨ]$_N$

galinha filho

'pinto'

b) [ya'wa]$_N$[na'wa]$_N$[hu]$_{AF}$ → [ya$_{,}$wanawa'hu]$_N$

queixada povo Pl

povo da queixada

'os Yawanawá'

3.3.1 Processos de formação de palavras

Os processos de formação de palavras presentes na língua são a derivação e a composição. Entre os principais processos derivacionais despontam a sufixação e a reduplicação.

3.3.1.1 Sufixação

A derivação sufixal é o processo de formação de palavras que podemos considerar como muito produtivo dentro da língua Yawanawá. Estamos pressupondo que o sufixo faz parte da uma regra lexical, já que o mesmo estabelece uma relação de regularidade com a palavra a que se anexa, ocasionando processos de nominalização e de denominalização ou verbalização.

3.3.1.1.1 Nominalização

Este processo possui uma regra lexical que se aplica a palavras simples: $[X]_V \rightarrow [[X]_{-ti}]_N$, em que o sufixo {-ti} deriva nomes que semanticamente podem ser interpretados como 'objeto que serve para algo', 'se usa para', como pode ser visto em seguida:

(126)

a) [uɨʃa]$_V$ → [[uɨʃa]$_{-ti}$]$_N$

cortar → objeto que serve para cortar

'faca'

b) [mani]$_V$ → [[mani].ti]$_N$

tocar → objeto que serve para tocar

'gravador'

c) [nuia]$_V$ → [[nuia].ti]$_N$

voar → objeto que serve para voar

'avião'

Esta regra se aplica também a compostos formados por palavras com especificações diferentes, embora exista a obrigatoriedade de que a palavra mais a direita do composto seja especificada como Verbo: [[[X]$_N$[Y]$_V$] .ti]$_N$.

(127)

a) [[[pia]$_N$ [kani]$_V$].ti]$_N$

flecha atirar

atirador de flechas

'arco'

b) [[[pɨʃɨ]$_N$[tapan]$_N$ [ua]$_V$] .ti]$_N$

casa assoalho fazer

'paxiúba (palmeira)'

c) [[[hu]$_N$[tʃɨhʃɨ]$_{ADJ}$[ua]$_V$]-ti]$_N$

cabelo preto fazer

se usa para fazer cabelo ficar preto

'tintura de cabelo'

3.3.1.1.2 Denominalização

Este processo é engatilhado pela sufixação de um morfema verbal a uma palavra nominal. O sufixo em questão pode ser marcar uma das categorias flexionais de tempo ou aspecto:

(128)

a) [βakɨ]$_N$ → [[bakɨ]-a]$_V$

criança nascer

b) [kɨnɨ]$_N$ → [[kɨnɨ]-a]$_V$

desenho pintar

3.3.2 Reduplicação

O processo de reduplicação consiste na duplicação de toda a raiz e envolve apenas palavras nominais, adjetivais e verbais. Semanticamente, a reduplicação exerce a função de intensificação do significado da palavra, quando ocorre com adjetivos e verbos.

(129)

a) paʃinpaʃin

'muito amarelo'

b) uʃinuʃin

'vermelhão'

c) βiskiβiski

'magro demais'

d) uʃanuʃan

'sorrir demais'

Entretanto, quando acontece com nomes, a reduplicação ocasiona um processo de denominalização, como no exemplo:

(130)

a)	tari	taritari
	'roupa'	'tremer'

3.3.1.2 Composição

No processo de composição estão envolvidos os nomes, os adjetivos e os pronomes. Como já dito anteriormente, o acento primário da palavra inicial cai para uma posição secundária quando da formação do composto, enquanto o acento da segunda palavra se mantém.

Além da acentuação, quando sofrem uma regra de reajustamento, os compostos podem ser definidos a partir de critérios semânticos, tendo em vista que, isoladamente, as palavras possuem significado independente da significação resultante da composição.

(131)

a) iβi + turɪ

pau pedaço

cavaco (de pau)

b) nuk± + β±n±

1p-Pos marido

homem

c) ʃutaku + βak±

moça criança

menina

Em Yawanawá, os processos de formação de palavras são baseados em palavras. Uma palavra nova é formada pela aplicação de uma regra regular a uma palavra existente na língua. A regra mais freqüente é aquela que forma uma nova palavra a partir da junção de duas palavras já existentes. Esta regra aplicada aos nomes pode ser formalizada da seguinte forma: $[[X]_N\ [Y]_N]_N$, o que pode ser visto nos seguintes exemplos:

(132)

a) $[[$ʃutaku$]_N\ [$βak±$]_N]_N$

moça filha

'menina'

b) [[mui]$_N$ [ʃuma]$_N$]$_N$

boi peito

'leite'

Esta mesma regra pode ser aplicada aos Adjetivos, sendo necessário, portanto, determinar a especificação das palavras formadoras do composto

(133)

a) [[uʃĩ]$_{ADJ}$ [ʃara]$_{ADJ}$]$_{ADJ}$

vermelho bom

' vermelho claro'

b) [[kuru]$_{ADJ}$ [maβa]$_{ADJ}$]$_{ADJ}$

escuro claro

'cinza claro'

c) [[tʃɨhʃɨ]$_{ADJ}$ [kuru]$_{ADJ}$]$_{ADJ}$

preto escuro

'preto escuro'

Dentre as relações que se manifestam entre os constituintes dos compostos, a que mais se destacou foi aquela em que um elemento complementa ou modifica o outro elemento, como apresentado em seguida:

(134)

a) [[mɨhi]$_N$[nata]$_N$]$_N$

mão palma

'palma da mão'

b) [[pabinki]$_N$[hui]$_N$]$_N$

orelha buraco

'ouvido'

4. SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO

4. SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO

Trataremos, neste capítulo, do sistema de marcação de caso. Apresentaremos a ordem dos constituintes na estrutura frasal da língua Yawanawá, bem como a relação destes processos com a questão da transitividade verbal. Basearemos a nossa análise principalmente em Dixon (1979, 1994) e Hopper & Thompson (1980), embora outros autores como Comrie (1978), Givón (1984) e Payne (1997) tenham contribuído para a mesma.

4.1 Ordem dos constituintes frasais

Em Yawanawá, a ordem sintagmática predominante em construções com verbo transitivo é AOV, em que A é o agente da ação verbal, O é o paciente e V refere-se ao verbo. Consideramos tal ordem como básica tendo em vista a sua alta freqüência de ocorrência em relação às demais e a possibilidade do reconhecimento dos constituintes frasais, através da ordenação dos elementos sintáticos e das marcas morfossintáticas indicadoras das funções que as palavras ocupam na frase.

(135)

	A	O	V
a)	nuk±β±n±-n	nau±-ø	pu-a-ki
	homem-Erg	cachimbo-Abs	fumar-Pas-Decl

'o homem fumou cachimbo'

	A	O	V
b)	takara-nɨn	βatʃi-ø	βaki-a
	galinha-Erg	ovo-Abs	nascer-Pas
	'a galinha botou ovo'		

	A	O	V
c)	nu-n-hin	matu-ø	tsiki-a
	1p-Erg-Foc	2p-Abs	empurrar-Pas
	'nós empurramos vocês'		

Nas orações com três argumentos, o elemento correspondente ao objeto indireto sempre ocupará a segunda posição, sucedendo o agente da ação verbal, ocupante da posição 1, e precedendo o objeto direto, o que ocasionará uma ordem do tipo AOiOV, como nos exemplos:

(136)

	A	OI	O	V
a)	fatima-nɨn	anamaria-ø	ini-ti-ø	inan
	NP-Erg	NP-Abs	cheirar-Instr-Abs	dar
	'Fátima deu um perfume a AnaMaria'			

	A	OI	O		V
b)	atu-n	ɨa-ø	tari-ø	raβɨ	inan
	3s-Erg	1p-Abs	roupa-Abs	dois	dar

'ela me deu dois vestidos'

Outra possibilidade de ocorrência com verbos transitivos é a ordem sintagmática OV, decorrente do apagamento do sujeito, desde que o mesmo seja de terceira pessoa do singular. Esta organização dos constituintes não parece estar relacionada à transitividade nem à valência verbal e é considerada como bem-formada. A ocorrência exclusiva com terceira pessoa pode ser justificada pela armação gramatical da língua baseada no eixo falante – ouvinte, sendo os mesmos marcados, o que não ocorre com a terceira pessoa, uma não-pessoa, nos termos do Benveniste (1991: 251), já que não opera no jogo social da comunicação.

(137)

	O	V
a)	kiʃi-ø	ʃua-i
	perna-Abs	cocar-AnF

'(ele) está coçando a perna'

	O	V
b)	ɸɨtʃi-ø	ʃatɨ-a
	pele-Abs	cortar-Pas
	'(ele) cortou a pele'	

	O	V
c)	mɨʃkiti-ø	puta-i
	pedra-Abs	jogar-AnF
	'(ele) está jogando pedra'	

Em construções intransitivas, a ordem SV é predominante. O que se observa é a ocorrência do verbo em posição final de enunciado, que pode ser vista nos exemplos em seguida:

(138)

	S		V
a)	a-ø-hu-hu	itʃa-pa	munu-a-hu
	3s-Abs-Hum-Pl	muito-Enf	dançar-Pas-Pl
	'eles dançaram muito'		

	S	V
b)	iskuhu-ø-hu	nui-a
	japó-Abs-Pl	voar-Pas
	'os japós voaram'	

		S	V
c)	atu-n	mɨhi-ø-hu	ku-a-hu
	3p-Pos	mão-Abs-Pl	queimar-Pas-Pl
	'suas mãos se queimaram'		

Outras ordens são possíveis no corpus levantando, ocasionando uma deslocamento na posição dos elementos pré-verbais, como a mudança do objeto para a posição inicial. Esta mudança de ordem, certamente, está associada à topicalização ou focalização do objeto, o que ocasiona uma ordem do tipo OAV.

(139)

	O			A	V
a)	katsu	nami	turi-ø-hin	ɨ-n	pi-a
	veado	carne	pedaço-Abs-Foc	1s-Erg	comer-Pas
	'o pedaço de carne de veado foi comido por mim'				

	O	A	V
b)	auin-ø-hu	nukɨβɨni-n	tʃitu-a
	mulher-Abs-Hum	homem-Erg	pegar-Pas
	'a mulher foi pega pelo homem'		

	O	A	V
c)	ɨa-ø	puia-uma-nɨn	naka-a
	1p-Abs	braço-Neg-Erg	morder-Pas
	'eu fui mordido pela cobra'		

	O	A	V
d)	a-ø-hin	iumai-nɨn	atʃi-kɨa-na
	3s-Abs-Foc	onça-Erg	pegar-quase-Dir
	'ela quase foi pega pela onça'		

Como visto no exemplo (140) acima, o objeto da oração foi deslocado para a primeira posição. Tal deslocamento possibilitou uma operação de realce[1] de um elemento que numa construção ativa tem normalmente pouco destaque. Considerando o que diz Keenan (1996: 243), que descreve uma construção passiva como aquela que 'topicaliza'[2] um elemento que normalmente, numa construção ativa, não é visto como

[1] 'foregrounding operation', no original em inglês (Keenan, 1996: 243)
[2] As aspas estão no original.

tópico e que com esta operação desloca o agente da ação para uma posição de objeto, estamos considerando tais construções como passivas.

Em resumo, podemos dizer que a língua Yawanawá possui, de acordo com a freqüência de ocorrência, as seguintes ordens: AOV, SV, OV e OAV. As três primeiras ordens referem-se à construções ativas e a última, a uma construção passiva. Embora a ordem não seja fixa para os argumentos externos, o mesmo não pode ser dito em relação ao verbo, que sempre ocupa a posição final de enunciado, independentemente do tipo de construção ativa ou passiva e da transitividade verbal, o que caracteriza a língua como sendo de verbo final.

4.2 A questão da transitividade

Os verbos jogam um papel importante na morfossintaxe da língua e o conceito de transitividade é importante na caracterização dos mesmos. Tradicionalmente, a transitividade envolve sentenças em que os eventos descritos envolvem a transferência de energia de um sujeito a um objeto (Hopper & Thompson, 1980: 251), de forma que uma construção transitiva prototípica envolve dois participantes em um evento, enquanto uma construção intransitiva envolve apenas um participante. A partir dessas reflexões , podemos classificar, inicialmente, os verbos da língua em transitivos e intransitivos.

Verbos Transitivos

(140)

a) βakɨ-hu-nɨn kapɨ-ø ɾɨtɨ-a

criança-Hum-Erg jacaré-Abs matar-Pas

'o menino matou jacaré'

b) ɨ-n βɨnun pi-a

1s-Erg buriti-Abs comer-Pas

'eu comi buriti'

Verbos Intransitivos

(141)

a) βakɨ-hu-hu-ø pani-n uʃa-ø-hu

criança-Hum-Pl-Abs rede-Loc dormir-N.Pas-Pl

'os meninos dormem na rede'

b) a-hu-hu-ø itʃa-pa munu-a-hu

3s-Hum-Pl-Abs muito-Enf dançar-Pas-Pl

'eles dançaram muito'

Os exemplos (141) e (142) mostram a relação entre transitividade e marcação de caso e, portanto, direta ou indiretamente com agentividade. Entretanto, esta classificação será insuficiente para cobrirmos a totalidade dos verbos da língua, pois alguns verbos tipologicamente intransitivos, tendo em vista que não possuem um objeto como complemento e nenhuma ação foi transferida de um participante a outro, terão sujeitos marcados pelo caso ergativo. A maior dificuldade decorre do fato de estabelecer que tipo de atividade ou evento pode ser considerado transitivo, em construções em que não existe nenhum agente ou paciente envolvidos. Por isso, a separação clássica entre transitivos e intransitivos não dá conta de todo o fenômeno envolvido com a questão, como pode ser observado em seguida:

(142)

a) kama-nɨn tsau-ti βɨtʃi kaua-na

cachorro-Erg sentar-Instr cima passar-Dir

'o cachorro passou por cima do banco'

b) nu-n ika-hu mɨɾa-kai

1p-Erg morada-Pl entrar-AnF

'nós estamos entrando na maloca'

Uma possibilidade de análise para estas orações seria, baseado em Givón (1984: 98), classificar o verbo como transitivo, através de um fenômeno que o autor chama de 'extensão metafórica'[3], o que justificaria, portanto a marcação ergativa. Nesta análise,

[3] 'Metaphoric extension' no inglês.

'tsauti' e 'ikahu' seriam considerados objetos diretos, por extensão metafórica. Como diz o autor, o processo é considerado um afastamento da transitividade prototípica, mas para resolver a questão, Givón propõe que a transitividade deva ser vista através de uma abordagem gradiente, tendo em vista que depende de mais de uma propriedade para ser estabelecida. Este padrão de verbos transitivos metaforicamente estendidos pode ser atribuído a verbos que envolvem processos de percepção, cognição e memória e possuam um sujeito experimentador (preferencialmente agente) e um objeto (preferencialmente paciente). Tal ocorrência também se verifica em outras línguas pano, como Marubo (Costa, 1994: 205) e Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003: 579).

Esta perspectiva semântica da transitividade vem se somar a perspectiva morfossintática, a partir das quais serão definidas as relações gramaticais que se estabelecem nas orações, de grande relevância para o sistema de marcação de caso da língua. Desta forma, um verbo transitivo prototípico é descrito como uma relação entre dois participantes, sendo que um dos participantes, o agente, causa uma mudança física e observável no segundo, o paciente. Estas relações podem ser estabelecidas prototipicamente através das relações gramaticais de sujeito e objeto direto e são marcadas na língua Yawanawá através do caso ergativo e absolutivo, respectivamente. Os verbos transitivos podem ser subcategorizados em ditransitivos, quando possuem dois SN que funcionam como objeto (cf.. exemplo 136). Na língua Yawanawá, parece não existir nenhuma diferença morfológica entre os dois objetos, processo semelhante ao que ocorre em Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003: 346) e em Matses (Fleck, 2003: 822). Um verbo intransitivo prototípico possui apenas um argumento e podem ser subcategorizados em ativos e estativos. Os verbos intransitivos ativos estão associados a ações, movimento ou

mudança de posição e codificam o papel semântico de agente. Nesta classe incluem-se verbos como cantar, brincar, chorar, nadar, correr, dançar. Os verbos intransitivos estativos descrevem estados permanentes, posição do corpo ou mudança de estado, tais como morrer, dormir, apodrecer, sentar (estar sentado).

4.3 Sistema de marcação de caso

A marcação de caso pode ser entendida como os vários mecanismos utilizados por uma língua para codificar as funções gramaticais sintático-semânticas dos nominais de uma sentença com o verbo e pode se expressar através de mecanismos lingüísticos. Para Givón (1984: 136), os diferentes sistemas de marcação constituem soluções tipológicas ao mesmo nexo funcional entre o papel semântico e a função pragmática dos argumentos de uma oração. Uma variedade de fenômenos lingüísticos pode estar associada com a marcação de caso e, portanto, estreitamente ligados às relações gramaticais, semânticas ou pragmáticas.

De acordo com Dixon (1994: 6), todas as línguas distinguem a sentença intransitiva das transitiva. A primeira envolve um verbo e um sintagma nominal, enquanto a segunda envolve um verbo e dois ou mais sintagmas nominais. Cada língua, portanto, funciona em termos de três primitivas relações sintático - semânticas: A, S, P (Comrie, 1978) ou A, S, O, de acordo com Dixon (1979, 1994). S corresponde ao argumento monovalente de um verbo intransitivo, enquanto A e O se referem, nas cláusulas transitivas, ao argumento agenciador da ação e O, ao argumento afetado ou paciente.

Existem dois sistemas básicos de marcação de caso: o nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo. Um sistema de marcação de caso do tipo nominativo-acusativo trata A e S da mesma forma e O de forma distinta. Um sistema ergativo-absolutivo identifica S e O com a mesma marca morfológica, ao passo que A é marcado diferentemente. A partir dessas relações podemos dizer que as línguas nominativo/acusativas expressam A e S no caso nominativo, enquanto que as línguas ergativo-Absolutivas expressam A no caso ergativo. Geralmente, a função S não é morfologicamente marcada, tendo em vista que, ocorrendo como único argumento externo de um verbo intransitivo, não concorre com outros constituintes. Em um sistema ergativo-absolutivo, entretanto, em que a necessidade de estabelecer distinções entre os argumentos verbais, torna-se necessário a marcação morfológica de A ao mesmo tempo em que O é o termo não-marcado.

O sistema ergativo-absolutivo, nos estudos tipológicos, é visto como complementar ao sistema nominativo-acusativo (Dixon, 1994: 1). Isto deve-se ao fato de que com o passar do tempo, estes sistemas vão alterando gradativamente a marcação de caso, o que faz com que S e A recebam o mesmo tratamento, sendo marcados pelo caso nominativo, ao passo que O, em oposição a S e A, é marcado como acusativo. Os dois sistemas aparecem em muitas línguas, resultando em vários tipos de cisões condicionadas pela natureza semântica de um ou de vários componentes obrigatórios da oração: nomes, verbos, TAM (Tempo, Aspecto e Modo) ou ainda pela distinção entre orações principais e coordenadas. (Dixon, 1994: 2).

4.3.1 Marcação de caso no sistema nominal

A língua Yawanawá possui um sistema de marcação de caso do tipo ergativo-absolutivo. O caso ergativo é morfologicamente marcado por {- n}, enquanto o caso absolutivo, sem nenhuma marca morfológica foneticamente realizada, é representado por ø, o que pode ser visto nos exemplos em seguida:

(143)

a) apa-n βakɨ-ø kuʃa-ʃinna

pai-Erg criança-Abs bater-Pas1

'o pai bateu no filho ontem'

b) iβastiβu-n visku-ø ʃɨtɨ-a

NP-Erg NP-Abs beijar-Pas

'Ivaistivu beijou Visku'

c) nukɨβɨnɨ-n nauɨ-ø pu-a-ki

homem-Erg cachimbo-Abs fumar-Pas-Decl

'o homem fumou cachimbo'

A marcação de caso ergativo se caracteriza pela nasalização da última vogal do SN que desempenha a função de A, que será interpretada como a realização fonética do morfema de ergatividade. Entretanto, a língua possui um segundo tipo de marcação de caso ergativo, que se caracteriza pela sufixação de um morfema monossilábico, que tem sua realização condicionada pelas características do SN a que se agregará e é considerado uma realização alomórfica da ergatividade.

Na maioria dos exemplos levantados, se o nome que desempenha função de A terminar por vogal nasalizada ou possuir três ou mais sílabas, será anexado o sufixo {-nɨn}:

(144)

a) tʃiɾiman-nɨn ua∫i-ø nika-ø

NP-Erg NP-Abs ouvir-N.Pas

'Txirimã ouve Waxi'

b) kaman-nɨn unu-ø ɾɨtɨ-a

cachorro-Erg porquinho-Abs matar-Pas

'o cachorro matou o porquinho'

c) βakɨ-hu-nɨn kapɨ-ø ɾɨtɨ-a

criança-Hum-Erg jacaré-Abs matar-Pas

'o menino matou um jacaré'

d) takara-nɨn ʂɨki-ø pi-ø

galinha-Erg milho-Abs comer-N.Pas

'a galinha come milho'

4.3.2 Marcação de caso no sistema pronominal

Como no sistema nominal, a marcação do caso ergativo no sistema pronominal será feita por {- n}, que nasalizará a vogal final do pronome livre, ocasionando uma sílaba travada do tipo VC, enquanto o caso absolutivo, sem nenhuma marca morfológica foneticamente realizada, será representado por ø. A marcação ergativa está diretamente relacionada à transitividade, em termos prototípicos, como pode ser visto em seguida:

(145)

a) ɨ-n iuma-ø pi-pai

1s-Erg peixe-Abs comer-Des

'eu quero comer peixe'

b) nu-n atsa-ø pitʃan pi-ø

1p-Erg macaxeira-Abs cozida comer-N.Pas

'nós estamos comendo macaxeira cozida'

(146)

a) mɨ-n-mɨn katsu-ø ɾɨtɨ-a

2s-Erg-Int veado-Abs matar-Pas

'você matou um veado?'

b) na-ʃaβata-hin mi-n nami-ø pi-ʃian

Dem-dia-Foc 2s-Erg carne-Abs comer-Pas1

'ontem, eu comi carne'

(147)

a) atu-n iuina-ø ɾɨtɨ-a-ma

3p-Erg pássaro-Abs matar-Pas-Neg

'eles não mataram o passarinho'

b) atu-n iunkan-ø pi-ø

3p-Erg goiaba-Abs comer-N.Pas

'eles comem goiaba'

Quando o **A** é expresso pela terceira pessoa plural, a marca da ergatividade é o morfema {-haun}. O condicionamento para tal realização, além da transitividade, parece estar relacionada ao plural, tendo em vista que a marcação de caso sempre sucede o referido morfema:

(148)

a) a-hu-hu-haun maman-ø aia-pai-kani

3s-Pl-Hum-Erg caiçuma-Abs beber-Des-AnF

'eles querem beber caiçuma'

b) a-hu-haun-hin atsa-ø pitʃan-kani

3s-Pl-Erg-Foc mandioca-Abs cozinhar-AnF

pitʃan-ti-anu-ʃun

cozinhar-Instr-lá-Ben

'eles estão cozinhando macaxeira lá na cozinha'

O sufixo {-haun} também ocorre, embora em menor freqüência, com os nomes auin 'mulher' e nukɨβɨnɨ 'homem', que podem ser interpretados como pronomes de terceira pessoa, desde que os mesmos estejam sucedidos pelo morfema plural.

(149)

a) auin-hu-haun nukɨβɨnɨ-hu-hu-ø umis-ma-ʃun

mulher-Pl-Erg homem-Hum-Pl-Abs obrigar-Caus-Ben

pi-ma-kani

comer-Caus-AnF

'elas estão obrigando eles a comerem'

b) nukɨβɨnɨ-hu-haun auin-hu-haun ia usi-ʃun

homem-Pl-Erg mulher-Pl-Erg Con misturar-Ben

pɨʃɨ-ø uai-tamɨa

casa-Abs fazer-AP

'eles e elas construíram juntos a casa'

As realizações (149), entretanto, não são obrigatórias, tendo em vista a ocorrência de marcação da ergatividade através da nasalização da última vogal do nome que ocupa função de **A**, desde que o nomes citados não sejam sucedidos pelo morfema plural, como pode ser visto em seguida:

(150)

a) nukɨβɨnɨ-n nauɨ-ø pu-a-ki

homem-Erg cachimbo-Abs fumar-Pas-Decl

'o homem fumou cachimbo'

'ele fumou cachimbo'

b) auin-hu-nɨn a-uan pani-ø kɨi-ua-ma

mulher-Hum-Erg 3s-Pos rede-Abs terminar-fazer-Neg

'a mulher não terminou de fazer a rede'

'ela não terminou de fazer a rede'

No exemplo (150), todas as orações obedecem à estrutura esperada para orações com verbo transitivo dentro de um sistema de marcação ergativa, pois todos os verbos são classificados como transitivos e todos os SN desempenham função de **A**. O mesmo pode ser dito em relação ao exemplo (151), em seguida, em que os verbos são intransitivos ativos, pois, certamente, existe algum tipo de controle sobre a ação exercida pelo sujeito e neste caso **Sa** funcionaria como **A**, sendo marcado pelo caso ergativo.

(151)

a) ɨ-n tʃai itʃu-a

1p-Erg longe correr-Pas

'eu corri para longe'

b) nu-n munu-tiɾu

1p-Erg dançar-AF

'nós dançamos'

c) mi-n itʃa-pa tupin-tiɾu

2s-Erg muito-Enf nadar-AF

'você nada muito'

Entretanto, o mesmo processo não se observa quando o sujeito do verbo intransitivo ativo é um pronome de terceira pessoa. Neste caso, como nos exemplos em seguida, o verbo intransitivo ativo não aciona a marcação ergativa, ficando o sujeito identificado como **So**, o que pode estar relacionado à uma cisão no sistema de marcação de caso da língua.

(152)

a) a-ø-hin munu-tiɾu

3s-Abs-Foc dançar-AF

'ele dança'

b) a-ø-hin itʃa-pa tupin-i-tiɾu

3s-Abs-Foc muito-Enf nadar-AnF-AF

'ele sempre nada muito'

A diferença de marcação de caso entre a primeira e segunda pessoas em contraste com a terceira pessoa do singular pode ser vista ainda nos seguintes exemplos:

(153)

a) nu–n–hin ʃuʃu–tiɾu

1p-Erg-Foc brincar-AF

'nós brincamos'

b) aa–ø–hin ʃuʃu–tiɾu

3s-Abs-Foc brincar-AF

'ele brincou'

Podemos concluir que na terceira pessoa do singular os verbos intransitivos ativos não acionam a marcação ergativa, tendo portanto uma marcação absolutiva. O mesmo tratamento dado aos SN que desempenham função de S nos verbos intransitivos estativos, sendo identificados como **So**, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(154)

a) auin–ø–hu man na–a

mulher-Abs-Hum já morrer-Pas

'a mulher já morreu'

b) aa–ø–hu–hu it∫a–pa u∫a–ø–hu

3s-Abs-Hum-Pl muito-Enf dormir-N.Pas-Pl

'eles dormem muito'

c) ∫ɨia–ø inun paiu–ø–βɨ tsau-ti

NP-Abs Con NP-Abs-Com sentar-Instr

kamaki tsau-a-hu

sobre sentar-Pas-Pl

'Sheiá e Paiú estavam sentadas no banco'

4.3.3 Cisão no sistema de marcação de caso

A língua Yawanawá se utiliza de elementos morfofonológicos como estratégia para a marcação do caso ergativo. A atribuição dos papéis semânticos dos argumentos verbais está diretamente relacionada aos tipos semânticos dos verbos. O padrão ergativo se manifesta, portanto, pela natureza da relação entre os verbos e seus argumentos. Os verbos podem ser classificados, como dito anteriormente, de acordo com o eixo transitividade-intransitividade, em transitivos e em intransitivos ativos e estativos.

Segundo as convenções propostas por Dixon (1979, 1994) e tomando por base a natureza semântica do verbo, a língua Yawanawá codifica **A** como sujeito de verbos

transitivos; **O** como objeto direto de orações transitivas e em relação aos verbos intransitivos: **Sa** para sujeitos de verbos intransitivos ativos e **So** para sujeitos de verbos intransitivos estativos. Desta forma, **A** se parece semanticamente com **Sa**, no sentido de que ambos exercem controle sobre a atividade realizada. **So** se parece com **O**, tendo em vista que são afetados pela atividade realizada.

Tais afirmações afetarão o sistema (pro)nominal da língua, tendo em vista que a marcação de caso está de acordo com o significado prototípico do verbo e os argumentos verbais, por conseqüência, são marcados com base em sua função semântica. Entretanto, estas regras não se aplicam ao SN que desempenha função de sujeito de um verbo intransitivo ativo quando representado pela terceira pessoa, tanto no sistema nominal quanto no pronominal. Neste caso, a marcação é idêntica à do SN que funciona como sujeito de verbo intransitivo estativo, ou seja **So**, como nos exemplos:

(155)

a) aua-ø uaka mɨɾa pakɨ-a

anta-Abs água dentro cair-Pas

'a anta caiu no rio'

b) a-ø-hu-hu munu-tiɾu-hu

3s-Abs-Hum-Pl dançar-AF-Pl

'eles dançaram'

A cisão no sistema de marcação de caso da língua condicionado pela natureza semântica do verbo vai atingir apenas as formas de terceira pessoa, ocasionado um

sistema de sujeito cindido ('split-S'), nos termos de Dixon (1994). O sub-sistema de sujeito cindido realiza-se através de regras sintáticas relacionadas a um esquema prototípico. A marcação de S_a e S_o baseia-se no significado prototípico do verbo: S_a, quando o referente de S controla a ação; e, S_o caso não exista nenhum controle (Dixon, 1994: 78 - 79). Portanto, no sistema ergativo, existe a oposição entre S / O e A; no sistema nominativo, S / A opõem-se a O; e no subsistema sujeito cindido, temos a oposição entre S_a / A e S_o / O.

A língua Yawanawá, portanto, possui um sistema de sujeito cindido, resultante da divisão entre Sa e So, quando o SN que ocupa a função de S é preenchido por um (pro)nome correspondente à terceira pessoa, o que significa dizer que o mesmo não participa do eixo falante-ouvinte, sendo apenas um referente externo ao processo comunicativo.

(156)

	A / Sa	O / So	V
a)	nu-n-hin 1p-Erg-Foc		ʃuʃu-tiɾu brincar-AF
b)	nukɨβɨnɨ-n homem-Erg	kaɾi-ø batata-Abs	βana-ʃinna plantar-Pas 1
c)		aa-ø-hin 3s-Abs-Foc	ʃuʃu-tiɾu brincar-AF

a) 'nós brincamos'

b) 'o homem plantou batata'

c) 'ele brincou'

Pelos exemplos acima, podemos ver que A e Sa recebem a marca de ergatividade, através do morfema {-n}; enquanto O e So se comportam de maneira semelhante ao serem marcados absolutivamente através de ø. Tais realizações podem ser justificadas tomando por base uma hierarquia de agentividade, em que o falante impõe sua visão de mundo e se comporta como principal agenciador dos eventos, o ouvinte vem logo em seguida; e, por último, uma terceira pessoa, não diretamente envolvida no processo comunicativo. Desta forma, baseados em Dixon (1994: 85), podemos escalonar a primeira e a segunda pessoas como detentoras de maior agentividade, situando-os como elementos mais à esquerda da escala, enquanto a terceira pessoa e os nomes, com maior probabilidade de funcionarem como pacientes, situam-se mais à direita.

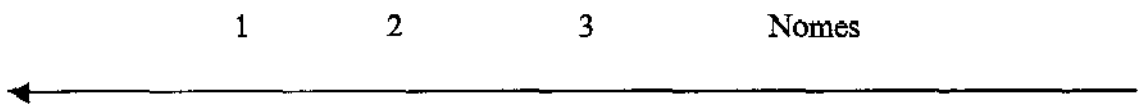


Figura 01 - Hierarquia nominal

De forma diferente de outras línguas Pano (Cf. Valenzuela, 2000 e Ferreira, 2001), a língua Yawanawá parece exibir um sistema em que a primeira e segunda pessoas apresentam maior potencial agentivo que a terceira pessoa e os nomes. Salvo engano, a distinção, adotada por Dixon (1994), entre nomes próprios e comuns e entre animados e inanimados, parece irrelevante para a análise da língua em questão.

4.4 Distribuição da marca de caso ergativo no sintagma nominal

Como dissemos anteriormente, a marcação de caso na língua Yawanawá é importante para o reconhecimento dos constituintes frasais. Assim, embora apenas o sintagma verbal tenha posição fixa na oração, ocupando sempre a posição final de enunciado, podemos observar que a marcação ergativa funciona como identificação dos SN que ocupam a função de A e de Sa e que a ausência da mesma determinará a função do SN como O ou de So.

A marca do caso ergativo, representada por {-n} ou por um de seus alomorfes, será sufixada à raiz nominal ou ao pronome livre, podendo ser antecedido ou sucedido por outros morfemas. Os exemplos em seguida apresentam a realização do caso ergativo em sintagmas nominais simples:

(157)

a) [tʃanu-n]$_{SN}$ kɨti-ø kɨkɨ-a

NP-Erg panela-Abs pintar-Pas

'Txanu pintou a panela'

b) [ɨ-n]$_{SN}$ ɨ-uan tari-ø tʃuka-i

1s-Erg 1s-Pos roupa-Abs lavar-AnC

'eu estou lavando minha roupa'

c) [aa–hu–haun–hin]$_{SN}$ atsa–ø pitʃan–kani

3s-Pl-Erg-Foc macaxeira-Abs cozinha-AnC

pitʃan–ti–anu–ʃun

cozinhar-Instr-lá-Ben

'eles estão cozinhando macaxeira lá na cozinha'

Quando o SN é formado por um núcleo e por adjetivos (palavra atributiva) ou numeral ou por ambos, a marca de ergatividade será deslocada do núcleo do SN para o elemento mais à direita do constituinte.

(158)

a) [iura pustu–pauan–nɨn]$_{SN}$ aua–ø pi–a

índio barriga-grande-Erg anta-Abs comer-Pas

'o índio barrigudo comeu a anta'

b) [βakɨ ɾaβɨ inun uɨstiti-n pustu-hu-haun]$_{SN}$

criança dois Con um-Erg barriga-Pl-Erg

atsa-ø itʃa-pa pi-a-hu

macaxeira-Abs muito-Enf comer-Pas-Pl

'os três meninos barrigudos comeram muito macaxeira'

Em orações com SN simples também pode ocorrer a presença de um pronome co-referente ao elemento nominal ou pronominal que ocupa a posição de agente, sendo ambos marcados pelo caso ergativo, como nos exemplos:

(159)

a) [nu-n-hin]$_{SN}$ itsapa-ma uasi nu-n-pi-tiɾu

1p-Erg-Foc muito-Neg sempre 1p-Erg-comer-AF

'nós sempre comemos pouco'

b) [mi–n–mɨn]$_{SN}$ naua–ø isma–tiɾu

2s-Erg-Int branco-Abs mostrar-AF

mi–n isian–i anu

2s-Erg doer-AnF onde

'você pode mostrar ao branco onde está doendo?'

Em orações com sintagmas nominais complexos, a marcação ergativa poderá ter dois comportamentos. Em um deles todos os elementos do SN receberão a marca ergativa (161) e no outro, apenas o último elemento do SN (162). Nos dois tipos de ocorrência, o morfema comitativo {βɨtan} ocorrerá intercalado aos dois SN.

(160)

a) [kɨtsi–n βɨtan kama–nɨn]$_{SN}$ atsa–ø pi–a

gato-Erg Com cachorro-Erg macaxeira-Abs Comer-Pas

'o gato e o cachorro comeram macaxeira'

b) [mi–n βɨtan βɨra–n]$_{SN}$ ama–ø pi–a

2s-Erg Com NP-Erg capivara-Abs comer-Pas

'você e o Vera comeram capivara'

(161)

a) [nani βɨtan kuni–n]$_{SN}$ atsa–ø pi–a

NP Com NP-Erg macaxeira-Abs comer-Pas

'Nani e Kuni comeram macaxeira'

b) [pɨku βɨtan tumɨ–n–hin]$_{SN}$ pɨʃɨ–ø ua–hu

NP Com NP-Erg-Foc casa-Abs fazer-Pl

'Peku e Tume construíram a casa juntos'

Interessante notar que, nas construções intransitivas, o morfema comitativo será sempre sufixado ao segundo elemento e não em posição intermediária aos elementos que funcionam como Agente da ação verbal, como nas cláusulas transitivas.

(162)

a) a-ø-hin aua-βɨ kauan-sa-tiɾu

3s-Abs-Foc mãe-Com andar-apenas-AF

'ela andava somente com a mãe'

b) audi-ø-hin auin-βakɨ-βɨ ʃuʃu-pai-tiɾu

NP-Abs-Foc mulher-criança-Com brincar-Des-AF

'Aldir só quer brincar com sua filha'

4.5 A oração em Yawanawá

Em Yawanawá, há dois tipos básicos de oração: a simples e a complexa. As orações simples podem ser construções transitivas e intransitivas. Embora outras ordens sejam possíveis, nas construções transitivas com dois argumentos externos, a ordem AOV tem uma freqüência alta em relação às demais. Todos os SN, nominal ou pronominal, com função de agente de verbo transitivo serão marcados pelo caso ergativo. Nas orações intransitivas, a ordem mais freqüente é SV, sendo S, quando representado pela primeira e segunda pessoas, de verbos intransitivos ativos marcados através do caso ergativo, o que não acontece com os sujeitos de verbos intransitivos estativos e os sujeitos de verbos intransitivos ativos, quando representados por SN de terceira pessoa.

(163)

a) tʃanu-n kɨti-ø kɨnɨ-a

NP-Erg panela-Abs pintar-Pas

'Txanu pintou a panela'

b) ɾasu-n tika-ø pakɨ-a

NP-Erg NP-Abs cair-Pas

'Rasu derrubou Tika'

c) βakɨ-ø-hu pakɨ-a

criança-Abs-Hum cair-Pas

'o menino caiu'

d) a–ø–hu–hu itʃa–pa uʃa–ø–hu

3s-Abs-Hum-Pl muito-Enf dormir-N.Pas-Pl

'eles dormem muito'

As orações simples podem ser classificadas em declarativas, interrogativas, negativas, imperativas (Cf. 3.1.2.3) ou ainda, como pode ser visto no exemplo (165), em causativas. A caracterização de cada um dos tipos oracionais, além dos

aspectos semântico-pragmáticos envolvidos, estará diretamente relacionada aos sufixos modais anexados à direita da raiz verbal.

(164)

a) a–ua–n βakɨ–ø pi–ma

3sPOS-mãe-Erg criança-Abs comer-Caus

'a mãe alimentou sua criança'

b) ɾasu–n ʃaia–ø kai–ma–pai

NP-Erg NP-Abs sair-Caus-Des

'Rasu quer que Shaiá saia'

c) a–ø–hin ɨ–n kɨna–ma–ma

3s-Abs-Foc 1s-Erg chamar-Caus-Neg

'ele não foi chamado por mim'

As orações complexas se caracterizam pela presença de mais de um SV na oração, ficando um deles na oração matriz e o outro na oração subordinada, quando as orações são subordinadas, o que implica em dizer que uma oração é gramaticalmente dependente da outra; e em cada uma das orações, quando elas estão coordenadas e por isso possuem o mesmo status sintático.

Os morfemas de tempo, aspecto e modo podem se realizar nas orações complexas, mas alguns outros morfemas têm realização exclusiva, dentre estes podemos citar {–ʃɨ}, {–kin} e {–kan}.

O morfema {–ʃɨ} é sufixado ao verbo da oração principal para indicar que os dois verbos possuem o mesmo sujeito. Os verbos em questão devem ser intransitivos, como pode ser visto em seguida:

(165)

a) nukɨβɨnɨ–ø isin tɨnɨ–ai tʃai

homem-Abs doente sentir-AnF longe

ika–ʃɨ nuku–a

morar-SId chegar-Pas

'o velho doente que mora longe chegou'

b) aa–hu ʃuʃu itʃa–pa tiɾu–hu βakɨ–hu–a–ʃɨ

3s-Pl brincar muito-Enf AF-Pl criança-Pl-Pas-SId

'eles brincam muito porque são crianças'

c) na auin–ø–hu asa–kɨa–na–ʃɨ

Dem mulher-Abs-Hum afogar-quase-Dir-SId

man ʃakan–i–ki

já respirar-AnF-Decl

'esta mulher que quase havia se afogado já está respirando'

O morfema {–kin} possui a mesma função que o morfema {-ʃɨ}, com o diferencial que o mesmo se aplica apenas a verbos transitivos.

(166)

a) ɨ–n–hin ɨ–uan tari–ø rɨhu ua–kin

1s-Erg-Foc 1s-Pos roupa-Abs primeiro fazer-Trans

ɨ–n ʃɨua

1s-Erg costurar

'eu costurei meu primeiro vestido'

Em algumas orações, o morfema {–kin} parece funcionar como denominalizador, tendo em vista que as palavras a que se sufixa são nomes e passam a

funcionar como verbos. Mesmo nesta situação, a ocorrência do morfema restringe-se às orações complexas, como pode ser visto em seguida:

(167)

a) aβɨnanɨa iumɨ-n kɨnɨ-kin

irmã nova-Erg desenho-Trans

ʃara ua-tiru

bem fazer-AF

'a irmã caçula desenha e pinta bem'

b) auapa-n ɨa-ø mikãi-kin uaka mira pakɨ-a

anta-Erg 1s-Abs corrida-Trans água dentro cair-Pas

'a anta correu e me derrubou na água'

O morfema {-kan} é empregado para sinalizar que o sujeito da oração principal é diferente da oração subordinada. Os verbos das orações podem ser transitivos ou intransitivos ativos.

(168)

a) nanɨ–nɨn anɨ–hu ɾɨtɨ–a a–uan kuku–ti

NP-Erg velho-Hum matar-Pas 3s-Pos chupar-Instr

nia ʃaku–kan

pé arrancar-ADif

'Nane matou o velho que arrancou o seu pé de laranja'

b) ɨ–n tipisi–kan na atu–n ɨa–ø uʃanuʃan

1s-Erg peidar-ADif Dem 3s-Erg 1s-Abs sorrir-sorrir

'eu peidei e riram muito de mim'

4.5.1 Classificação das orações complexas

Como dito acima, as orações complexas podem ser classificadas em subordinadas e coordenadas. As orações complexas subordinadas serão sub-classificadas em complementares, adverbiais e relativas (Payne, 1997: 306ss).

4.5.1.1 Orações subordinadas

As orações subordinadas complementares são aquelas que funcionarão como um argumento (sujeito ou objeto) da oração principal. Em relação à oração principal, a oração subordinada complementar ocupa a mesma posição que o seu correspondente argumental ocuparia numa oração simples, isto é, uma posição pré-verbal.

(169)

a) ɨ-n βakɨ-hu na-ʃaβata naʃi-ai-tun

1s-Erg criança-Hum Dem-dia banho-AnF-Nom

ɨ-n uin-tamɨa

1s-Erg ver-AP

'eu vi o menino tomando banho hoje'

b) βɨɾa-n ɨaɨ-ø pi-ai-tun uin-a-hu

NP-Erg biorana-Abs comer-AnF-Nom ver-Pas-Pl

'viram o Vera comendo biorana (fruta)'

As orações subordinadas adverbiais funcionam como um advérbio. O tipo de informação expressa pelas orações adverbiais é idêntico aos advérbios de tempo, lugar, modo, condição e por isso podem modificar apenas o verbo ou toda a oração.

(170)

a) mi-n ɾaia-ʃun-na ɨ-n mia-ø kupi-tiɾu

2s-Erg trabalhar-Ben-Dir 1s-Erg 2s-Abs pagar-AF

'se você trabalhar para mim, eu te pago'

b) auin-ø-hu-hin nu-n-kai-nun sian-i-ki-tamɨa

mulher-Abs-Hum-Foc 1p-Erg-sair-Dir chorar-AnF-Decl-AP

'ela chorou, quando fomos embora'

As orações subordinadas relativas funcionam como modificadoras de um sintagma nominal. As orações relativas ocorrem em posição pós-nominal, como nos exemplos:

(171)

a) ɾasu-n tuiku-ø ɾɨtɨ-a [iuɨ-ki-un tsau-a]

NP-Erg macaco-Abs matar-Pas árvore-Decl-Loc sentar-Pas

'Rasu matou o macaco que estava (sentado) na árvore'

b) βakɨ-hu-hu kɨrɨ-ʃɨ-pa-hu [atsa nama

criança-Hum-Pl forte-SId-Enf-Pl roça dentro

raia-i-hu] uru-kin kɨiu-tamɨa-hu

trabalhar-AnF-Pl limpeza-Trans acabar-AP-Pl

'os meninos fortes que trabalham na roça limparam todo o mato'

4.5.1.2 Orações coordenadas

Diferentemente das orações subordinadas em que as orações são sintaticamente dependentes uma das outras, as orações coordenadas podem ser descritas em termos da estrutura do evento que descrevem e por isso possuem mais ou menos a mesma função.

(172)

a) a-ø-hu it∫u-ni-ka-∫ɨ ra∫ki-hai pakɨ-a-hu

3s-Abs-Pl correr-Dir-Decl-SId escorregar-Dir cair-Pas-Pl

'eles correram, escorregaram e caíram'

b) auin–hu–haun maman–ø it∫a–pa ua

mulher-Pl-Erg caicuça-Abs muita-Enf fazer

nuk±ß±n±–hu–haun a∫kan iahi aia–kin k±iu–a

homem-Pl-Erg tudo Con bebida-Trans acabar-Pas

'as mulheres fizeram muita caiçuma e os homens beberam tudo

Como pode ser visto acima, não existe nenhuma marca morfológica que especifique qualquer dos tipos oracionais. Além dos aspectos semânticos envolvidos, um fator importante envolvido na delimitação das orações é a posição dos constituintes na oração como um todo. Deste modo, teremos orações subordinadas complementares sempre em posição pré-verbal; as orações subordinadas adverbiais antecedendo, em sua maioria, a oração principal e as orações subordinadas relativas sucedendo o SN a que se referem.

5. CONCLUSÂO

Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise fonológica e morfossintática da língua Yawanawá, usando como eixo o sistema de marcação de caso. Acreditamos que o mesmo tenha contribuído para o conhecimento da língua Yawanawá e consequentemente para a família Pano.

Procuramos, na medida do possível, organizar as informações etnográficas sobre os Yawanawá, tendo em vista que as informações, além de esparsas, eram escassas. Apesar do esforço, certamente, estas informações podem ser ampliadas não só a partir de fontes externas ao povo, mas, como esperamos, a partir de pesquisas realizadas pelos próprios índios.

No capítulo destinado à fonologia, realizamos uma descrição dos fonemas consonantais e vocálicos, da estrutura silábica, do acento e dos processos fonológicos mais recorrentes na língua. Como um esforço inicial de sistematização dos dados lingüísticos, a análise fonológica, de um ponto de vista linear, baseou-se em critérios de contraste e/ou distribuição complementar. A língua Yawanawá apresenta quinze fonemas consonantais: /p, t, k, β, s, ʂ, ʃ, h, ts, tʃ, ɾ, m, n, w, j/ e quatro fonemas vocálicos /a, ɨ, i, u/. Os demais aspectos da análise fonológica foram abordados seguindo os postulados da fonologia auto-segmental, que por está baseada numa análise multilinear aborda alguns processos tais como a nasalização, a consonantização e a sílaba de forma mais clara. A língua Yawanawá apresenta quatro tipos silábicos CV, V, VC e CVC, que podem ser resumidos no molde silábico (C)V(C) e não possuem restrições de ocorrência.

Entre os processos fonológicos, a nasalização vocálica é o processo mais produtivo na língua Yawanawá. Postulamos que não há vogais nasais do ponto de vista fonológico e que a nasalidade vocálica é decorrente do contato da vogal com a consoante que se encontra na coda da mesma sílaba e ocorre exclusivamente em posição tautossilábica, sem qualquer relação aparente com a acentuação, tendo em vista que as vogais que participam do processo podem se encontrar em sílabas acentuadas ou não.

A nasalização também pode determinar aspectos gramaticais e delimita o caso ergativo ou ainda relações genitivas e locativas. Em todos estes contextos, a fonte da nasalidade encontra-se em posição de coda silábica e a nasalidade não se espalha para além do núcleo silábico precedente.

Como acontece em outras línguas pano, o acento, na língua Yawanawá, ocorre sempre na última sílaba da palavra. Deste modo, o acento tem manifestação previsível e por não ter função distintiva não precisa ser fonologicamente representado. Quando qualquer material morfológico é acrescido à raiz, o acento desloca-se para a última sílaba da palavra.

A língua Yawanawá possui uma ordem básica do tipo AOV/SV e tipologicamente pode ser caracterizada como predominantemente aglutinante, tendo em vista que cada morfema está associado a significados específicos, na maioria das vezes, facilmente identificáveis. Em algumas situações, especialmente os relacionados à morfologia nominal e verbal, ocorrem morfemas portmanteau. A morfossintaxe da língua apresenta recursos complexos, que demandam maiores estudos na sua definição, de forma mais específica os processos relacionados ao sistema de marcação de caso e por conseqüência à transitividade verbal.

A língua Yawanawá possui as seguintes classes de palavras: nome, pronome, verbo, advérbio, adjetivo e numeral. Os processos morfológicos incluem a sufixação, nominalização e reduplicação como mais freqüentes.

O sistema de marcação de caso da língua é do tipo ergativo-absolutivo. A marcação de caso ergativo se caracteriza, no sistema nominal, pela nasalização da última vogal do SN que desempenha a função de A, que foi interpretada como a realização fonética do morfema de ergatividade e por um segundo tipo de marcação: o morfema monossilábico {-n±n}, que tem sua realização condicionada pelas características do SN a que se agregará e é considerado uma realização alomórfica da ergatividade. No sistema pronominal, o caso ergativo é marcado por {- n} ou {-haun.}. O morfema {-haun} realiza-se exclusivamente com pronome de terceira, concomitante ao morfema plural {-hu}. O caso absolutivo, sem nenhuma marca morfológica foneticamente realizada, é representado por ø.

A língua Yawanawá se utiliza de elementos morfofonológicos como estratégia para a marcação do caso ergativo. A atribuição dos papéis semânticos dos argumentos verbais está diretamente relacionada aos tipos semânticos dos verbos. O padrão ergativo se manifesta, portanto, pela natureza da relação entre os verbos e seus argumentos. Levando em consideração a natureza semântica do verbo, a língua Yawanawá codifica A como sujeito de verbos transitivos; O como objeto direto de orações transitivas e em relação aos verbos intransitivos: Sa para sujeitos de verbos intransitivos ativos e So para sujeitos de verbos intransitivos estativos. Desta forma, A se parece semanticamente

com Sa, no sentido de que ambos exercem controle sobre a atividade realizada. So se parece com O, tendo em vista que são afetados pela atividade realizada.

As considerações acima, afetarão o sistema (pro)nominal da língua, tendo em vista que a marcação de caso está de acordo com o significado prototípico do verbo e os argumentos verbais, por conseqüência, são marcados com base em sua função semântica. Entretanto, estas regras não se aplicam ao SN que desempenha função de sujeito de um verbo intransitivo ativo quando representado pela terceira pessoa, tanto no sistema nominal quanto no pronominal. Neste caso, a marcação é idêntica à do SN que funciona como sujeito de verbo intransitivo estativo, ou seja So, ocasionando uma cisão no sistema de marcação de caso da língua condicionado pela natureza semântica do verbo.

Esta cisão vai atingir apenas as formas de terceira pessoa, ocasionado um sistema de sujeito cindido ('split-S'), nos termos de Dixon (1994). A marcação de S_a e S_o baseia-se no significado prototípico do verbo: S_a, quando o referente de S controla a ação; e, S_o c aso não exista nenhum controle. Desta forma, existe uma oposição entre S / O e A; no sistema nominativo, S / A opõem-se a O; e no subsistema sujeito cindido, temos a oposição entre S_a / A e S_o / O. A língua Yawanawá, portanto, possui um sistema de sujeito cindido, resultante da divisão entre Sa e So, quando o SN que ocupa a função de S é preenchido por um (pro)nome correspondente à terceira pessoa. Se considerarmos que uma cisão no sistema de marcação de caso aponta para uma mudança em curso, podemos dizer que na língua Yawanawá o processo de mudança começou pela terceira pessoa.

A análise de uma língua pressupõe um mergulho considerável em sua complexidade, ainda assim, uma língua mesmo analisada em profundidade sempre terá questões a serem resolvidas em futuros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Considerações sobre a relação entre fonologia e sistemas de escrita. In. SEKI, Lucy (Org.).1993. *Lingüística indígena e educação na América Latina*. Campinas: Editora da UNICAMP.

ABREU, João Capistrano de. 1941. *Rã-txã hu-ni-ku-ĩ, a língua dos Caxinauás do Rio Ibuaçú Afluente do Murú, Prefeitura de Tarauacá*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu.

AGUIAR, Maria Sueli de. 1988. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. Campinas: UNICAMP (Dissertação de Mestrado).

_____. 1994. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. Campinas: UNICAMP. (Tese de Doutorado).

_____. 1994. *Fontes de pesquisa e estudo da Família Pano*. Campinas, Editora da Unicamp.

AIKHENVALD, Alexandra Y. *"Words, phrases, pauses and boundaries: evidence from south indian languages"*. Studies in Languague 20 (3): 487-517.

ANDERSON, Stephen R. "Inflectional morphology". In. SHOPEN, Timothy (Ed.). 1995. *Language Typology and Syntactic Description*, vol. III, pp. 150 - 201. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. "Typological distinctions in word formation". In. SHOPEN, Timothy (Ed.). 1995. *Language Typology and Syntactic Description*, vol. III, pp.03 - 56. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1974. *The Organization of Phonology*. New York: Academic Press.

_____. 1976. *Nasal consonants and the internal structure of segments*. Language, 52: 326-44.

_____. 1982. *Where is Morphology?* Linguistic Inquiry 13: 571-612.

_____. 1992. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: CUP.

BALDUS, Herbert. 1954. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo.

BARROS, Luizete Guimarães. 1987. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukina (Páno)*. Campinas: IEL. (Dissertação de Mestrado).

BENEDINI, Paola. Agentivity and transitivity: parameters for an ergative system. In. CALBOLI, Gualtiero (Ed.). 1986. *Papers on Grammar II*, pp. 43 - 61. Bologna: Editrice CLUEB.

BENVENISTE, Émile. 1991.*Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes.

BISOL, Leda (Org.). 1996. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCS.

BLEVINS, Juliette. 1995. The syllable in Phonological Theory. In: J. Goldsmith (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*, pp. 206 – 244. Oxford: Blackweell.

BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. New York: Henry Holt.

BYBEE, Joan L. 1985. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso . 1977. *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CAMARGO, Eliane. 1987. *Esquisse linguistique sur le Kasinawa, langue de le famille Pano.* D.E.A. Paris: Université de Paris - Sorbonne.

_____. 1991. *Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano).* Paris: Université Paris IV. (Tese de Doutorado).

CÂNDIDO, Gláucia Vieira. 1998. *Aspectos fonológicos da língua Shanenáwa (Pano).* Campinas: UNICAMP. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, Carmem Teresa Dorigo. 1992. *A decodificação da estrutura frasal em Matsés (Pano).* Rio de Janeiro: UFRJ. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, João Braulino de. 1931. *Breve notícia sobre os indígenas que habitam a fronteira do Brasil com o Perú.* Boletim do Museu nacional 7 (3): 225-256.

_____. 1955. *Notas de viagem ao Javari-Itacoaí-Juruá.* Publicações Avulsas do Museu Nacional.

CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. 1947. *Os caminhos do Acre.* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 196: 74 – 225.

_____. 1950. *O gentio acreano.* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 207: 03 – 78.

CAVALCANTI, Marilda do Couto & MAHER, Tereza M. Interação transcultural na formação do professor índio. In: SEKI, Lucy (Org). 1993. *Lingüística Indígena e educação na América Latina.* Campinas: Editora da UNICAMP.

CEDI. 1991. *Povos Indígenas no Brasil 1987 / 88 / 89 / 90.* São Paulo: CEDI.

CHOMSKY, Noam & HALLE, M. 1995 [1968]. *The Sound Pattern of English.* Cambridge, Mass: MIT Press.

CHUNG, Sandra & TIMBERLAKE, Alan. "Tense, aspect and mood". In. SHOPEN, Timothy (Ed.). 1995. *Language Typology and Syntactic Description*, vol. III, pp. 202 – 258. Cambridge: Cambridge University Press.

CLEMENTS, George, N. 1985. *The Geometry of Phonological Features*. Phonological Yearbook 2: 225-252.

_____. 1990. The role of sonority circle in core syllabification. In. KINGSTON, J. BECKMAN, Mary E. (Ed). *Papers in Laboratory Phonology I*: between the grammar and physics of speech. Cambridge: CUP. pp. 283 – 333.

_____. 1991. *Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory.* Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory 5, 77 – 123.

CLEMENTS, George & KAISER, Samuel. 1983. *CV Phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge, MA: MIT Press.

CLEMENTS, George & HUME, Elizabeth. 1995. The internal Organization of Speech Sounds. In; J. Goldsmith (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*, pp. 245 – 306. Oxford: Blackweell.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE. 1996. *Situação das terras indígenas do Estado do Acre*. Rio Branco: Setor de Educação da CPI-AC.

COMRIE, B. 1989. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Basil Blackwell.

_____. Ergativity. In: Lermann P. Winfred (Ed.). 1978. *Syntatic typology: studies in the phenomenology of language.* Austin, pp. 329 – 394. Londres: University of Texas Press.

COSTA, Raquel G. R. 1994. *Manisfestaciones de la ergatividad em Marubo (Pano).* Actas de las II Jornadas de Linguistica Aborigen. Buenos Aires, pp.205-23.

_____. 1997. *Aspects of ergativity in Marubo.* Journal of Amazonian Language 1 (2): 50-103.

_____. 1992. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano).* Rio de Janeiro: UFRJ. (Dissertação de Mestrado).

_____. 2000. *Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear.* Rio de Janeiro: UFRJ. (Tese de Doutorado).

CRYSTAL, David, 1985. *Dicionário de Lingüística e Fonética.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CUNHA, Carla Maria. 1993. *A morfossintaxe da Língua Arara (Pano) do Acre.* Recife: UFPE . (Dissertação de Mestrado).

d'ANS, André-Marcel. 1973. *Reclassificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la amazonia peruana.* Revista del Museo Nacional 39: 349-369,

DeLANCEY, Scott. 1981. *An interpretation of split ergativity and related patterns.* Language 57: 626-57.

DIK, S. 1978. *Functional grammar.* Amsterdan: Holland Publishing Campany.

DIXON, R.M.W. 1977. *Where have all adjectives gone?* Studies in Languages 1(1): 19-80.

_____. 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.

DORIGO, Carmen Teresa. 1994. *Las marcas del tiempo y aspecto en la lengua Matsés (Pano)*. Actas de las II Jornadas de Linguistica Aborigen. Buenos Aires, pp.235-49.

DOWING, Pamela & NOONAN, Michael. 1995. *Word order in discourse*. Amsterdan: John Benjamins Publishing Company.

ENTENMAN, George. 1977. *The development of nasal vowels*. Austin: University of Texas Press.

ERIKSON, Philippe et al. 1994. *An annotated panoan bibliography* . Paris: A.E.A.

FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. 2000. *Língua Matís (Pano): uma análise fonológica*. Campinas. UNICAMP. (Dissertação de Mestrado).

_____. 2000. *Nasalidade em Matis (Pano): um exercício de análise*. Actas do I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Lima, pp. 191 – 217.

FERREIRA, Rogério Vicente. 2000. *Um ensaio sobre a ergatividade na língua Matis (Pano)*. Actas do I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Lima, pp. 259 – 340.

_____. 2001. *Língua Matís: aspectos descritivos da morfossintaxe*. Campinas: IEL. (Dissertação de Mestrado).

FLECK, David William. 2003. *A grammar of Matses*. Houston: University of Oregon. (Tese de Doutorado).

FOLEY, William A. & VAN VALIN, Robert D. 1984. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press

FREITAS, Deborah de Brito A. Pontes.1995. *Bilingüismo do grupo Arara (Pano) do Acre: sugestões para alfabetização na língua indígena*. Recife: UFPE. (Dissertação de Mestrado)

FUNAI. 1982. *Memorial descritivo de delimitação*. Anexo à Portaria nº 1409/E/82. Brasília: FUNAI.

GIVÓN, T. 1984. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

_____.1990. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdan/Philadelphia: John Benjamins . Vol. II.

GOLDSMITH, John. 1976 . *Autosegmental Phonology*. Doctoral Dissertação, MIT. New York: Garland Press.

_____. 1979. *The aims of Autossegmental Phonology*. In. D. DINNSEN (Ed.). Current Approaches to Phonological Theory, pp. 202 - 222. Bloomington: Indiana University Press.

_____. 1995 [1990]. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell.

GREENBERG, J.H. (ed.). 1978. *Universals of Human Language*. Califórnia: Stanford University Press.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. *"The discourse basis for lexical categories in universal grammar"*. Language 60 (4): 703-52. 1984.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. 1980. *Transitivity in grammar and discourse*. Language 56(2): 251-99.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. 1984. *The discourse basis for lexical categories in universal grammar*. Language 60(4): 703 – 752.

JAKOBSON, Roman, FANT, Gunnar & HALLE, M. 1952. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge: MIT Press.

JAKOBSON, Roman & HALLE, M. (1956) The distintictive features. In. FUDGE, Erik C. (Ed.). 1973. *Phonology: selected readings*. Middlesex: Peguin Books.

KEENAN, Edwrd L. Passive in the world's languages. In. SHOPEN, Timothy (Ed.). 1996. *Language Typology and Syntactic Description*, vol. I, II e III. Cambridge: Cambridge University Press.

KENSINGER, Kenneth M. Panoan linguistic, Folkloristic and Ethographic Research: Retrospect and Prospect. In: KLEIN, Harriet E. Manelis & STARK, Louisa R. (Ed.).1985. *South American Indian languages: restrospect and prospect*, pp. 224 - 285. Austin: University of Texas Press.

KENSTOWICS, Michael. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.

KEY, Mary R. 1968. *Comparative Tacanan Phonology*. The Hague: Mouton.

KIBRIK, A.E. 1977. *The methodology of field investigations in linguistics*. Paris: Mouton.

_____. 1990. *As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral*. [Tradução de Lucy Seki]. Cadernos de Estudos Lingüísticos 18: 13 - 36 . Campinas: UNICAMP.

KITTILÄ, Seppo. 2002. *Remarks on the basic transitive sentence*. Language Sciences 24: 107 – 130.

LADEFOGED, Peter. 1982. *A course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Janovivich.

LANES, E.G. 2000. *Mudanças fonológicas em línguas da família Pano*. Rio de Janeiro: UFRJ. (Dissertação de Mestrado).

LASS, R. 1984 . *Phonology: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

LEVY, Paulette. *Adjectives in Totonac: descriptive statement and typological considerations*. IJAL 58 (3): 269-98, 1992.

LOOS, Eugene E. 1975. *Rasgos sintáctico-fonémicos en la historia lingüística de los idiomas de la família Pano*. Lingüística e Indigenismo moderno de América, pp. 181-84.

_____. Pano. In: DIXON, R.M.W. & AIKHENVALD, Alexandra Y. (Ed.). 1999. *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP. pp. 226 - 250.

_____. Algunas implicaciones de la reconstrucción de um fragmento de la gramática del proto-pano. IN: FIELDS, H. et al.1973. *Estudios Panos II*. Yarinacocha: ILV. SLP 11.

LOUKOTKA, Chestmir. 1939. *Linguas indigenas do Brasil*. Revista do Arquivo Municipal 54: 147- 174.

LYONS, John. *"Towards a 'notional' theory of the 'parts of speech'*. Journal of Linguistics, 1966, nº 2, pp. 209-36.

LYONS, John. 1979. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: CEN/EDUSP.

MASON, John Alden. The languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian (Ed.) 1950. *Handbook of South American Indians*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 6 (143): 501-70.

MATTHEWS, Peter 1974. *Morphology: an Introduction to the Theory of Word Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

McQUOWN, Norman A. 1955. *The Indigenous Language of Latin American* . American Anthropologist 57(3): 501-70.

MEILLET, A. & COHEN. M. 1952. *Les langues du monde*. Paris: CNRS.

MENDONÇA, Belarmino. 1989. *Reconhecimento do rio Juruá, 1905*. Belo Horizonte; Itatiaia; Acre: Fundação Cultural do Estado do Acre. (Coleção Reconquista do Brasil, 152)

MOHANAN, K.P . 1995. The Organization of the Grammar. In Goldsmith, John (1996) *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell.

MONTAG, Richard. Notas gramaticales. In. Susan (Comp). 1981. *Diccionario Cashinahua*. Lima: Ministerio de Educacion/ ILV.

MONTE, Nietta Lindenberg. Escolas formais - Agências mediadoras. In: CABRAL, Ana Suelly A. Câmara et al. 1987. *Por uma educação indígena diferenciada*. Brasília: C.N.R.J. / FNPM

_____. 1996. *Escolas da floresta: entre o passado oral e o presente letrado*. Rio de Janeiro: Multiletra

MORI, Angel Corbera. 1993. *Estudios sobre lenguas indígenas amazónicas en el Perú*. Amazonia Peruana, Tomo XII, nº 23: 37-74.

NAVEIRA, Miguel Alfredo Carid. 1999. *Yawanawa: da guerra à festa*. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado.

NIDA, Eugene. 1949. *Morphology: the descriptive analiysis os words*. Ann Arbor: The University os Michigan Press.

NIMUENDAJÚ, Curt. 1932. *Idiomas indígenas del Brasil*. Revista del Instituto de Etnología de la Universidad de Tucumán 2: 543 - 618.

PAULA, Aldir Santos de. 1992. *A língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.

PAYNE, Doris L. 1985. *Degrees of inherent transitivity in Yagua verbs*. IJAL 51(1): 19 – 37.

PAYNE, Thomas E. 1997. *Describing Morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge, CUP.

PIKE, Kenneth. 1947. *Phonemics: a tecnique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

POSER, William. 1982. Phonological representation and Action-at-distance. In. HULST, Harry van der & SMITH, Norval (Ed) . *The structure of Phonological Representation (Parte II)*. Foris: Dordrect.

RIVET, Paul & TASTEVIN, C. 1927. *Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús*. Anthropos 22: 811-27.

RIVET, Paul & LOUKOTKA, Cestmir. Langues de l'Amerique du Sud et des Anyilles. In: MEILLET, A. & COHEN, Marcel. (Org) 1952. *Les langues du monde*. Paris: CNRS. pp. 1009-1160.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

_____. 1993. *Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. Delta, 9 (1) 83-103.

SAMARIN, W.J. 1967. *Field linguistics: a guide to linguistics field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

SAPIR, Edward. 1980. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala.* São Paulo: Perspectiva.

SCHACHTER, Paul. 1996. Parts-of-speech systems. In: Shopen, Timothy (Ed.) *Language Typology and syntactic description*, pp. 03 – 61. Cambridge: CUP.

SELKIRK, Elizabeth. The syllable. In. HULST, Harry nan der & SMITH, Norval. 1982. *The structure of phonological representation.* v. 2. Dordrecht: Foris. pp. 337 – 383.

SEKI, Lucy. 1990. Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In. D.L. Payne (Org.) *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages.* Austin: University of Texas Press.

_____. 2000. *A lingüística indigenista no Brasil.* D.E.L.T.A, 15 (nº Especial): 257-90. EDUC: São Paulo.

_____. 2000. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu.* Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial.

SHELL, Olive A. 1975. *Las lenguas Pano y su recosntrucción.* Estudios Panos III, Série Lingüística Peruana, 10. Peru. ILV.

SHOPEN, Timothy (Ed.). 1996. *Language Typology and Syntactic Description*, vol. I, II e III. Cambridge: Cambridge University Press.

SLOAT, Clarence et al. 1978. *Introduction to Phonology.* London: Prentice Hall.

SPARING-CHÁVEZ, Margarethe W. Interclausal reference in Amahuaca. In. DERBYSHIRE, Desmond C. & PULLUM, Geoffrey K. (Ed.) 1998. *Handbook of Amazonian Languages*, Volume 4. Berlin: Mouton de Gruyter.

SPENCER, Andrew. 1997. *Phonology.: Theory and description.* Oxford. Blackwell Publishers.

SUAREZ, Jorge A. 1969. *Moseten and Pano-Tacanan*. Anthropological Linguistics 11(9): 255-266.

_____. 1973. *Macro-Pano-Tacanan*. IJAL 39 (3): 137-154.

_____. 1988. *Estúdios sobre lenguas indígenas sudamericanas*. Bahia Blanca: Universidad Nacional del Sur.

TASTEVIN, R.P. 1919. *Quelques considerátions sur les indien du Juruá*. Bulletin de Societé d'Anthroplogie de Paris, série 6 - 10, p.144 - 154.

_____. 1924. *Chez les indiens du haut-Jurua (Rio Gregório)*. Missions Catoliques, LVI.

_____. 1925. *Le fleuve Muru*. La Géographie XLIII e XLIV, p.403 - 422 e 14 - 35.

_____. 1926. *Le Haut-Tarauaca*. La Géographie XLV: 34-54 & 158-175.

_____. 1928. *Le riozinho da Liberdade*. La Géographie XLIX, p. 205 - 215.

URBAN, Greg. 1985. *Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê)*. IJAL 51 (2): 164 – 187.

WETZELS, Leo. 1992. *Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese*. Cadernos de Estudos Lingüísticos 23. Campinas: UNICAMP.

_____. (Org.). 1995. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

VALENZUELA, Pilar. 1997. *Ergatividad escindida en algunas lenguas pano*. Texto apresentado no 49° Internacional dos Americanistas. Quito. 45p. ms.

_____. 2000. Ergatividad escindida en Wariapano, Yaminawa y shipibo-konibo. In: VAN DER VOORT, Hein & VAN DE KERKE, Simon. 2000. *Ensaios sobre lenguas de las tierras bajas de Sudamèrica*: contribuciones al 49° Congresso Internacional de Americanistas em Quito

_____. 2003. *Transitivity in Shipibo-Konibo grammar*. Oregon: University of Oregon. (Tese de Doutorado).

WHALEY, Lindsay J. 1997. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. London: SAGE.

WIERZBICKA, Anna. 1986. *What's a noun? (or: how do nouns differ in meaning from adjectives?)*. Studies in Languages 10(2): 353-389.

APÊNDICE I

VOCABULÁRIO BÁSICO.

Este vocabulário foi formado com os dados coletados na língua Yawanawá. Tendo em vista facilitar o acesso, o vocabulário possui dois tipos de entradas bilíngües: Yawanawá – Português e Português - Yawanawá. A entrada em Yawanawá é apresentada em forma fonológica, de acordo com os resultados obtidos na análise fonológica e gramatical da língua.

Na entrada Yawanawá – Português, após cada verbete, estão apresentados entre parênteses as informações gramaticais relativas ao mesmo, para indicar se se trata de uma entrada lexical (N, V, Pron, Adj. ,Adv e Num.) ou de uma entrada sufixal (Suf). Os verbetes estão apresentados na seguinte ordem alfabética: a, ɨ, h, i, k, m, n, p, s, ʂ, ʃ, t, ts, tʃ, u, β. Na entrada Português – Yawanawá, os verbetes estão organizados de acordo com a ordem alfabética da língua portuguesa e não serão observados os procedimentos anteriormente descritos.

Este vocabulário é bastante restrito e, na medida do possível, busca contribuir com os estudos comparativos das línguas da família lingüística pano e colaborar com o processo escolar do povo Yawanawá.

YAWANAWÁ – PORTUGUÊS

A

aʂβa	(N)	Boca
aʃan	(N)	Pescaria
aia	(V)	Beber
aman	(N)	Capivara
amati	(N)	Caba
aniɨ	(N)	Nome
ana	(N)	Aracoan
ana	(N)	Assacu
anan	(V)	Vomitar
ani-hu	(Adj)	Velho(a)
anna	(N)	Língua
anu	(Pron)	Onde
anu	(N)	Paca
atɨʃi	(N)	Espirro
atʃi	(V)	Pegar
atsa	(N)	Macaxeira
atu	(N)	Intestino
atu	(Pron)	Ele (a)
atuna	(Pron)	Dele(a)
auɨa	(Pron)	O quê?

auɨsa	(Pron)	Como?
auɨti	(Pron)	Quantos?
auɨtian	(Pron)	Quando?
auɨtiu	(Pron)	Qual?
aua	(N)	Anta
auihani	(Pron)	Onde?
auin	(N)	Mulher
auina	(Pron)	Dele(a)
auinhu	(N)	Mulher

ɨ

ɨβɨturɨ	(N)	Cavaco (de pau)
ɨ-uan	(Pron)	Meu / minha
ɨʃɨ	(N)	Semente
ɨuɨna	(Pron)	Meu / minha
ɨa	(Pron)	1s

h

-hin	(Suf)	Foco
hɨʃin	(N)	Calango
hani	(1)	Onde?
hu	(N)	Cabelo
-hu	(Suf)	Plural

huʂka	(N)	Dor de cabeça
huʃki	(N)	Pênis
hui	(Adj)	Sujo
hunaitsu	(N)	Milho massa
huniʃi	(N)	Moita
hunihu	(N)	Queixada
hunu	(N)	Ferida brava
hutʃɨhʃɨuati	(N)	Tintura de cabelo
hutsu	(N)	Ponta fina
hutu	(Adj.)	Curto
hutua	(V)	Descer
hutuku	(N)	Moça

i

iβi	(N)	Pau
-i	(Suf)	AnF
iβi	(N)	Arraia
iʃiʃi	(N)	Mandim (peixe)
iʃtin	(N)	Estrela
ia	(N)	Piolho
iamɨɾi	(Adv.)	Amanhã
iamɨ	(N)	Noite
ian	(N)	Lagoa
iaua	(N)	Queixada

iauanaua	(N)	Povo Yawanawá
iauiʃi	(N)	Tatu
ihu	(N)	Dono. Proprietário
iki	(V)	Acontecer
ima	(N)	Formiga
imai	(V)	Agradar
imi	(N)	Sangue
imi	(V)	Menstruar
ina	(N)	Rabo
ina	(V)	Subir
iraβu	(N)	Homem
isa	(N)	Porco-espinho (quandu)
isan	(N)	Patoá
isin	(V)	Doer
isin	(Adj)	Doente
isinipa	(Adj.)	Pessoa valente
iskaɾa	(Adv.)	Agora
isku	(N)	Japó
isma	(V)	Mostrar
isu	(N)	Macaco preto
isu ɾua	(N)	Macaco barrigudo
itʃa	(Adv)	Muito
iuɾa	(N)	Gente
iuapa	(Adj.)	Grande

iuapama	(Adj.)	Pequeno(a)
iui	(V)	Dizer
iuina	(N)	Animal
iuma	(N)	Peixe
iunʃin	(N)	Alma
iupa	(Adj)	Panema

k

kɨʃa	(N)	Rachado (a)
-ka	(Suf)	Declarativo
-kin	(Suf)	Transitivizador
kɨnɨ	(N)	Desenho
kɨnɨa	(V)	Pintar
kɨhu	(N)	Jacu
kɨsi	(N)	Tira
karata	(N)	Rim
kãi	(V)	Sair
kauan	(V)	Andar
karɨ	(N)	Batata
kaʃi	(N)	Morcego
kaman	(N)	Cachorro
kani	(V)	Atirar
-kani	(Suf)	Evento não-concluído

kapa	(N)	Coatipuru
kapɨ	(N)	Jacaré
kari	(N)	Batata
katʃiʃmi	(N)	Pelos das costas
katsu	(N)	Veado
kay	(V)	Ir
-ki	(Suf.)	Declarativo
kiɾi	(Adv.)	Lá
kini	(N)	Buraco
kuʃa	(V)	Bater
kuʃu	(N)	Urubu
kuka	(N)	Tio
kuma	(N)	Nambu
kuru	(N)	Escuro
kɨʃni	(N)	Bigode, barba
kɨhu	(N)	Jacu
kɨmu	(N)	Saliva
kɨtsi	(N)	Gato

m

mɨɾa	(N)	Periquiteira (árvore)
-ma	(Suf.)	Causativo
-misi	(Suf)	Habitual

mɨɾa	(Adv.)	Dentro
mɨʃkiti	(N)	Pedra
mɨʃti	(N)	Lenha
mɨhi	(N)	Mão
mɨhi nata	(N)	Palma da mão
mɨi	(N)	Taripé
mɨiu	(N)	Pessoa muito preguiçosa
mɨpuʃku	(N)	Mocotó
mɨtsisi	(N)	Unha
ma	(Pron.)	2p
-ma	(Suf.)	Negativo
maʂaʂɨ	(N)	Pedra
maʂu	(N)	Mucura
maβa	(Adj.)	Claro
maɾi	(N)	Cotia
maʃi	(N)	Areia
maʃi	(N)	Barro de várias cores
mahu	(N)	Coisa / Qualquer coisa
mai	(N)	Terra
maina	(Adj.)	Magro
maiti	(N)	Chapéu
makɨ	(N)	Piranha
maku	(Adj.)	Pelado / Careca
makuʃpi	(N)	Presa de dente

makɪ	(N)	Piranha
maman	(N)	Caiçuma (nome comum)
manʃun	(N)	Chifre
manakati	(N)	Dente
mani	(V)	Tocar
maniti	(N)	Gravador
mapi	(N)	Camarão
mapu	(N)	Cabeça
mapurɪsu	(N)	Cérebro
matʃan	(N)	Pereba
matʃi	(N)	Terra
matʃu	(N)	Caiçuma de macaxeira
matsi	(Adj)	Frio, gelo
matsuti	(N)	Vassoura
matuna	(Pron)	Deles(as)
maua	(N)	Barranco
min	(Pron)	2s
miʃkiti	(N)	Anzol
miʃku	(N)	Traíra
mia	(V)	Aparecer
min	(Pron)	Teu / Tua
mispan	(Adj)	Plano
mistan	(Adj)	Reto(a)

mitʃa	(N)	Lama
muʂa	(N)	Espinho
muʂu	(N)	Embaúba
muʂu	(N)	Malva
mui	(N)	Boi
mui ʃuma	(N)	Leite
munu	(V)	Dançar
mutsa	(V)	Amassar
mɨʃku	(N)	Traíra
mɨhi	(N)	Mão
mɨhi raβɨ	(Num.)	Dez
mɨhi raβɨ inun	(Num.)	Treze
mɨtuti raβɨ inun uisti		
mɨhi raβɨ inun mɨtuti raβɨ raβi	(Num.)	Catorze
mɨhi raβɨ inun mɨtuti uisti	(Num.)	Onze
mɨhi raβɨ inun uisti	(Num.)	Quinze

mɨhi raβɨ inun	(Num.)	Doze
mɨtuti raβɨ		
mɨhi uisti	(Num.)	Cinco
mɨhi uisti inun	(Num.)	Sete
mɨtuti raβɨ		
mɨhi uisti inun	(Num.)	Oito
mɨtuti raβɨ		
inun uisti		
mɨhi uisti inun	(Num.)	Nove
mɨtuti raβɨ		
inun raβɨ		
mɨhi uisti inun	(Num.)	Seis
mɨtuti uisti		

n

nɨʂu	(N)	Tracajá
nɨwɨ	(V)	Tarrafear
nɨnka	(N)	Cama de algum animal
nɨnna	(N)	Pupunha
nɨnu	(Adv.)	Aqui
nɨsturu	(N)	Poço de água
nɨsu	(N)	Rosto

nɨuɨ	(N)	Vento
nɨuɨtɨ	(N)	Tarrafa
na	(Pron)	Demonstrativo
na	(V)	Morrer
naʃi	(N)	Banho
nai	(N)	Céu
nai ʂapu	(N)	Algodoeiro
naka	(V)	Morder
naka	(N)	Macaxeira mastigada
nakaʂɨn	(N)	Cupim
nakai	(V)	Mastigar
nama	(N)	Sonho
nami	(N)	Carne
nanɨ	(N)	Jenipapo
nanɨa	(Adj.)	Moqueado
napu	(N)	Tucano
napu	(N)	Mosca
nati	(N)	Jirau de moquear carne
natsa	(N)	baço
natsa	(V)	Cavar uma canoa
nauɨ	(N)	fumo
naua	(Adj.)	Branco(a)
nauaʃaʃa	(N)	Gavião
ni	(N)	Árvore

ni	(N)	Mato
niʃu	(N)	Pau-d'arco
nihu	(N)	Escorpião
nika	(V)	Ouvir
nisa	(V)	Ralar
niskan	(V)	Suar
nisun	(Adj)	Doido
niti	(N)	Caminho
niuɨ	(N)	Vento
niua	(N)	Flor
nun	(Pron)	nós
nua	(N)	Fundo
nuia	(V)	Voar
nuiati	(N)	Avião
nukɨna	(Pron.)	Nosso(a)(s)
nuka	(Adj.)	Apagado
nukauan	(N)	Fraqueza no corpo
nuku	(V)	Chegar
nukɨβɨnɨ	(N)	Homem
numa	(N)	Pombo / rolinha
nunun	(N)	Pato

p

pia	(N)	Flecha
-pai	(Suf.)	Desiderativo
-pauni	(Suf.)	Passado distante
pɨʃɨ	(N)	Casa
pɨʃɨ tapã uati	(N)	Paxiúba (palmeira)
pɨʃa	(V)	Partir
pɨiuma	(Adj.)	Sem dinheiro
paʃa	(Adj.)	Cru(a)
paʃin	(Adj.)	Amarelo
pabinki hui	(N)	Ouvido
pahinki	(N)	Orelha
paisma	(Adj.)	Insosso
pakamaiti	(N)	Chapéu feito de taboca
pakɨ	(V)	Cair
pama	(N)	Pama
pani	(N)	Rede
panu	(N)	Tatu canastra
pasi	(N)	Piaba
patsa	(V)	Bater
pi	(V)	Comer
piʃi	(N)	Costelas
piʃin	(N)	Esteira

pia	(N)	Flecha
piakaniti	(N)	Arco
pinu	(N)	Beija-flor
pisi	(N)	Carniça
pitʃan	(Adj)	Cozida
pitsu	(N)	Periquito
puru	(N)	Cerâmica
puku	(N)	Tripas
pustu	(N)	Barriga
puta	(V)	Jogar
putati	(N)	Bola
puiauma	(N)	Sem braço (cobra)
pia	(N)	Flecha
pɨʃɨ	(N)	Casa
pɨʃɨ tapan uati	(N)	Paxiúba (palmeira)
pɨʃa	(V)	Partir
pɨiuma	(Adj)	Sem dinheiro
paʃa	(Adj)	Cru(a)
paʃin	(Adj)	Amarelo
pabinki hui	(N)	Ouvido
pahinki	(N)	Orelha
paisma	(Adj)	Insosso
pakamaiti	(N)	Chapéu feito de taboca
pakɨ	(V)	Cair

pama	(N)	Pama
pani	(N)	Rede
panu	(N)	Tatu canastra
pasi	(N)	Piaba

s

saka	(N)	Coisa vazia
sui	(V)	Soprar
suika	(Adj)	Inchado
sɨnɨ	(N)	Nambu pedrês
sɨpa	(N)	Ameixa

ʂ

ʂɨβi	(N)	Vagina
ʂɨhu	(N)	Ouricuri
ʂɨki	(N)	Milho
ʂɨna	(N)	Lagarta
ʂɨni	(N)	Óleo
ʂɨni	(Adj)	Velho
ʂɨnipahu	(N)	História
ʂɨpanati	(N)	Saia de dança
ʂɨrua	(N)	Fruta roída
ʂɨsun	(N)	Cajá
ʂɨta	(N)	Dente

ʂɪtaua	(N)	Cachorrão (peixe)
ʂɪtu	(N)	Pessoa desdentada
ʂɪua	(N)	Costura
ʂaʂu	(N)	Canoa
ʂaβa	(N)	Dia / Claridade
ʂaβistati	(N)	Virilha
ʂahu	(N)	Parentes mulheres
ʂaka	(Adj.)	Seco
ʂama	(N)	Placenta
ʂana	(Adj.)	Quente
ʂanaihu	(N)	Chefe. Patrão
ʂani	(Adj.)	Preguiçoso(a)
ʂanu	(N)	Avô paterno
ʂapu	(N)	Algodão
ʂasin	(N)	Mucura de água
ʂatɪ	(N)	Pedaço de pau
ʂatʃu	(N)	Caranguejo
ʂata	(N)	Tingui da mata
ʂauɪ	(N)	Jabuti
ʂuʂu	(N)	Muda de planta
ʂuβi	(N)	Gameleira
ʂurɪʃpi	(N)	Osso externo
ʂua	(N)	Coceira
ʂuhu	(N)	Casa de antigamente

ʂukɨ	(N)	Tucano
ʂuku	(N)	Fruta verde
ʂuma	(N)	Seio
ʂumuʂɨ	(N)	Agulha
ʂunan	(Adj.)	Azul ou roxo
ʂunuan	(N)	Samaúma
ʂupa	(N)	Mamão
ʂutʃi	(N)	Peito

ʃ

ʃɨ	(V)	Engolir
-ʃun	(Suf.)	Benefactivo
ʃɨβi	(N)	Redemoinho
ʃɨkɨʃi	(N)	Bacuri
ʃɨki	(N)	Milho
ʃɨna	(N)	Lagarta
ʃɨta	(N)	Dente
ʃɨua	(V)	Costurar
ʃɨuaitun	(N)	Costureira
ʃara	(Adj.)	Bom
ʃaβa	(N)	Dia
ʃaβata	(N)	Claridade
ʃara	(Adj.)	Bom / bem

ʃaɾakapa	(Adj.)	Bonito(a)
ʃakati	(N)	Chocalho
ʃamun	(N)	Pereba
ʃana	(N)	Nome de fruta
ʃani	(Adj.)	Preguiçoso
ʃapa	(N)	Objeto chato
ʃau	(N)	Osso
ʃɨni	(N)	Objeto velho
ʃiɾi	(N)	Batata
ʃiɾu	(N)	Macaxeira brava
ʃiʃi	(N)	Quati
ʃiʃin	(N)	Gongo de paxiubinha
ʃiʃiu	(N)	Gongo de palmeira
ʃikan	(N)	Tipo de palmeira
ʃiki	(N)	Chiqueiro para matar tatu
ʃima	(N)	Sarapó
ʃimun	(N)	Canapum
ʃinʃiɾiβi	(N)	Orelha de burro
ʃina	(N)	Aranha
-ʃinna	(Suf.)	Passado recente
ʃinan	(N)	Pensamento
ʃini	(N)	Marajá
ʃinu	(N)	Macaco (genérico)
ʃipi	(N)	Macaco soim

ʃiua	(N)	Lagarta de murmuru
ʃuʃu	(V)	Brincar
ʃui	(V)	Assar
ʃukaʃi	(N)	Azia
ʃuma	(N)	Peito
ʃumu	(N)	Pote de barro
-ʃun	(Suf.)	Nexo
ʃutaku	(N)	Moça
ʃutaku βakɨ	(N)	Menina
ʃɨkɨʃi	(N)	Bacuri
ʃɨni	(Adj.)	Velho
ʃɨta	(N)	Dente
ʃɨtɨ	(V)	Cheirar

t

tɨnɨ	(V)	Sentir
taɾaia	(N)	Tarauacá
taɾan	(N)	Pau que fica dentro do rio
taɾan	(N)	Lata
taɾan	(N)	Pau que fica dentro do rio
taɾan	(N)	Lata
taɾauaka	(N)	Rio de tronqueira.(Lit.) Nome do município em que fica localizado a Terra

Indígena do Rio Gregório.

tarɨ	(N)	Roupa
tarɨnɨti	(N)	Mala
taʃi	(N)	Pé de árvore
taka	(N)	Fígado
takara	(N)	Galinha
takara βakɨ	(N)	Pinto
taku	(N)	Saracura
tama	(N)	Amendoim
tapan	(N)	Piso, assoalho
tapu	(N)	Ponte
tapun	(N)	Raiz
taritari	(V)	Tremer
tsai	(V)	Falar
tsanas	(N)	Cotiara
tsau	(V)	Sentar
tsua	(V)	Beijar
tsua	()	Quem
turu	(Adj.)	Redondo
tuiku	(N)	Macaco
tukuruʃpi	(N)	Umbigo
tunu	(N)	Mandim (peixe)
turɨ	(N)	Pedaço
tɨʃki	(Adj.)	Torto

tɨʃkɨ	(N)	Trouxa
tɨʃu	(N)	Pescoço
tɨski	(N)	Jandaia

ts

tsai	(V0	Falar
tsanas	(N)	Cotiara
tsau	(V)	Sentar
tsua	(V)	Beijar
tsua	(Pron)	Quem

tʃ

tʃɨhʃɨ	(Adj.)	Preto
tʃai	(Adj.)	Longe
tʃai	(N)	Primo
tʃana	(N)	Japiim (pássaro)
tʃani	(N)	Mentira
tʃapiʃi	(N)	Ostra
tʃapu	(Adj.)	Podre, estragado
tʃatu	(N)	Pessoa de baixa estatura
tʃi	(N)	Fogo
tʃuatʃua	(V)	Tremer
tʃuka	(V)	Lavar
tʃuka	(N)	Roupa rasgada ou velha

tʃuma	(N)	Cuia
tʃuna	(N)	Macaco preto
tʃunnu	(N)	Andorinha
tʃutʃi	(N)	Avó
tʃutʃun	(N)	Rouxinol
tʃuta	(V)	Transar (relações sexuais)
tʃɨrɨ	(N)	Periquito bico de ferro
tʃɨhʃɨpa	(Adj.)	Bem preto

u

-uɨ	(Suf.)	Imperativo
uʂɨ	(N)	Lua
uɨʃa	(V)	Cortar
uɨʃati	(N)	Faca
ũĩti	(N)	Coração
uʂupa	(Adj.)	Branco
uʃa	(V)	Dormir
uʃan	(V)	Sorrir
uʃin	(Adj.)	Vermelho
uʃu	(Adj)	Branco
ua	(N)	Flor
ua	(V)	Fazer
uaɾa	(N)	Lontra
uai	(N)	Roçado

uaka	(N)	Rio
uaka tsuna	(N)	João de barro
uasa	(N)	Macaco de cheiro
uasi	(Adv.)	Sempre
uasi	(N)	Capim
uasɨnɨ	(V)	Rasgar
uhu	(N)	Testículos
uiʃa	(V)	Arranhar
uiʃa	(V)	Escrever
uiʃati	(N)	Caneta
uiʃihu	(N)	Livro(s)
uian	(V)	Ver
uinun	(V)	Vencer
unu	(N)	Bicho de caça
usi	(V)	Misturar
utʃa	(N)	Paxiubinha
utʃiti	(N)	Cachorro
utsa	(N)	Coelho
uɨnai	(Adj.)	Apressado
uɨsti	(Num.)	Um

ß

ßɨ	(V)	Trazer

-βɨ	(Suf)	Comitativo
βɨʂmi	(N)	Cílios
βɨʂu	(Adj)	Cego
βɨtan	(Suf)	Comitativo
βɨru	(N)	Olho
βɨʃpi	(N)	Cílios
βɨnɨ	(N)	Marido
βɨna	(Adj)	Nova
βɨnu	(V)	Esquecer
βɨrin	(N)	Filho
βɨsu	(N)	Rosto
βɨtʃi	(N)	Pele
βari	(N)	Sol
βaʂu	(N)	Tamboatá
βakɨ	(N)	Criança
βakɨuma	(N	Pessoa estéril
βakiʃi	(Adj)	Escuro
βakun	(N)	Mel de abelha
βana	(V)	Plantar
βatʃi	(N	Ovo
βata	(Adj)	Doce
βatanti	(N)	Sal
βemanan	(N)	Testa
βi	(N)	Carapanã

βiʃu	(N)	Espécie de malva
βiʃu	(N)	Olho pequeno
βimi	(N)	Fruta
βin	(N)	Lamparina
βinu	(V)	Perder
βinun	(N)	Buriti
βiski	(Adj)	Magro
βitʃi	(N)	Pele
βitʃinati	(N)	Namorado
βitʃu	(N)	Garça
βitaʃ	(N)	Perna
βiunʂɨ	(N)	Cambraia (fruta)
βuʃta	(N)	Nuvem
βɨɾu	(N)	Olho
βɨʃu	(Adj)	Cego
βɨsu	(N)	Rosto

PORTUGUÊS – YAWANAWÁ

A	
Agora	ɾama
Agradar	imai
Agulha	ʂumuʂɨ
Ajoelhar	ɾatɨ
Ajudar	ɾaβanan
Algodão	ʂapu
Algodoeiro	nai ʂapu
Alma	iunʃin
Amanhã	iamɨɾi
Amarelo	paʃin
Amassar	mutsa
Ameixa	sɨpa
Amendoim	tama
Andar	kãuan
Andorinha	tʃunnu
Animal	iuina
Anta	aua
Antigamente	ɾamaʃtama
Anzol	miʃkiti
Apagado	nuka

Aparecer	mia
Apressado	uɨnai
Aqui	nɨnu
Aracoan	ana
Aranha	ʃina
Arco	piakaniti
Areia	maʃi
Arraia	iβi
Arranhar	uiʃa
Árvore	ni
Assacu	ana
Assar	ʃui
Atirar	kani
Avião	nuiati
Avó	tʃutʃi
Avô paterno	ʂanu
Azia	ʃukaʃi
Azul ou roxo	ʂunan

B

Baço	natsa
Bacuri	ʃɨkɨʃi
Banho	naʃi
Barranco	maua

Barriga	pustu
Barro de várias cores	maʃi
Batata	kari
Batata	ʃiri
Bater	kuʃa
Bater	patsa
Beija-flor	pinu
Beijar	tsua
Bicho de caça	unu
Bigode, barba	kɨʃni
Boi	mui
Bola	putati
Bom / bem	ʃara
Bonito(a)	ʃarakapa
Branco	uʂupa
Branco (Cor)	uʃu
Branco(a) (não-índio)	naua
Brasa	rɨkɨn
Brincar	ʃuʃu
Buraco	kini
Buriti	βinun

C

Cabeça	mapu
Cabelo	hu
Cachorrão (peixe)	ʂɨtaua
Cachorro	kaman
Cachorro	utʃiti
Caiçuma (nome comum)	maman
Caiçuma de macaxeira	matʃu
Cair	pakɨ
Cajá	ʂɨsun
Calango	hɨʃin
Cama de algum animal	nɨnka
Camarão	mapi
Cambraia (fruta)	βiunʂɨ
Caminho	niti
Canapum	ʃimun
Caneta	uiʃati
Canoa	ʂaʂu
Capelão (macaco)	ɾu
Capim	uasi
Caranguejo	ʂatʃu
Carapanã	βi
Careca	maku

Carne	nami
Carniça	pisi
Casa	pɨʃɨ
Casa de antigamente	ʂuhu
Catarro	ɾɨʃu
Catorze	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti ɾaβɨ ɾaβɨ
Cavaco (de pau)	ɨβɨturɨ
Cavar uma canoa	natsa
Cego	βɨʂu
Cerâmica	puɾu
Cérebro	mapurɨsu
Céu	nai
Chapéu	maiti
Chapéu feito de taboca	paka maiti
Chato	ʃapa
Chefe. Patrão	ʂanaihu
Chegar	nuku
Cheirar	ʃɨtɨ
Chifre	manʃun
Chiqueiro para matar tatu	ʃiki
Chocalho	ʃakati
Cílios	βɨʂmi
Cinco	mɨhi uisti

Claridade	ʃaβata
Claro	maβa
Coatipuru	kapa
Cobra	ɾunu
Coceira	ʂua
Coelho	utsa
Coisa / Qualquer coisa	mahu
Coisa vazia	saka
Comer	pi
Como?	auɨsa
Coração	ūīti
Corda	ɾɨsβi
Cortar	uɨʃa
Costelas	piʃi
Costura	ʂɨua
Costureira	ʂɨuaitun
Cotia	maɾi
Cotiara	tsanas
Cozida	pitʃan
Criança	βakɨ
Criança	βakɨhu
Cru(a)	paʃa
Cuia	tʃuma
Cujubim	kuʃu

Cupim	nakaʂɨn
Curto	hutu

D

Dançar	munu
Dente	manakati
Dente	ʂɨta
Dentro	mɨɾa
Depois	ɾama
Descer	hutua
Desenho	kɨnɨ
Dez	mɨhi raβɨ
Dia	ʃaβa
Dizer	iui
Doce	βata
Doente	isin
Doer	isin
Doido	nisun
Dois	ɾaβɨ
Dono. Proprietário	ihu
Dor de cabeça	huʂka
Dormir	uʃa
Doze	mɨhi raβɨ inun mɨtuti raβɨ

E

Embaúba	muʂu
Engolir	ʃɨ
Escorpião	nihu
Escrever	uiʃa
Escuro	βakiʃi
Escuro	kuru
Espécie de malva	βiʃu
Espinho	muʂa
Espirro	atɨʃi
Esquecer	βɨnu
Esteira	piʃin
Estrela	iʃtin

F

Faca	uɨʃati
Falar	tsai
Fazer	ua
Ferida brava	hunu
Fígado	taka
Fígado	taka
Filho	βɨrin
Flecha	pia
Flor	ua

Focinho	ɾɨtʃa
Fogo	tʃi
Formiga	ima
Fósforo	ɾipu
Fraqueza no corpo	nukauan
Frieira	ɾuhun
Frio, gelo	matsi
Fruta	βimi
Fruta roída	ʂɨrua
Fruta verde	ʂuku
Fumo	nauɨ
Fundo	nua

G

Galinha	takara
Gameleira	ʂuβi
Garça	βitʃu
Gato	kɨtsi
Gavião	nauaʃaʃa
Gente	iuɾa
Gongo de palmeira	ʃiʃiu
Gongo de paxiubinha	ʃiʃin
Grande	iuapa
Gravador	maniti

H

História	ʂɨniphu
Homem	nukɨβɨnɨ

I

Inchado	suika
Insosso	paisma
Intestino	atu
Ir	kai

J

Jabuti	ʂauɨ
Jacaré	kapɨ
Jacu	kɨhu
Jandaia	tɨski
Japiim (pássaro)	tʃana
Japó	isku
Jenipapo	nanɨ
Jirau de moquear carne	nati
João de barro	uaka tsuna
Joelhos	ɾatunku
Jogar	puta

L

Lá	kiɾi
Lagarta	ʂɨna
Lagarta de murmuru	ʃiua
Lagoa	ian
Lama	mitʃa
Lamparina	βin
Lata	taɾan
Lavar	tʃuka
Leite	mui ʃuma
Lenha	mɨʃti
Língua	anna
Livro	uiʃi
Longe	tʃai
Lontra	uaɾa
Lua	uʂɨ

M

Macaco	tuiku
Macaco (genérico)	ʃinu
Macaco barrigudo	isu ɾua
Macaco da noite	riru
Macaco de cheiro	uasa
Macaco preto	isu

Macaco preto	tʃuna
Macaco soim	ʃipi
Macaxeira	atsa
Macaxeira brava	ʃiɾu
Macaxeira mastigada	naka
Mãe	ɨua
Magro	βiski
Magro	maina
Mala	taɾinɨti
Malva	muʂu
Mamão	ʂupa
Mandim (peixe)	iʃiʃi
Mão	mɨhi
Marajá	ʃini
Marido	βɨnɨ
Mastigar	nakai
Matar	ɾɨtɨ
Mato	ni
Mel de abelha	βakun
Menina	ʃutaku βakɨ
Menino	bakɨhu
Mentira	tʃani
Milho	ʂɨki
Milho massa	hunaitsu

Misturar	usi
Moça	hutuku
Moça	ʃutaku
Mocinha (peixe)	ɾaiun
Mocotó	mɨpuʃku
Moita	huniʃi
Moqueado	nanɨa
Morcego	kaʃi
Morder	naka
Morrer	na
Mosca	napu
Mostrar	isma
Mucura	maʂu
Mucura de água	ʂasin
Muda de planta	ʂuʂu
Muito	itʃa
Mulher	auinhu
Mulher	auin

N

Nambu	kuma
Nambu pedrês	sɨnɨ
Namorado	βitʃinati
Nariz	ɾɨkin

Nascer	bakɨa
Noite	iamɨ
Nome	anɨ
Nome de fruta	ʃana
Nosso(a)(s)	nukɨna
Nova	βɨna
Nove	mɨhi uisti inun mɨtuti
	ɾaβɨinun ɾaβɨ
Nuvem	βuʃta

O

Objeto chato	ʃapa
Objeto velho	ʃɨni
Oito	mɨhi uisti inun mɨtuti
	ɾaβɨ inun uisti
Óleo	ʂɨni
Olho	βɨru
Olho pequeno	βiʃu
Onde	anu
Onze	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti
	uisti
Orelha	pahinki
Orelha de burro	ʃinʃiɾiβi
Osso	ʃau

Osso externo	ʂuɾɨʃpi
Ostra	tʃapiʃi
Ouricuri	ʂɨhu
Ouvido	pabinki hui
Ouvir	nika
Ovo	βatʃi
P	
Paca	anu
Palavra de admiração	iɾi
Palma da mão	mɨhi nata
Pama	pama
Panema	iupa
Parentes mulheres	ʂahu
Partir	pɨʃa
Pato	nunun
Patoá	isan
Pau	iβi
Pau que fica dentro do rio	taɾan
Pau-d'arco	niʃu
Paxiúba (palmeira)	pɨʃɨ tapan uati
Paxiubinha	utʃa
Pé de árvore	taʃi

Pedaço	turɨ
Pedaço de pau	ʂatɨ
Pedra	maʂaʂɨ
Pedra	miʃkiti
Pegar	atʃi
Peito	ʂutʃi
Peixe (genérico)	iuma
Pelado / careca	maku
Pele	βɨtʃi
Pelos das costas	katʃiʃmi
Pênis	huʃki
Pensamento	ʃinan
Pequeno(a)	iuapama
Perder	βinu
Pereba	ʃamun
Periquiteira (árvore)	mɨɾa
Periquito	pitsu
Periquito bico de ferro	tʃɨɾɨ
Perna	βitaʃ
Pescoço	tɨʃu
Pessoa de baixa estatura	tʃatu
Pessoa desdentada	ʂɨtu
Pessoa estéril	βakɨuma
Pessoa muito preguiçosa	mɨiu

Pessoa valente	isinipa
Piaba	pasi
Piaba pequena	ɾɨtu
Pílula	ɾau ɨʃɨ
Pinta no corpo	ɾuahu
Pintar	kɨnɨa
Pinto	takara βakɨ
Piolho	ia
Piranha	makɨ
Piso, assoalho	tapan
Placenta	ʂama
Plano	mispan
Plantar	βanna
Plural	hu
Poço de água	nɨsturu
Podre, estragado	tʃapu
Pombo	numa
Ponta do nariz	ɾɨpa
Ponta fina	hutsu
Ponta muito fina	ɾɨnhu
Ponte	tapu
Porco-espinho (quandu)	isa
Pote de barro	ʃumu
Povo Yawanawá	iauanaua

Preguiçoso(a)	ʂani
Presa de dente	maku∫pi
Preto	t∫±h∫±pa
Primo	t∫ai
Pupunha	n±nna

Q

Quati	∫i∫i
Quatro	raβ± inun raβ±
Queixada	hunihu
Queixada	iaua
Quem	tsua
Quinze	m±hi raβ± inun uisti

R

Rabo	ina
Rachado (a)	k±∫a
Raiz	tapun
Ralar	nisa
Rapaz	bahu
Rasgar	uas±n±
Rede	pani
Redemoinho	∫±βi
Redondo	turu
Reto(a)	mistan

Rim	karata
Rio	uaka
Roçado	uai
Rosto	βɨsu
Roupa	tari
Roupa rasgada ou velha	tʃuka
Rouxinol	tʃutʃun

S

Saia de dança	ʂɨpanati
Sair	kãi
Sal	βatanti
Saliva	kɨmu
Samaúma	ʂunuan
Sangue /menstruar	imi
Saracura	taku
Sarapó	ʃima
Seio	ʂuma
Seis	mɨhi uisti inun mɨtuti uisti
Sem braço (cobra)	puiauma
Sem dinheiro	pɨiuma
Semente	ɨʃɨ
Sempre	uasi

Sentar	tsau
Sentir	tɨnɨ
Sete	mɨhi uisti inun mɨtuti ɾaβɨ
Sol	βaɾi
Sonho	nama
Soprar	sui
Sorrir	uʃan
Suar	niskan
Subir	ina
Sujo	hui
T	
Tamboatá	βaʂu
Tarauacá	taɾaia
Taripé	mɨi
Tarrafa	nɨuɨtɨ
Tarrafear	nɨwɨ
Tatu	iauiʃi
Tatu canastra	panu
Tatu canastra	panu
Terra	mai
Terra	matʃi
Testa	βemanan

Testículos	uhu
Tingui brabo / tingui da mata	ʂata
Tintura de cabelo	hutʃɨhʃɨuati
Tio	kuka
Tipo de palmeira	ʃikan
Tira	kɨsi
Tocar	mani
Torto	tɨʃki
Trabalhar	ɾaia
Tracajá	nɨʂu
Traíra	miʃku
Transar (relações sexuais)	tʃuta
Trazer	βɨ
Tremer	tʃuatʃua
Tremer	taritari
Três	raβɨ inun uɨsti
Treze	mɨhi ɾaβɨ inun mɨtuti
	ɾaβɨ inun uisti
Tripas	puku
Trouxa	tɨʃkɨ
Tucano	ʂukɨ

U

Um	uɨsti
Umbigo	tukuruʃpi
Unha	mɨtsisi
Urubu	kuʃu

V

Vagina	ʂɨβi
Vassoura	matsuti
Veado	katsu
Velho	anihu
Velho	ʂɨni
Velho(a)	ani-hu
Vencer	uinun
Vento	nɨuɨ
Ver	uian
Vergonha	ɾaβi
Vermelho	uʃin
Vidro	ɾesu
Virilha	ʂaβistati
Voar	nuia
Vomitar	anan

APÊNDICE II

HISTÓRIA DA CRIAÇÃO

Esta história foi narrada por Yawarani Yawanawá, 86 anos. Não fizemos nenhuma adaptação e procuramos, na medida do possível, trancrevê-la mantendo as característica da fala coloquial. Achamos necessário incluir esta narrativa tendo em vista que, além de suprir a carência de informações sobre o grupo, esta é uma tentativa de apresentar / articular a voz do índio que fala sobre si e sobre seu povo.

"Então foi assim: primeiro, já tinha gente. Outro foi caçar, de volta viu um pé de bacuri, uma fruita que tem na mata. Ele viu todo madurinho. Viu, passou no toco dele e contou pros outros: ' óia rapaz acolá eu vi um pé de bacuri carregado. Vamos comer esse bacuri?'. Todo mundo se animou. No outro dia, de manhã: 'bora comer bacuri'. Saíram umas dez pessoas e foram comer bacuri, quando chegou lá se atreparam no pé de bacuri , lá em cima. Aí tavam comendo bacuri lá em cima, tirando e comendo, tirando e comendo. Aí com pouco tempo , debaixo chegou uma anta e falou pra eles: 'que é que tão fazendo lá rapaz?' 'Óia nos tamo aqui comendo bacuri, é bacuri é peito de... de... da anta. A anta ficou com raiva , ficou por ali ...aí a anta bateu com o pé no pé de bacuri. Táááá. O pessoal avoaram no galho de samaúma. De lá, pronto ... Como é que

podia descer ? Aí pelejaram, até que resolveram: 'vamos descer. Como é que nós vamos descer? Nós vamos descer assim: tudo agarrado pelo braço do outro ... vamos aqui descendo pra baixo'. Aí pegaram no braço do outro, arrodeando a samaúma. Até que desceram embaixo. Aí ficou com raiva: ' vamos matar a anta ... judiou com nós'. Foram matar a anta ... aí começaram a matar a anta e começaram a cantar: 'óia nós matemos anta', isso é ... faz de conta que era gente outra pessoa que ele tinha matado. E começaram a cantar ... aí cantava... aí um velho também num ligava com eles ... ficava no canto dele lá, quietinho: ' vou fazer como eles estão fazendo' ... aí acharam que o velho num tava ajudando eles ... aí disse: ' vamos tomar mulher desse velho, ele num tá ajudando nós'. Foram e tomaram a mulher dele. Aí também num disse nada, nem ficou com raiva , nem disse nada. Passou a noite e a mulher, a véia dele tinha levado pra outro canto ... aí ficou lá sozinho. Quando foi dia amanhecendo, ele pegou a flecha dele botou assim ... na palha ... enfiou assim ... com a ponta lá de fora. Saiu e aqui pegou a flecha . Cinco hora da madrugada. Correu, correu, correu, correu tinha outro tribo de índio brabo, esse já é quase num se misturava com eles... já quage intrigado com ele ... aí ... chegou lá. Tinha um caminho que tinha passado, aí olhou, tinha passado uma pessoa ... 'vou matar esse cara' e ficou lá pastorando. Chegou de manhã, lá pra dez oito hora, assim uma nove hora, ficou pastorando. Esperou, esperou esperou até que... negócio de duas hora ... aí ele assoprou: 'fôô fôô'. O cara já vinha de volta. O cara ajeitou a flecha e ficou esperando ... numa espera ...quando viu o cara já vinha chegando perto. Taaaam, com a flecha. O cara caiu ... caiu, quando chegou lá cortou, degolou a cabeça, deixou assim num canto. Partiu para ... reparar dentro do fato... aí tinha uma maçã, tamanho de uma laranja, maçã desse homem. Ele pegou: 'ah, com esse maçã aqui ... eu vou levar esse

maçã, guardar pra eu ter... pra eu levar minha vida com esse maçã'. Pegou na cabeça do homem e trouxe e quando foi negócio de quatro hora, aí ele chegou esse homem com a cabeça do outro. Cabeça do outro. Aí ele jogou assim: 'óia, essa aqui é ... é gente, mas como vocês mata anta véia da mata, vocês diz que é gente, mas essa aqui é gente. A gente mata gente assim'. Os outros, de repente, ficaram com medo. Tudo mundo ficou com medo: ' entrega logo a mulher dele, assim ele vai matar nós também' . Bom ... aí ... entregaram a mulher dele. Esse maçã , primeiro nós fazia uma malotinha de palha ou de cocão. Fazia uma malotinha bem feitinha, tamanho desse coisa aí, pra guardar as coisa dentro. Ele guardou esse maçã dentro ... num tinha nada ... e pendurou assim. E aí começou ... começou assim como que ... uma coisa assim fazia como eu tá falando. na gira: tesh, tesh, tesh , tesh, tesh. Ele abriu para ver o que é que tinha dentro. Só tinha a maçã dentro. 'Que é isso? Será que é a maçã que tá fazendo isso?' Aí guardou de novo e pendurou. Tornaram de novo, começou aquele zoadinha. Quando abriu ... primeiro geração foi ... tinha rabo de japó, bem feito. Chapéu bem feito. Estava dentro da malotazinha. 'Poxa, quem foi que fez?' , mas depois ele pensou, fechou de novo e pendurou de novo. Começou a fazer aquele zoada: tesh, tesh, tesh , tesh, tesh, quando abriu era ... primeiro foi rabo de japó, depois foi rabo de arara, chapéu bem feito. Tava dentro . 'Mas quem é que tá fazendo isso?' 'Isso é maçã que tá fazendo isso'. Aí guardou lá. Depois, de novo aquele zoadinha. Abriu, olhou , era ... cada tribo tinha , tinha chapéu ... dois chapéu num é? Foi reparar, era ... tinha ... casca de cobra ... jibóia. 'Sabe o que é jibóia, num sabe?'. Pois bem, bem feito ... bem bonito chapéu de... tava dentro. 'Poxa, tá muito bom. ' Aí guardou. Depois foi de novo ... tesh, tesh, tesh , tesh, tesh aí foi e reparou ... quando foi reparar era nós, índio Yawanawá. Yawanawá era cabelo de queixada e

tava dentro do chapéu , chapéu de cabelo de queixada, tava dentro ... 'tá muito bom'. Fechou de novo... aí começou de novo ... jaminâwa, jaminâwa não, esses katukina aí. Tinha chapéu ... couro de onça, muito bonito ... bem pintadinho , bem limpinho, tava dentro. Começou de novo tesh, tesh, tesh , tesh, tesh. É pena de...de ... sanhaço, desse sanhaço bem bonitinho ... pena tava dentro. Chapéu de pena. Aí até o derradeiro, quando virou ... quando foi abrir era ... pena de jaburu, desse jaburu grande, desse que gosta de andar no Juruá, né? Tinha pena de chapéu de jaburu. Aí quebrou, quando partiu começou a pular o que tinha começado primeiro ... ave de japó. Virou o pessoal, começou a sair. Chegou até aqui e parou. Depois que pararam foi ... as arara, saiu pro lado, pro lado, pro lado, até que parou. Depois foi ... pessoal de... da cobra. Pulou ... pulou até que parou. Assim foi até o derradeiro. O velho ficou com medo e num disse foi nada, ficou lá no canto, quieto ... calado. Esperaram tanto e o velho num falou nada, então eles começaram: 'ô véi, véi ... venha aqui falar pra nós como é que nós vamos fazer. Foi você que fez nós aqui, hoje. Agora nós tamo aqui ... o que é que você vem dizer pra nós aqui? Vem falar aqui pra nós ...' Aí ele chegou e disse: 'olha pessoal, como vocês tão tudo aqui, junto comigo. Vamos sair por aqui, nesse rumo aqui ...' Muito bem , aí saíram . Esse velho começou a falar: 'agora vamos embora pra casa"

Yawarani Yawanawá

APÊNDICE III

INFOMAÇÕES SOBRE A FASE PRÉ-CONTATO

"Todos os homem, toda mulher com cabelo cumprido, num cortava não , porque num tinha tesoura, num tinha nada. Fazia era ficar com cabelo cumprido".

"Porque o que nós usava é pintar, urucu né? Pintar com jenipapo, tinha tango, num era roupa. As mulher tinha tango que batia aqui pronto. Ele fazia... fiava algodão num sabe? Tirava algodão, fiava aí ... fazia tanga."

Animais de criação

"Criava macaco preto, macaco cairara, arara com aquele rabão comprido, não é ? E ... nambu-galinha, cujubim, jacu ... jacamim, tudo se criava. E hoje num... só cria mesmo galinha."

Frutas

"Não antigamente ninguém num plantava laranja, ninguém num plantava limão, ninguém plantava lima, ninguém plantava tangerina, essas coisa ninguém num sabia . Isso é dos branco. As frutas que nós via plantar, que o índio plantava mamão, é ... plantava mamão, plantava outro ... é ...atsa[1] *. É ... atsa mesmo . Tem*

[1] Macaxeira

diferente de atsa que a gente come cru num come cozinhada nem nada. Arranca e come cruzinho mesmo. A gente plantava mamão, cana, essas coisas assim , sabe? "

Liderança

"Agora que o tuxau, o tuxau mesmo , tuxau mesmo essa casa aqui enchia de mulher do tuxau mas esse assim cada qual pra fazer assim outro era caçador, quando o homem num era num sovinava num num estranhava não né? Tinha muito o dele era dele mesmo o dele ninguém num ... respeitava agora os outros que tavam lá era pra ajudar ele botava outro pra caçador, botava outro pra tirar lenha, botava outro pra botar roçado e...num era assim só só era por isso quando o tuxau era pra ter muita mulher , porque ali as mulher ajunta os homem , manda pra trabalhar num sabe, outro caçador, tirar lenha , outro carrega água faz tudo agora o tuxau, chefe mesmo o tuxau num fazia nada o tuxau mesmo num fazia nada ele aí as mulher ajudava ele também por isso que antigamente os tuxau era pra ter muita mulher por assim não ele sozinho não fazia nada ."

Religião

"A nossa religião... antigamente ... é ... tinha pajé, mas tinha pajé que... o espírito dele tá aqui... de noite, né? O espírito dele, quando ele tá aqui, quando ele vai deitar, se deita pronto aí o espírito dele vai para o céu. Aí, quando chega lá, contava o que tinha visto, lá no céu, muita gente trabalhava, brincava com os outros lá, lá era muito bom. Contava assim né? Num sei se é verdade se é mentira.(...) O pajé ... ele mesmo acontecia... ninguém num botava, ninguém num fazia nada não. Ele mesmo acontecia que ... o pajé assim como uma coisa que... acontece né? Ali, num tem, ninguém num bota ...

ninguém num chama não.. ali talvez o esprito quer ser daquele jeito mesmo. (...) Se eu fosse pajé, como eu tô falando, eu fico deitado aqui, mas meu espirito vai para o céu. Vai para onde eu quiser. Eu fico deitado aqui, dormindo. E aí quando eu chego, pronto, eu me acordo. Eu já conto aquilo que eu vi . (...) Quando ficava doente, botava o pajé num sabe botava o pajé pra conhecer que doença é ... aí o que tem espirito vai deitar ... vai verificar ... aí ... o outro espírito quando vem fala: ah, fulano tá assim, fulano tá ... sentindo esse dor, esse tipo de doença, isso assim... (...)Aí ele tirava, o esprito tirava a doença, essa doença. (...)Num fumava nada. Agora que tomava rapé. Tinha nosso tabaco mesmo de... dos índios mesmo. Isso já acabou-se também. Botava assim no fogo, assim como faz um negócio de tala de cocão, fazia um jirauzinho, bota fogo assim e ai bota ... bota folha ai em cima , ai quando morna vira ... aí seca tudinho, fica bem sequinho. Quando quer fazer rapé, tira um pedaço, bota o espeto bota ali no fogo, aí quando bem ... bem ... como é que diz ... bem sequinho. Aí quando pega amassa tudinho bota dentro ... do pilão de taboca, sabe? Um pedaço de taboca deste tamanho. E tinha, tem um negócio aí pra pisar né? Bota dentro aí, bem pisadinho, bem pisadinho mesmo, deixa nem nada (...)Tinha um negócio assim, é mesmo só pra botar tabaco e soprar: sshit, sshit. Tinha outro que era comprido, né daqui eu soprava e botava no nariz: sshit, sshit."

Casamento

"Casar... é assim o casamento do índio, quando é bem pequenininho deste tamanho aí começa a dormir com ela, como pai né? Como uma filha né? Mas ali só fazia dormir mais ele, nem mexia nem nada até que até crescendo , começando né? Aí, o casamento é assim. Aí conhece que é como pai , é marido legitimo mesmo, quem começou

criar quando cresceu ficou com ela. Então desde pequenininha tá conhecendo como pai mas é marido legitimo."

" Começava a agradar menina, achando bonita né? Aí vai começar , por ali , conversar com ela , amansando ela, aí pega e casa. (...) Ah, quando o ... assim vai caçar pro pai, vai tirar lenha pro pai, bota roçado pro pai, ali trabalha , trabalhava muito né? Num ficava parado. Porque assim o pai gosta muito, aquele que num faz nada, toma e dá a aquele mais trabalhador. Antigamente era assim. Ele deixa aquele preguiçoso lá e ver que aquele tá trabalhando muito, toma dele e dá aquele que é trabalhador. Aquele tirava lenha, caçava, botava roçado e fazia tudo num faltava nada porque nós somos assim quando... depois que nossa filha casar pronto nós já tem outro , a nossa força já maior num precisa mais eu trabalhar, por isso eu fico no meu canto né aí ... (...) Diferente de hoje. É ... assim ... porque diferente ... quando o genro num vai trabalhar, o pai tem que trabalhar pra sustentar a família. Antigamente não! Depois que a filha casou pronto ali entrega tudo. Ali toma conta. Ali vai toma conta de tudo , ele num precisa mandar ele tá vendo, vai trabalhar o genro ali..."

Adoção do nome

(Quando a mulher ia ter menino) Tirava lenha, fazia fogo perto. Ali pra esquentar num sabe, pra num ter frio. Aí fazia fogo acolá assim.. botava o menino desse lado ... e esquentava o menino. Quando o menino nascia, pegava, lavava, enrolava e aí dava pra mãe. Daí pra frente a mãe cuidava. (...) O nosso ... é assim: eu , na nossa lei, eu já chama nome de meu pai, qualquer ... meu mais velho ...todos os quatro tem o nome

de meu pai. Tudinho (...) Agora, mãe do menino chama primeiro o pai .(dela). (Se for menina, é chamada pelo nome da mãe do pai ou da mãe.)"

Moradia

"A casa começava assim como ... o senhor num conhece um defumador ? Começava do chão mesmo, mais alto do que essa casa. Aí é... compridão como aqui na laranja. Ali dentro era pra todo mundo, ali dentro chamava kupixaw.Aí tinha desse lado que tinha ... a onde pode atar rede , tinha dois lados de atar rede. Aqui no meio é a sala onde a gente pode andar, agora tinha dois lados que era pra atar rede. Era como daqui acolá, uma casona. Assim... cinqüenta palmos, só sei assim cinqüenta palmos, como é que se diz assim ... de largura. Agora assim, é quase cem palma, emendava pau pra fazer . Aí começava do chão. aí fechava tudinho, só tinha uma porta."

"Até que, um dia, vei sempre os Katukina sempre andava dentro da maloca dos índios daqui. Primeiramente foi amansado índio Katukina, esse cara que amansou os índio era ... é...era outro, agora é o ... Ângelo Ferreira. Esse Ângelo Ferreira vinha amansando os índios brabo. Aí começaram amansar por lado do peru, vinha amansando todo tempo até que chegou nessa aldeia do índios. Aí o caboco chegou, falou pro patrão, pro chefe, né? O tuxau. Falou pra ele: óia os branco eles quer amansar vocês aqui. Óia que ele já tava vestido, num sabe? Tinha roupa, falou para ele: óia aqui eu tô vestido e foi Ângelo Ferreira que me deu, amansou e deu pra nós. Eles quer fazer assim com vocês, óia vocês não mata. Aí eles tinham ficado lá atrás né? Aí ele veio na frente, veio falar com o chefe, com o tuxau . aí o tuxau ficou assim, ele pensava que ele tava enganando , mas num era pra matar eles tão ali esperando Eu vim falar com vocês, eu

vou buscar eles e bem trazer muita coisa, roupa, muita, muita muito besteira. Aí num é pra vocês matar, num deixa ninguém matar ele, falava. Aí o Vautobo (?) foi buscar ele. Aí vinha doze pessoa , tudo carregado de mercadoria de tudo quanto é de... Esse Abel Pinheiro, não Ângelo Ferreira ele vinha na frente, era um homão , tocando assim sanfona aqui na cabeça ele vinha tocando , tocando. Aí chegaram , toda a bagagem , aí botaram a bagagem assim , aí pegaram a dançar. Óia eu num quero que vocês num mate num mate não aí quando chegou o tuxau tava deitado aí chegou deu num sei o que é aí disse e espalhou a mercadoria que ele tinha levado para eles espalhou tudo e deu um presente para ele, roupa, conta, espelho, levou de tudo, num sabe? Aí deu par eles esses presentes... Aí o índio falou pra esse tuxau: num é para matar , ele está amansando. Agora buscar de novo, vai buscar outro tanto de novo para trazer pra vocês. Num é pra matar mais não. Aí eles concordaram num sabe? Aí depois, pronto. ficando manso e nem matou mais pronto acabou virou." O nome do tuxaua à época do contato era Maroaca.

"Nessa época, brabo o senhor sabe que brabo é brabo. Brabo quando ver uma pessoa assim distranhe num quer saber mata logo. Então começaram a se matar, os peruanos matavam os índios daqui de dentro e os índios matavam os peruanos, assim ia levando todo tempo."